Álbum de recortes sobre RAÍZES DO BRASIL organizado por Dona CECÍLIA BUARQUE DE HOLANDA (irmã do professor SÈRGIO BUARQUE DE HOLANDA). 1936

NO MUNDO DOS LIVROS

Coleção Documentos Brasileiros

536

Uma nova coleção de estudos será lançada brevemente pela Livraria José Olimpio Editora. Falamos da "Coleção de Documentos Brasileiros". Será dirigida por Gilberto Freyre e ninguem melhor que o grande sociologo de "Casa Grande & Senzala" dirigirá uma coleção dessa natureza. A Livraria José Olimpio Editora já tem catalogados nessa coleção os seguintes livros: "Raizes do Brasil" de Sergio Buarque de Holanda, volume que iniciará a coleção, "Nordeste" de Gilberto Freyre, "Os tipos etnicos do Brasil" de Oliveira Viana, "Memorias" e "D. João VI no Brasil" de Oliveira Lima, "Senhor de Engenho" de Julio Belo, "Memorias" do almirante Custodio de Melo e "A Unidade Brasileira" de Afonso A. de Melo Franco.

Bastariam esses titulos e esses autores para dar a esta coleção uma importancia nas nossas letras como não a possuem nenhuma das demais coleções de estudos que se publicam no país. E a direção de Gilberto Freyre é ainda uma garantia de que o leitor só encontrará nessa coleção livros de real interesse, estudos objetivos e serios da nossa formação social.

A "Coleção Documentos Brasileiros" será uma serie de estudos das nossas origens e da nossa formação social, não só do ponto de vista propriamente historico como do etnografico, de folclórico, do antropologico, do sociologico, etc. Tambem incluirá memorias e biografias de figuras que melhor tenham encarnado as fases significativas do desenvolvimento social do Brasil. Estudos, ainda, sobre as regiões mais caracteristicas do pais, suas particularidades de linguagem, de costumes, de vegetação, de produção economica, de arte popular. Estudos sempre documentados. A objectividade será o traço saliente desta coleção que Gilberto Freyre dirigirá.

Com o lançamento desta "Coleção Documentos Brasileiros" presta a Livraria José Olimpio Editora um enorme serviço ao publico ledor do Brasil. Nela aparecerão os livros de maior importaucia paraio estudo do nosso desenvolvimento social e o leitor não precisará para os seus estudos de andar á caça dos livros raros necessarios. A "Coleção Documentos Brasileiros" republicará os fundamentos e irá publicando os maiores estudos que nesse sentido forem sendo escritos no Brasil. Os nomes do diretor da coleção e da casa editora são garantia bastante da sua importancia.

2- "O Jornal" de 25 de Outubro de 1936

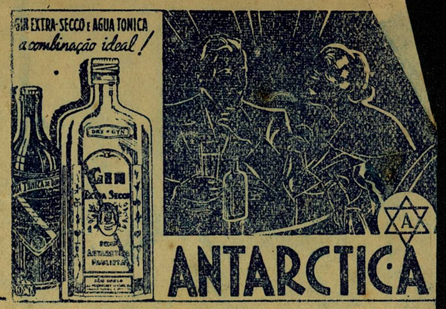
LETRAS E ARTES

O **SENTIDO** um tanto aventuroso que caracterizou a larga phase primeira da occupação da terra que seria o Brasil, a traficancia desenfreada de todo genero, a confusão de raças, as hesitações e audacias alternadas quanto ao aproveitamento dos novos territorios da Coroa, o choque das correntes conquistadoras, tudo concorreu para dar ao cyclo inicial da formação brasileira uma serie de aspectos seductores para os estudiosos de nossa historia. A bibliographia, a respeito, já é vasta mas o thema é de amplitude sufficiente para novas investigações.

Nesse sentido, acaba de ser iniciada mais uma nova serie de "Estudos brasileiros", com o volume "Raizes do Brasil", de Sergio Buarque de Hollanda. Apreciação da origem e formação social, não só do ponto de vista historico, mas tambem anthropologico, folklorico e sociologico, o autor assim assignala, para sua investigação os detalhes, as "etapas" do grande thema:

"Fronteiras da Europa", "Trabalho e Aventura", "O passado agrario", "O homem cordial", "Novos tempos", "A nossa Revolução", "Agitações politicas da America Latina", "Iberismo e Americanismo", "Falta de espirito militar", "Apparelhamento do Estado", "Perspectivas".

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928
RIO DE JANEIRO
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 24-5422
SÃO PAULO
EDIFICIO MARTINELLI-10º
TEL. 2-1740
FOLHA DA MANHÃ
SÃO PAULO 28. OUT. 1936



Livros e idéas

(Para a "Folha da Manhã")

RUBENS DO AMARAL

A livraria José Olympio iniciou agora uma collecção, "Documentos Brasileiros", que se destina a editar estudos historicos, geographicos e anthropologicos nacionaes, biographias, memorias, viagens, tudo quanto sirva a documentar o Brasil nas suas origens e nas suas realizações. O primeiro da série foi "Raizes do Brasil", de Sergio Buarque de Hollanda. A seguir virão obras de Oliveira Lima, Gilberto Freyre, Alberto Rangel, Saint Hilaire, Julio Bello, Affonso Arinos de Mello Franco, Oliveira Vianna, José Americo de Almeida, Octavio Tarquinio de Souza. Mais tarde, "inqueritos, pesquisas, sondagens, investigações, mappas, perfis sociaes que sirvam de documentação exacta á technica do trabalho, ao genero de habitação, á dieta, aos estylos de vida, ao modo de falar, ao desenvolvimento physico e mental do brasileiro de hoje, o das cidades, o das praias, o dos sertões, o caboclo do extremo-norte, o mestiço o paulista, o adulto, o escolar, a criança", como diz em prefacio o sr. Gilberto Freyre.

Na longa lista de autores e obras, apparece um paulista, o sr. Sergio Buarque de Hollanda, que se foi para o Rio e por lá se ficou, e mais uma referencia ao "inquerito sobre alimentação popular em um bairro de São Paulo", ensaio realizado pelo professor Geraldo de Paula Souza com a collaboração dos drs. A. de Ulhôa Cintra e Pedro Egydio de Carvalho. E' só. Entretanto, homens e material não faltariam para uma contribuição mais numerosa da nossa terra á notavel collecção que a livraria José Olympio nos promette. Bastaria citar de memoria, apenas para exemplificar, os trabalhos de Alcantara Machado, de Paulo Prado, de Paulo Setubal, de Alfredo Ellis, de Leoncio Gurgel, de Eugenio Egas, de Plinio Ayrosa, de Cornelio Pires, de Valdomiro Silveira, de tantos outros conhecedores do nosso passado e da nossa formação. Entre muitos, lembremos os livros "Da Propaganda á Presidencia", de Campos Salles", e "Dialecto Caipira", de Amadeu Amaral, este fixando a genese e a evolução da nossa fala regional, aquelle marcando um periodo decisivo da historia republicana.

Mas São Paulo, se tem um glorioso passado, não se alimenta de saudosismo. Nosso hontem, por maior que seja, queremol-o superado pelo nosso amanhã, que estamos forjando na hora presente. E assistir-nos-ia o dever de dizer ao Brasil de agora e do futuro o que fizemos e estamos fazendo com o café e com o algodão, o que é o nosso ensino, o que é a nossa hygiene, o que é o combate á lepra, o que são as nossas instituições scientificas, administrativas ou economicas, numa successão de quadros cujo conjunto forme o panorama da civilização paulista.

Evidentemente, não estamos culpando a casa editora pela quasi completa ausencia de paulistas na sua collecção de documentos brasileiros. A culpa é antes nossa. Nós é que nos fechamos dentro das nossas fronteiras. Nós é que perdemos a força de expansão. Nós é que, sem nos termos tornado caudatarios, deixamos de ser lideres.

O sr. Sergio Buarque de Hollanda deu-nos um estudo interessantissimo sobre a influencia da raça portugueza na formação da nossa psychologia nacional. Revelando conhecimentos que não se improvisam, examinou a alma lusitana; e á ella, não ao clima e á mesticagem, é que o A. filia as qualidades e os defeitos do povo brasileiro, na sua incapacidade de cohesão social, na sua anarchia espiritual e no predominio do espirito individualista que caracteriza a sociedade transplantada da Iberia para a America do Sul. Com a mesma acuidade, retraça as linhas mestras da colonização, nos seus rumos e nos seus systemas, a adaptação da civilização portugueza ao meio lusitano, suas persistencias, derrotas e victorias. De tudo nasceu um povo agrario, que até 88 construiu grandes lavouras, mas não construiu grandes cidades, com a supremacia do homem rural sobre o homem urbano, supremacia essa que se alicerçava na maior riqueza, no maior poderio e, principalmente, no regime agricola-autarchico que fazia dos nossos "landlords" creaturas que na sua economia e consequentemente na sua politica, em toda a sua vida, independiam de alguma fórma do Estado, dos governos. De 88 para cá, golpeada pela Abolição a grande lavoura, começou a marcha para o urbanismo; as usinas, substituindo os engenhos de canna, as fazendas de café, parcellando-se em sitios, reagiram do seu lado; o resultado foi que, nos ultimos quarenta annos, não por força das leis, mas sob o imperio das transformações economicas que acarretaram transformações politicas, assistimos a transformações politicas cujo sentido ainda não se definiu totalmente e só a historia crystalizará.

E' pena que o sr. Buarque de Hollanda, tão notavel na pesquisa e na exposição, seja timido nas conclusões. Seu livro, que é um bello livro, um dos mais bellos livros ultimamente escriptos no Brasil, chega a ser talvez negativista. Nega o nosso liberalismo e, baseado em razões ethnicas e historicas, nega a viabilidade do fascismo entre nós; pelas mesmas razões, negará tambem o communismo. E, então, que é que resta? Ou não ha em "Raizes do Brasil" uma affirmação ou, muito possivelmente, é ella tão subtil que escapou a minha percepção, — o que de certo mais depõe contra mim do que contra o sr. Buarque de Hollanda.

*

Outro paulista, que vive fóra de São Paulo, sem esquecel-o, é o sr. Rodrigo Octavio, o illustre jurisconsulto que é um dos ornamentos da cultura nacional. Ainda agora nos dá dois pequenos tomos que são duas manifestações do seu permanente apêgo á grey: "Foi um dia um Convento...", conferencia lida em São Paulo, a 11 de agosto de 1935, e "São Paulo na formação do Brasil", conferencia pronunciada no Centro Paulista, do Rio de Janeiro, a 25 de janeiro deste anno, commemorando o 382.º anniversario da fundação de Piratininga.

A primeira é uma commovida pagina de saudade. No começo, o historico da Faculdade de Direito, sem a rigidez das datas e a frieza dos nomes, mas feito com alma e com espirito. Depois, o quadro da cidade de cincoenta annos atrás, quando São Paulo, salvo algumas pontas lançadas para as estradas do Rio, de Santos, de Pinheiros, Jundiahy ou Bragança, não transbordara ainda da collina central, limitado pelas igrejas de S. Francisco, da Boa Morte e de S. Bento. E o jurista, que é tambem um homem de letras, figurando honrosamente na Academia Brasileira, se dá no final uma lição de direito, revela no corpo da sua conferencia um alto poder evocativo, que nos leva áquelle anno de 1886, quando São Paulo ainda era uma aldeia, mas começava já a crear outras forças além da Faculdade e dos seus estudantes, desabrochando no progresso que em alguns decennios a faria a terceira cidade da America do Sul.

"São Paulo na formação do Brasil" podia ser uma obra mais completa, mesmo sem sahir dos limites supportaveis de uma conferencia. Ali se fala em João Ramalho e nos bandeirantes, Alexandre de Gusmão tem uma pagina merecida, assim como José Bonifacio e os proceres da Republica. Ficou esquecido, porém, Diogo Feijó, o homem necessario que conduziu o Brasil do primeiro para o segundo reinado. E ficou esquecido, tambem, o café, esse grande patriota e grande benemerito, sem cuja citação não se póde escrever a hodierna historia patria...

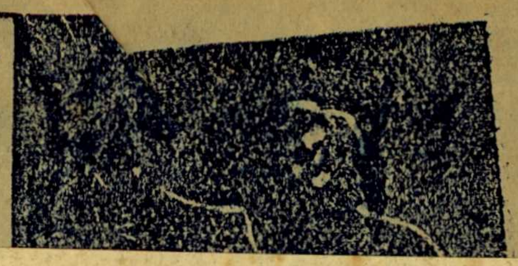
Alexandre de Gusmão por enquanto não teve a popularização da sua gloria, que é ainda sómente um culto dos iniciados na historia do Brasil. Entretanto, foi o grande estadista e grande diplomata que, negociando o tratado de Madrid, obteve o reconhecimento, por parte da Hespanha, das conquistas territoriaes dos paulistas, firmando-se o principio do *uti possidetis* que annullou o tratado de Tordesilhas. Devemos-lhe, pois, a consagração juridica da obra dos bandeirantes, que sem isso ou se perderia ou nos custaria sacrificios immensos para a sua perpetuação.

A esse respeito escreve o sr. Rodrigo Octavio uma pagina, que desejamos seja lida mais uma vez, para apressar a acceitação da sugestão que nella se contém: "Assim agindo, Alexandre de Gusmão, lembrando-se que era paulista, desejou participar do esforço dos seus patricios, em beneficio da grandeza da patria commum e, sabedor das heroicas façanhas dos bandeirantes, quiz, mesmo de longe, e num campo diverso de acção, mostrar-se bandeirante tambem. Taes circumstancias bastam para lhe consagrar a benemerencia; incumbe ao Brasil não deixar no olvido a memoria do seu grande filho. Elle era de São Paulo, padrão de orgulho desse torrão privilegiado da patria, e São Paulo deve contribuir para a gloria do seu filho. As cinzas de Alexandre de Gusmão jazem ainda fóra do Brasil, longe de S. Paulo. Morto em Lisboa, no ultimo dia do anno de 1753, foi dado á sepultura na igreja do convento dos Carmelitas Descalços. Seria obra meritoria promover a trasladação de suas cinzas para o sólo patrio, onde um monumento lhe é devido. E' uma sugestão que aqui deixo á iniciativa do sentimento paternal de S. Paulo".

Quererá a Academia Paulista de Letras ouvir essa sugestão e tomar sobre os hombros a tarefa de realizal-a?

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928

SIN EXTRA-SECCO e AGUA TONICA
a combinação ideal!



LIVROS NOVOS

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA: "Raizes do Brasil" (Liv. José Olympio, Rio, 1936); VARIOAUTORES: "Os Judeus na Historia do Brasil (Uri Zwerling, Editor, Rio, 1936)

A casa editora José Olympio, que excellentes serviços tem prestado ás letras nacionaes, deliberou, agora publicar uma collecção de documentos brasileiros. Essa collecção comprehenderá trabalhos originaes e traducções de livros sobre a nossa terra. A Companhia Editora Nacional, com séde nesta capital, já nos tem dado alguns trabalhos desse genero, quasi todos magnificos. Bem é que a Livraria José Olympio venha collaborar com ella nessa obra meritoria. Tanto mais valiosa ha de ser essa collaboração quanto mais o sr. José Olympio puzer cuidado na escolha dos traductores. Ultimamente, houve, nas livrarias brasileiras, uma verdadeira inundação de traducções. Nem todas, porém, se fizeram, e se fazem com o devido zelo. Muitas são quasi illegiveis. Revelam unicamente, nos traductores, desconhecimento completo assim da lingua estrangeira, que se mettem a traduzir, como da portugueza, para a qual se arriscam a fazer a traducção. E' uma falta imperdoavel dos editores, porque não nos escasseam, felizmente, traductores de primeira ordem. Nenhuma difficuldade terão em descobril-o se se decidirem a lhes remunerar o trabalho com generosidade... Só merecerá apreço a traducção que, do mesmo passo, incorpore na literatura nacional uma obra prima estrangeira e a enriqueça com um novo exemplar de boa linguagem.

A nova collecção da Livraria José Olympio foi inaugurada com um vigoroso ensaio do sr. Sergio Buarque de Hollanda, sobre as "Raizes do Brasil". Prefaciando a obra, o sr. Gilberto Freyre, que é o director da nova collecção, affirma que o escriptor paulista é uma daquellas intelligencias brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analysar, o gosto de interpretar, a alegria intellectual de esclarecer. Rapida leitura do livro confirma a verdade do conceito. O sr. Buarque de Hollanda tem, realmente, a capacidade de analyse e o gosto de interpretar. Talvez, mesmo, se deixe, ás vezes, levar muito longe por esse gosto. O objectivo principal do livro, que ora nos offerece, é verificar se poderemos alimentar em nosso ambiente um typo proprio de cultura. Para isso procura averiguar até onde representamos, nesse ambiente, as formas de vida, as instituições e a visão do mundo de que somos herdeiros e de que nos orgulhamos. A herança que desfrutamos, recebemol-a da Peninsula Iberica, isto é, de uma zona fronteiriça, de transição, menos carregada, por isso mesmo, desse europeismo que, não obstante, mantem como um patrimonio. Devido a factores historicos, que enumera, surgiu na Peninsula um typo de sociedade, que desenvolveria, em alguns sentidos, quasi á margem das congeneres européas e sem dellas receber qualquer incitamento, que já não contivesse em germen. O traço distinctivo, o que dá originalidade ao caracter nacional dos povos ibericos, é a importancia particular que attribuem ao valor proprio da pessoa humana, a autonomia de cada um dos homens em relação ao semelhante. Essa valorisação do individuo explica a tibieza das formas de organisação que impliquem em solidariedade e ordenação entre esses povos. "Em terra onde todos são barões, não é possivel accôrdo collectivo duravel, a não ser por uma força exterior respeitavel e temida". O que domina nesses povos é o principio das competições individuaes. Não se estranhará, com essa ascendencia, que, no Brasil, sempre frutificassem os elementos anarchicos com a cumplicidade ou indolencia displicente das instituições e costumes. "As iniciativas, mesmo quando se fizeram constructivas, foram continuamente no sentido de separar os homens, nunca de os unir".

Se a falta de cohesão é um phenomeno de raizes tão profundas na sociedade brasileira, não se comprehende que, para nos premunir contra a desordem, se preconise a volta á tradição. Por outro lado, essa volta ao passado significaria, apenas, um indice da nossa incapacidade de criar espontaneamente. "As épocas realmente vivas nunca foram tradicionalistas por deliberação".

Será assim mesmo? Só o instincto é que governará os povos? A razão, não concorrerá de modo algum para essa tarefa? O estudo do passado nenhum valor terá para a marcha no presente e para a direcção no futuro? Mas, nesse caso, por que estudar as nossas origens e ir buscar as raizes do que somos?

Calemos as objecções e prosigámos. Nos povos em que o prestigio pessoal é tudo, e independe do nome herdado, o principio da hierarchia social não é forte. Foi, de facto, o que succedeu nos povos ibericos. O accesso ás classes privilegiadas era garantido a quem dellas se fizesse digno pelas suas virtudes. Uma das dominantes desses povos foi a invencivel antipathia contra toda a moral fundada principalmente no culto ao trabalho. "Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excellente e até nobilitante a um bom portuguez, ou a um hespanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia". Para elles só havia uma sorte de disciplina concebivel: a que se funda na excessiva centralisação e na obediencia. Hoje a obediencia, como principio de disciplina, parece uma forma caduca e impraticavel, e dahi, sobretudo, a instabilidade constante da nossa vida social. O contacto e a mistura com as raças aborigenes não nos fizeram tão differentes dos nossos avós de além-mar como gostariamos de sel-o. De Portugal nos veiu a forma actual de nossa cultura: o resto foi materia plastica que se sujeitou, mal ou bem, a essa forma.

As nossas raizes, em summa, mergulham no solo portuguez. E' interessante, por isso, conhecer a maneira como os portuguezes realisaram, aqui, a obra de conquista e de civilisação. Essa obra não se fez em obediencia a um plano methodico e racionalisado nem emanou de uma vontade constructiva e energica. Fez-se um pouco ao Deus dará. Foi mais o aventureiro que o trabalhador o homem que nos conquistou e modelou. E fel-o com extraordinaria destreza. Pode-se mesmo dizer que essa destreza ainda não encontrou segundo exemplo na historia. Os primeiros colonos aclimavam-se facilmente, acceitando o que lhes suggeria o ambiente, sem cuidar de impor-lhe normas fixas e indeleveis. Neste particular, o portuguez differençou-se do hespanhol. Este nunca se identificou, tanto quanto o portuguez, com a terra e com a gente da terra. Superpoz-se a uma e a outra.

Dahi o motivo por que o dominio europeu foi, no Brasil, em geral, brando e molle, menos obediente ás regras e dispositivos, mais conforme á lei da natureza. "A vida foi, aqui, incomparavelmente mais suave, mais acolhedora das dissonancias sociaes, raciaes e até religiosas. Os nossos colonisadores foram, antes de tudo, homens que sabiam repetir bem o que estava feito ou que lhes ensinára a rotina. Bem assentes no solo, não tinham exigencias mentaes muito grandes, e o Ceu parecia-lhes uma realidade excessivamente espiritual, remota, posthuma, para interferir nos seus negocios de todos os dias". Accrescente-se a isto uma ausencia completa de qualquer orgulho de raça e ter-se-á a explicação do que fomos e do que somos, dos nossos vicios e das nossas virtudes, da nossa indisciplina e da nossa bondade. Hoje, como no passado, o que em nós domina é o affectivo, o passional, o irracional.

Ao colonisador portuguez preoccupou menos construir, planejar ou plantar alicerces do que feitorisar uma riqueza facil, quasi ao alcance da mão. Ao contrario do hespanhol, que procurava de preferencia o interior do continente, o portuguez mantinha-se no litoral, habito que só foi contrariado pela fundação de S. Paulo e pelo descobrimento das minas. Esses dois factos alteraram radicalmente a physionomia inicial da colonisação. Se não fossem elles prevaleceria até ao fim, com certeza, o recurso facil da colonisação litoranea, mais adequada á exploração commercial, que caracterisou a colonisação portugueza como, na antiguidade, caracterisou a dos phenicios e a dos gregos. A physionomia mercantil, quasi semita, dessa colonisação, observa o sr. Buarque de Hollanda, exprime-se tão sensivelmente no systema de povoação marginal quando no phenomeno do desequilibrio entre o esplendor rural e a miseria urbana... Mesmo em seus melhores momentos, a obra realisada no Brasil pelos portuguezes teve um caracter accentuado de feitorisação muito mais que de colonisação. Não convinha que se fizessem aqui grandes obras, ao menos quando não produzissem immediatos beneficios. E' essa uma das razões pelas quaes a nossa sociedade colonial se desenvolveu fóra das cidades. A vida do paiz concentrava-se no dominio rural: a cidade era virtualmente, senão de facto, uma simples dependencia deste. A troca de papeis, isto é, o desenvolvimento da cidade com prejuizo do dominio rural só tomaria impulso depois da abolição da escravidão, já nos ultimos tempos do Imperio. Deu-se, aqui, o contrario do que succedeu em outros logares, onde a prosperidade das communidades urbanas se realisou á custa dos centros de producção agricola. Em todo o periodo colonial, as cidades brasileiras nunca deixaram de se resentir fortemente da dictadura dos dominios ruraes. Os senhores de terras foram, por isso, os titulares naturaes das funcções mais importantes que existiam nas cidades. Da preponderancia que esses senhores exerciam nas povoações, é prova eloquente o que se observou em Pernambuco, logar onde a vida social era mais adiantada e

prospera que nas demais regiões do Brasil. Só em 1703 foi que os negociantes alcançaram o direito de concorrer ás eleições para a camara de Olinda... Dessa subordinação da cidade ao dominio rural resultou, mais tarde, quando se accentuou o declinio dos grandes dominios agricolas, a formação de uma burguezia urbana constituida das familias dos antigos senhores ruraes. Essa burguezia procurou, no exercicio de funcções publicas, a mesma digna ociosidade que tanto singularisou os velhos senhores de engenhos dos quaes, disséra Antonil, os escravos eram suas mãos e pés. A burocracia salvou da ruina as familias desses magnatas e tornou-se quasi que um dominio exclusivo dessas familias.

Essa origem da burocracia nacional explica a morosidade e deficiencia dos nossos serviços publicos. "Num paiz que, durante a maior parte de sua existencia, foi uma terra de senhores e de escravos, sem commercio que não estivesse em mãos de estrangeiros, seria impossivel pretender contar com uma burguezia urbana numerosa e apta para esses serviços, que pudesse facilitar outra situação".

A força, que representavam os senhores ruraes, abalada pela Abolição e destruida pela urbanisação avassalladora, não teve, porém, outra que a substituisse. Faz-se mister, á vista disso, que o Estado, sem descahir no despotismo, o qual se não compadece com a doçura de nosso genio, adquira pujança e compostura, grandeza e solicitude. Mas que Estado? O de typo fascista? O de typo integralista? Não. Um Estado, que não elimine de todo o personalismo que tem sido a caracteristica dominante da nossa politica senão de toda a America latina. O que ha de positivo, em a nossa organisação politica, é o personalismo. A formação de "élites" de governantes em torno de personalidades prestigiosas tem sido, ao menos por emquanto, o principio mais fecundo em nossa America. Póde-se, portanto, asseverar que a adopção de principios democraticos e liberaes, não só aqui como nos outros paizes do continente, resultou de um mal-entendido. Não se conclua, porém, que haja incompatibilidade absoluta entre nós e o democratismo liberal.

"Não seria mesmo difficil accentuarem-se certas zonas de confluencia e de sympathia entre as idéas que elle apregôa e certos phenomenos decorrentes das condições peculiares de nossa formação nacional". E' incontestavel a repulsa instinctiva dos povos americanos por toda hierarchia racional, por qualquer composição da sociedade que se torne obstaculo á autonomia do individuo, mas tambem é notoria a impossibilidade, entre esses povos, de uma resistencia efficaz contra certas influencias novas que, em toda parte e nos tempos modernos, foram alliadas das idéas democratico-liberaes. A attitude natural dos povos latino-americanos exige que, por trás da estructura abstracta do Estado, existam personagens de carne e osso. A ausencia de verdadeiros partidos não é, entre nós, a causa de nossa inadaptação ao regime legitimamente democratico, mas, antes, uma consequencia dessa inadaptação. O personalismo é, entre os brasileiros, uma noção positiva. De personalismos é que se tecem as nossas lutas. A ideologia, impessoal e anti-natural, do liberalismo democratico jamais se naturalisou inteiramente entre nós. Só assimilamos esses principios até onde coincidiram com a negação, pura e simples, de autoridade incommoda, confirmaram o nosso instinctivo horror ás hierarchias e nos permittiram tratar com familiaridade os governantes. Um Estado, que não seja despotico, que não se mette a regular tudo como acontecia com o ensaiado pelos jesuitas, no qual, até para o amor, havia horas certas, um Estado, que se harmonise com o nosso personalismo tradicional, mas que seja forte e solicito, é o que melhor se afeiçôa á nossa indole e ás nossas tradições. Desse ideal se avizinhou bastante o Imperio. A imagem do nosso paiz, que vive como projecto e aspiração na consciencia collectiva dos brasileiros, não se póde, com effeito, desligar muito do espirito do Brasil imperial.

Não direi que tudo quanto affirma o sr. Buarque de Hollanda se esquive a objecções. Direi, apenas, que elle defende com muita destreza os seus modos de ver e que esses modos de ver denotam, a um tempo, longo estudo da nossa historia e da nossa psychologia e o habito de lidar com idéas geraes. E' grande, no seu livro, a virtude capital dos bons livros: o estimulo á reflexão e a abertura de largas perspectivas intellectuaes. Andou com felicidade o editor escolhendo-o para volume inaugural da nova collecção de documentos brasileiros, pois que nos obriga a olhar para dentro de nós mesmos e nos convence de que somos ainda uns "desterrados em nossa terra". A verdade, por menos seductora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda nos associa á Peninsula Iberica, e a Portugal especialmente, uma tradição, longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma commum, a despeito de tudo quanto nos separa.

*

"Os Judeus na Historia do Brasil", collectanea de escriptos de varios brasileiros que se dedicam ao estudo da historia, concorrem tambem, para esclarecer alguns pontos da nossa psychologia e da nossa historia. Põem á mostra um outro pedaço das "nossas raizes"... A terra do Brasil ou dos Papagaios esteve arrendada a judeus sob a condição de mandarem, todos os annos, descobrir trezentas leguas de territorio para dentro, fabricarem uma fortaleza no descoberto e a conservarem por tres annos. Começamos, pois, a nossa vida colonial arrendados a judeus. Dos nossos arrendatarios, um dos mais conhecidos, pelo menos de nome, foi Fernão de Noronha. E' provavel que a familias judaicas pertencessem todos os portuguezes cujos nomes se acham ligados aos primeiros dias da nossa historia; Caramuru', João Ramalho, o bacharel de Cananéa, e varios outros de que falam os compendios. O sr. Rodolpho Garcia, que aventa essa hypothese, e nos dá essas informações, observa, com toda razão que, ameaçados, em Portugal, das fogueiras inquisitoriaes, era natural que os christãos-novos procurassem abrigo no Brasil, longe das vistas ferozes de seus perseguidores. O numero dos que se trasladaram para cá cresceu rapidamente. Medicos, mercadores, homens de recursos, o bom e o mau, tudo fugiu para o Brasil. "Forçados pelas perseguições do Santo Officio, desde que começou a funccionar em Lisboa, devem ser sem conto os judeus que abandonaram Portugal para viver no Brasil". Todos, os ricos e os pobres, trataram de augmentar os seus cabedaes na colonia "por meios licitos e tambem illicitos".

Pela sua riqueza e intelligencia esses homens não tardaram a exercer grande influencia na colonia. Judeu era o "Brandonio" dos Dialogos "Das Grandezas do Brasil", "um dos mais substanciosos escriptos sobre o Brasil no primeiro seculo" como judeu, foi, tambem, Bento Teixeira, o da "Prosopopeia".

A despeito da Primeira Visitação do Santo Officio, presidida pelo inquisidor Heitor Furtado de Mendonça, o Brasil continuou a ser, ainda por muito tempo, o refugio e o logar de degredo para os christãos novos. Não só mercadores como tambem senhores de engenho se fizeram esses homens de incansavel actividade, destacando-se, igualmente, no cultivo das letras e no exercicio das profissões liberaes. Durante a occupação hollandeza, "Pernambuco e mais capitanias conquistadas tornaram-se o paraiso dos judeus". A' intervenção de um delles deve-se a obra de Gaspar Barlaeus, "Rerum per octennium in Brasilia", o famoso panegyrico de Nassau e de seu governo". Aqui, em S. Paulo, viveram e prosperaram, graças não só á liberdade, que o sertão garantia, como á indulgente protecção que, nota o sr. Paulo Prado, sempre para os christãos novos mostrava a Companhia de Jesus, protecção que chegou a provocar graves conflictos entre os jesuitas e o Santo Officio. Aqui, continua o illustre escriptor, se estabeleceram em paz, á sombra da independencia paulista, e o seu cruzamento, com os varios elementos que vieram compôr o typo ethnico especifico, é attestado por traços caracteristicos da psychologia do habitante de São Paulo e do meio social em que se desenrolou o drama da sua historia. Já em 1580, numa população portugueza de 120 fogos, havia christãos novos e judeus. No caldeamento de raças e typos, que se operou em S. Paulo, o judeu concorreu com o elemento intelligente, voluntarioso e irriquieto e, sobretudo, com a rediviva preoccupação de enriquecimento, que, em toda a parte, o assignala como um pioneiro de civilisação e progresso. Na psyché collectiva das tribus de Israel e do povo paulista, conclue o sr. Paulo Prado, ha aspectos de uma impressionante semelhança. São, por exemplo, o perseverante, tenaz e resistente "arrivismo", no sentido menos pejorativo da expressão, e a notavel faculdade de adaptação voluntaria que, de caçador de indios, de mineiro, de povoador e conquistador, converteu o habitante do planalto no moderno "grilleiro" e "bugreiro".

No Brasil, frisa o sr. Rodolfo Garcia, apesar de quantas prevenções, a verdade é que o sangue israelita sempre se misturou com o sangue christão, mesmo nas familias de presumida nobreza. Decorridos mais de seculo e meio da promulgação das leis pombalinas, o elemento judeu póde considerar-se completamente absorvido na grande massa da população brasileira.

A fusão do judeu na familia brasileira não se operou, todavia, com inalteravel suavidade. As Visitações do Santo Officio e a expulsão dos hollandezes trouxeram para os judeus, principalmente no norte, dias amargos. A expulsão dos hollandezes, commenta o sr. Solidonio Leite Filho, assegurando ao Santo Officio o direito de dispôr da vida e bens dos novos subditos de Portugal, provocou a debandada dos que haviam publicamente professado a religião mosaica. Com os vencidos, voltaram para a Hollanda os mais poderosos e influentes. Outros buscaram refugio nas proprias terras americanas como, por exemplo, nas Antilhas. Dessa emigração ficou memoria, em Port-Royal, na denominação de um bairro: "Petit Brésil".

O sr. Gilberto Freyre prende ao exodo dos judeus brasileiros para o estrangeiro, quando cahiu o dominio hollandez, a existencia, ainda hoje, em Nova York, de um cemiterio de aristocratas judeus chamado "Brasilian Cemitery".

Sem embargo das perseguições, que se seguiram á queda do dominio hollandez ou das que se fizeram durante as Visitações do Santo Officio, a verdade é, assevera o sr. Arthur Ramos, que os judeus, como qualquer outro povo, sempre se sentiram á vontade entre nós. Contribuiram, como todos os outros, para a nossa mestiçagem biologica, psychologica e sociologica. E não é possivel acabar com elles, remata o sr. Afranio Peixoto. Mas por que acabar com elles? O melhor não seria bater nos peitos e volver de um erro de tres mil annos? Não nos esqueçamos de que, no Brasil, nunca houve "ghettos" nem "pogroms". Sempre foram desconhecidas, aqui, as doutrinas de racismos truculentos. Queiramos ou não, ha, em nossas veias, muito sangue israelita. Do negro, do indio e do judeu, rebele-se, ou não, a nossa vaidade, ha de haver, sempre, alguma coisa em todos nós...

Plinio Barreto

5

A Nação de 25 de Outubro de 1936

* * *

Com o volume: **Raizes do Brasil** de Sergio Buarque de Hollanda, inaugurou a Livraria Jose Olympio a sua nova collecção: "Documentos Brasileiros".

A leitura material deste livro e simplesmente encantadora. E o seu conteudo de pensamento merece reflexão demorada. Delle dira mais longamente o nosso critico literario.

PUBLICAÇÕES

"RAIZES DO BRASIL" — SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — EDITORA JOSE' OLYMPIO, RIO.

As novas directrizes que está tomando a intelligencia brasileira são bem differentes dos rumos seguidos, até ha pouco tempo pela maioria dos nossos intellectuaes. Ha, principalmente nos novos, um desejo sadio de pesquisar, de inquirir, de explicar racionalmente todos os multiplos problemas que se apresentam aos seus olhos avidos de conhecimentos.

Sergio Buarque de Hollanda situa-se entre os que mais efficientemente têm trilhado esse caminho. O livro: "Raizes do Brasil" que acaba de publicar, iniciando a collecção "Documentos Brasileiros" creada pela Livraria José Olympio Editora e dirigida pelo sociologo Gilberto Freire, é o resultado de um acurado estudo, de uma paciente pesquisa, e diz bem da capacidade invulgar do seu auctor para esse genero de estudos.

Nos capitulos que começam esse ensaio, intitulados: "Fronteiras da Europa", "Trabalho e aventura", "O passado agrario", "O homem cordial", "Novos Tempos" e "Nossa revolução", o auctor estuda a nossa evolução, desde os phenomenos caracteristicos do descobrimento e colonização, até o momento actual, provando possuir um vasto cabedal de conhecimentos e uma segura visão para distinguir e julgar com acerto.

Alliando a essas virtudes de pesquisador os meritos de prosador claro e elegante, consegue o auctor dar ao seu trabalho verdadeiramente valioso, uma feição agradavel, tornando-se a sua leitura um requintado prazer espiritual.

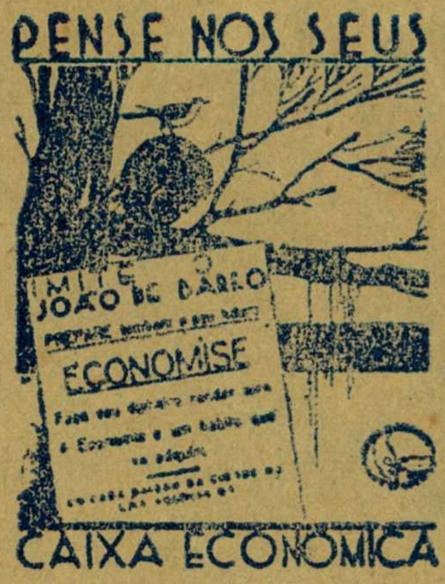
Tambem a elegante feitura material dada pela Livraria José Olympio Editora a esse volume n. 1 da collecção "Documentos Brasileiros", é digna de registro. Um trabalho sobrio, elegante, cuidadoso. Parabens aos seus confeccionadores.

"Minas Geraes"
(Bello Horizonte)
de
31-10-1936

7

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 178
TEL. 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10°
TEL. 2-1740 — S. PAULO

A RUA
RIO DE JANEIRO
31 de Outubro 1936



NOTA BIBLIOGRAPHICA

"RAIZES DO BRASIL" — SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — EDITORA JOSE' OLYMPIO

Acaba de apparecer o livro n. 1 da collecção: "Documentos Brasileiros", Creada pela Livraria José Olympio Editora, sob a direcção de Gilberto Freyre, o sociologo que todo o Brasil conhece e admira. Esse livro e de autoria do conhecido escriptor paulista Sergio Buarque de Hollanda, tendo o titulo de "Raizes do Brasil".

Trata-se de um estudo muito sério das nossas origens, dos aspectos mas significativos da nossa formação, e da interpretação desses factos de origem e os seus effeitos em nossa actualidade. Poucos conseguiriam dar a esse trabalho a amplitude, a profundidade e o brilho que lhe soube dar o autor de "Raizes do Brasil".

Realmente poucos possuem como o jovem escriptor capacidade tão lucida e analista, servida por uma solida cultura, o que lhe faculta a interpretação logica dos motivos que estuda. Assim vemos nesse livro que acaba de apparecer um panorama do Brasil, desde os factos do seu descobrimento, colonização, influencias mesologicas, fatores economicos, fatores politicos, actuando todos dentro dos seus circulos, para o conjuncto geral, para dar o aspecto que hoje tem a nossa nacionalidade, muitas vezes desconcertantes, para os que teem o justo conhecimento das suas causas.

No livro de Sergio Buarque de Hollanda não ha affirmação que não esteja firmemente documentada. O autor não divaga, não arrisca conclusões. Registá o facto, exhibe o documento e conclue com segurança, com logica, com clareza. Isso feito com methodo, com precisão, da ao seu trabalho, uma autoridade que não póde ser discutida.

E' assim, uma grande realização da nossa cultura o livro: "Raizes do Brasil".

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10°
TEL. 2-1740 — S. PAULO

Minas Geraes
BELLO HORIZONTE
Minas Geraes
31 OUT 1935

PUBLICAÇÕES

"RAIZES DO BRASIL" — SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — EDITORA JOSE' OLYMPIO, RIO.

As novas directrizes que está tomando a intelligencia brasileira são bem differentes dos rumos seguidos, até ha pouco tempo pela maioria dos nossos intellectuaes. Ha, principalmente nos novos, um desejo sadio de pesquisar, de inquirir, de explicar racionalmente todos os multiplos problemas que se apresentam aos seus olhos avidos de conhecimentos.

Sergio Buarque de Hollanda situa-se entre os que mais efficientemente têm trilhado esse caminho. O livro: "Raizes do Brasil" que acaba de publicar, iniciando a collecção "Documentos Brasileiros" creada pela Livraria José Olympio Editora e dirigida pelo sociologo Gilberto Freire, é o resultado de um acurado estudo, de uma paciente pesquisa, e diz bem da capacidade invulgar do seu auctor para esse genero de estudos.

Nos capitulos que começam esse ensaio, intitulados: "Fronteiras da Europa", "Trabalho e aventura", "O passado agrario", "O homem cordial", "Novos Tempos" e "Nossa revolução", o auctor estuda a nossa evolução, desde os phenomenos caracteristicos do descobrimento e colonização, até o momento actual, provando possuir um vasto cabedal de conhecimentos e uma segura visão para distinguir e julgar com acerto.

Alliando a essas virtudes de pesquisador os meritos de prosador claro e elegante, consegue o auctor dar ao seu trabalho verdadeiramente valioso, uma feição agradavel, tornando-se a sua leitura um requintado prazer espiritual.

Tambem a elegante feitura material dada pela Livraria José Olympio Editora a esse volume n. 1 da collecção "Documentos Brasileiros", é digna de registro. Um trabalho sobrio, elegante, cuidadoso. Parabens aos seus confeccionadores.

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES 370
TEL. 43-0424 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 16º
TEL. 2-4740 - S. PAULO

Diario de Noticias
Rio de Janeiro
1 NOV 1936

"Raizes do Brasil", de Landa, Livraria José Olympio

Sergio Buarque de Hollanda, acaba de publicar um livro de estudo sobre a formação social brasileira. Esse livro que é o primeiro a apparecer na colecção: "Documentos Brasileiros", organizada pela Livraria José Olympio Editora, sob a direcção de Gilberto Freyre, o extraordinario socialogo de "Casa Grande e Senzala", tem como poucos, um caracter de investigação cuidadosa, de pesquiza erudita, para a interpretação racional, dos mais diversos phenomenos formadores da nossa realidade actual. Possuindo o autor uma extraordinaria capacidade de analista, e um poderoso senso de interpretação das causas e effeitos, entre o emaranhado dos atalhos que se abrem para o pesquizador conseguinte evital-os para encontrar o caminho real, conseguiu tambem, partindo dos remotos factos do nosso descobrimento e da nossa colonização, fazer o estudo logico da nossa evolução social, e uma explicação muito clara, da nossa psycologia de povo, como producto dos mais diversos e por vezes contrarios factores.

Compõe-se o livro de sete grandes capitulos onde os diversos themas são tratados sempre com grande somma de conhecimento. Intitulam-se: "Fronteiras da Europa", "Trabalho e Aventura", "O Passado Agrario", "O Homem cordial", "Novos Tempos" e "Nossa Revolução".

Sob uma feição material das mais luxuosas e contendo materia tão escolhida, não é de admirar o exito que está alcançando a Livraria José Olympio Editora com a publicação desse livro de Sergio Buarque de Hollanda.

N. L.

10

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 176
TEL. 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740 — S. PAULO

JORNAL DO COMMERCIO
RIO DE JANEIRO

1 de Novembro 1936

É O JURO
QUE A
CAIXA ECONOMICA
PAGA AOS SEUS
DEPOSITANTES EM GL. ATÉ
20:000$000
DEPOSITOS
DESDE

ACADEMIA BRASILEIRA

Realizou-se na ultima quinta-feira, a sessão semanal da Academia Brasileira de Letras, presentes os Srs. Laudelino Freire, Presidente; Amoroso Lima, Secretario Geral interino; Miguel Osorio de Almeida, 1º Secretario; Mucio Leão, 2º Secretario; Antonio Austregésilo, Thesoureiro; Adelmar Tavares, Affonso Celso, Afranio Peixoto, Aquino Correia, Ataulpho de Paiva, Celso Vieira, Claudio de Souza, Fernando Magalhães, Filinto de Almeida, Gustavo Barroso, Helio Lobo, Olegario Mariano, Pereira da Silva, Ramiz Galvão, Rodolpho Garcia, Roquette Pinto, Victor Viana, e os membros correspondentes Srs. João de Barros e João Luso.

Expediente: — Officio do director da revista "America Hespanhola", communicando que do dia 11 de Novembro proximo a 10 de Dezembro se realizará na cidade de Cartagena (Colombia), a 2ª exposição do Livro Hispano-Americano. O convite é extensivo a todas as associações literarias do Brasil, aos homens de letras e casas editoras. Os livros deverão ser enviados á direcção daquella revista sob registro, para evitar extravios. A mesma revista publicará em edição especial a relação das obras exhibidas, dos premios conferidos e dos actos realizados durante aquelle certame cultural.

— O Sr. Adelmar Tavares disse que "tinha grande satisfação em trazer á Academia o novo livro de Celso Vieira, "Aspectos do Brasil", que era mais um attestado de belleza do pensamento do companheiro de todos os dias. Trabalho de escriptor, sociologo e poeta, onde os assumptos são feridos superiormente, e dão verdadeiro prazer intellectual, passeiar por essas bellas paginas que photographam com tão vivo colorido palpitantes aspectos do panorama brasileiro. Ora, como um Fabre ou um Materlinck vemol-o preoccupado com as abelhas e as formigas, ora historiador erudito, embelleza na riqueza do seu estylo, figuras da Historia Patria, como nas paginas consagradas a Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. Emfim, um precioso presente de Celso Vieira á bibliotheca da casa".

— O Sr. Mucio Leão offereceu tambem com palavras elogiosas para os respectivos autores os livros "Tendencias e directrizes da Escola Secundaria" (aspectos de sociologia educacional), do Sr. A. Carneiro Leão, e "Raizes do Brasil", do Sr. Sergio Buarque de Hollanda.

O Sr. João de Barros agradeceu á Academia o acolhimento carinhoso e a sessão especial com que o distinguiu. Aproveitou o ensejo para communicar o seu proximo regresso a Portugal, onde a Academia terá, em sua pessoa, não apenas um socio correspondente, mas um amigo dedicado, sempre disposto a servil-a.

O Sr. Presidente disse que a Academia via com pesar a partida do seu illustre consocio, cuja rapida demora no Brasil deixa em todos os collegas antecipadas e profundas saudades.

O Sr. Amoroso Lima discorreu ao microphone sobre o thema: "A critica no Brasil".

Para occupar o microphone na proxima sessão ordinaria, dia 12 do corrente, foi designado o Sr. Rodolpho Garcia.

Para a bibliotheca foram offerecidos os seguintes volumes: "Spiritus Maledictus", de João Suriñach, Rio, 1936; "Relações entre Portugal e a Tchecoslovaquia", de Henrique de Campos Ferreira Lima, Villa Nova de Famalicão, 1936; "Legião Polaca ou Legião da Rainha Dona Maria Segunda", de Henrique de Campos Lima; "Revista Bimestre Cubana", "Boletim da Academia Argentina de Letras", "Boletim do Instituto de Philosophia da Universidade Nacional de Córdoba", (R. A.), "A Ordem", ultimos numeros.

— Na proxima quinta-feira, 5 do corrente, realiza-se, ás 17 horas, a sessão publica da Academia Brasileira de Letras em homenagem á Republica Argentina, na pessoa de seu Embaixador, S. Ex. o Sr. D. Ramón J. Cárcano, distinto homem de letras.

S. Ex. será saudado pelo Sr. Fernando Magalhães.

A entrada é franca. Não ha convites especiaes.

11

Raizes do Brasil

por Sergio Buarque de Hollanda -- Liv. José Olympio, Ed.

HENRY LEONARDOS

Primeiro da Collecção de Documentos Brasileiros, o livro de Sergio Buarque de Hollanda — Raizes do Brasil, começa por destacar "o facto verdadeiramente fundamental de constituirmos o unico esforço, bem succedido, e em larga escala, de transplantação da cultura européa para uma zona de clima tropical e sub-tropical". Affirma que "não existe para os povos ibericos outra sorte de disciplina concebivel além da que se funde na excessiva centralização e na obediencia, ainda que só por excepção se manifeste" e, mais adeante "hoje a obediencia como principio de disciplina parece uma forma caduca e impraticavel, e dahi sobretudo a instabilidade constante da nossa vida social".

Nesse preambulo — Fronteiras da Europa — tem-se de observar que não fomos os unicos recepientes da cultura européa (haja vista a America Hespanhola e a Anglo-Saxonia, tão penetradas quanto nós, ou até mesmo mais, por aquella cultura). Observe-se, tambem, que os povos ibericos (a admittir-se, de passagem, que nenhuma differença existe entre elles todos ou siquer, mais restrictamente, entre os de Portugal e os de Hespanha) conceberam, perfeitamente, a necessidade de adoptar no Novo Mundo uma disciplina que não foi nem centralizadora, nem de obediencia cega ou passiva. A intelligencia mesma dos factos e das condições do meio obrigaram-os a dar prova de que eram, como o foram, capazes de crear e de seguir uma nova disciplina. Finalmente, naquelle cap. I, reconhecendo-se que a instabilidade da vida social decorre do conceito que julga caduca e impraticavel a obediencia como principio de disciplina, denuncia um estado de desordem mental realmente assombroso, mas, como o autor, em outro capitulo, repelle por exoticos, o communismo e o fascismo, não será facil perceber-se qual o principio de disciplina que lhe deva merecer sympathias, ou que lhe pareça convir no emprego contra a crise social.

Nas onze paginas que formam esse accidentado capitulo, as raizes do Brasil terão de ser descobertas sómente por entre o desmonte das multiplas considerações vagas que ali estão a recobril-as, protegendo-as contra olhares menos discretos.

No cap. II — Trabalho e Aventura — sem nada adeantar ao que a respeito já se tem escripto, confronta a continuidade do esforço portuguez, creador de "uma nova patria, longe da sua", com a transitoria e mallograda intromissão hollandeza.

Nos capitulos III e IV — "O Passado Agrario" — os estudos dos historiadores da colonia e do Imperio e da Republica servem de pretexto para generalizações, nem sempre logicamente apoiadas em outras passagens do livro; "a estabilidade do dominio rural esteve sempre, no Brasil, em funcção da productividade do sólo"; em "uma terra de senhores e de escravos, sem commercio que não estivesse em mãos de estrangeiros seria impossivel... uma burguezia urbana numerosa e apta para esses serviços (serviços publicos)"; "com o incremento das cidades e a formação de classes", "o predominio esmagador do ruralismo, segundo as apparencias, foi antes um phenomeno typico do esforço colonizador dos portuguezes de que uma imposição fatal do meio"; "os portuguezes... creavam difficuldades ás entradas das terras a dentro, "dentro da tera firme pelo sertão as (villas) não poderam fazer menos espaço de seys legoas de hua a outra ; "para esses homens (os conquistadores hespanhóes) o mar certamente não existia senão como obstaculo a vencer. Nem existiam as terras do littoral, a não ser como accesso ao interior."

Nestas citações ha o bastante para fazer sentir o empenho com que o autor se esforça por apresentar as raizes do Brasil, até mesmo na brevidade com que ella passa da exposição dos aspectos de um scenario á conclusão geral, rapidamente deduzida.

Uma definição por negação mas e ao inicio do capitulo V — "O homem Cordial" — apresentando o Estado em opposição ao circulo familiar. Attribue-se ali á "religiosidade de superficie" a incapacidade para "impor uma ordem" conclue-se "... a nossa Republi tendo sido feita pelos positivis

e a nossa independencia... obra de maçons." E a Egreja, com frei Sampaio? E os patriotas, Ledo e outros? E os propagandistas da Republica? E os abolicionistas?

Os dois capitulos restantes consistem em largos commentarios sobre hypotheses politicas do presente e seguem-se-lhes, em appendice, cinco notas, á ultima das quaes, préviamente indicada a pagina 158 a proposito de "fermentos de dissolução" social, reproduz a critica do autor, no "Boletim de Ariel", de 1933, ao livro "Machiavel e o Brasil", de Octavio de Faria. Daquella pagina 158 até o final 161 e na citada nota, o autor ataca ostensivamente o Integralismo que, segundo lhe parece "no plano theorico... fica satisfeito com ser perfeitamente insignificante... O que deseja no intimo... é a chancella, o "nihil obstat" da autoridade civil. Segue nesse ponto a grande tradição brasileira, que nunca deixou funccionar os verdadeiros partidos da opposição..."

Não é de extranhar semelhante apreciação em quem, como o autor assim se manifesta a paginas 131, referindo-se ao systema constitucional do Imperio: "A divisão politica, segundo o modelo inglez, em dois partidos menos representativos de ideologias do que de personalidades e de familias, satisfazia nossa necessidade fundamental de solidariedade e de lucta".

Entretanto, anteriormente, pagina 122, o mesmo autor já sentenciara: "A democracia no Brasil foi sempre um mal-entendido. Uma aristocracia rural e semi-feudal importou-a e tratou de accommodar-se como lhe fosse possivel ás suas leis, que tinham sido justamente a bandeira de combate da burguezia européa contra os aristocratas, e isso só porque essas leis pareciam as mais acertadas para a época e eram exaltadas nos livros e nos discursos." A esclarecer o confronto destas duas ultimas citações entre si bastará isto que se lê a pagina 113: "E' frequente entre os brasileiros que se presumem intellectuaes, a facilidade com que se alimentam, ao mesmo tempo, de doutrinas dos mais variados matizes e com que sustentam, simultaneamente, as convicções mais dispares."

Erudito e estudioso, que é, Sergio Buarque de Hollanda deverá esforçar-se por apresentar melhor e sem paixão, as raizes do Brasil, e, então, se lhe approuver, verificará que com ellas estão identificadas as do Integralismo; estas não foram implantadas por copia de importação, nem precisando de ir, além fronteiras, buscar o sólo que as aquece e as anima. Nem são, portanto, como as das doutrinas do comtismo e do marxismo, que embora as tangenciando sómente, elle mesmo se incumbia de verberar na origem, na concepção, no processo de adopção e até no desvio das directivas capitaes. Será util, portanto, conhecer o que se tem operado na marcha triumphal do Integralismo, depois daquella critica de 1933, até porque o Integralismo não para, não tem parado e não poderá parar: é uma revolução permanente, evoluindo sempre, conforme, repetidamente, tem declarado o Chefe Nacional.

E assim estudando, o autor, por certo, fará as Raizes do Brasil approfundarem-se na terra brasileira onde já se está constituindo UMA GRANDE NAÇÃO.

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 24-5422 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1760 - S. PAULO

Monitor Campista
CAMPOS
Estado do Rio

3 NOV 1936

É O JURO QUE A CAIXA ECONOMICA
4 1/2 % AO ANO
PAGA EM C/C ATÉ
20:000$000
Capitalisados semestralmente

Registro de Livros

"Raizes do Brasil"-Sergio Buarque de Hollanda - Livraria José Olympio

O Livro: «Raizes do Brasil», de autoria do escriptor Sergio Buarque de Hollanda, que a Livraria José Olympio Editora vem de publicar, iniciando a serio; «Documentos Brasileiros». está constituindo, com o successo que já está alcançado, um acontecimento em nossos circulos intelectuaes. Pela sua seriedade, pela profundesa das suas observações, pela sua copiosa documentação pela justesa dos conceitos emittidos e das conclusões alcançadas. o Sr. Sergio Buarque de Hollanda, com a publicação desse livro, vem se collocar definitivamente entre os nossos mais conceituados estudiosos dos nossos assumptos, dos nossos problemas, como um dos seus mais esclarecidos interpretadores, um dos nossos mais perspicases analistas.

Espirito aberto a todas as formas modernas de cultura, possuindo no grau mais elevado uma comprehensão nitida dos phenomenos formadores da nossa evolução, consegue encontrar o verdadeiro sentido em que tem se processado esse desenvolvimento, acompanhando-o, passo a passo, desvendando-lhe as cauzas, estudando-lhe os effeitos, delimitando lhe as etapas, até alcançar os resultados actuaes que, depois dessa explicaçãe tnteligente, apparecem logicos, coeherentes com os motivos. Essa claresa de exposição provem não somente do estylo preciso do autor, como do seu methodo racional de ordenar os assumptos, dando-lhes o seu verdadeiro lugar no conjuncto da obra.

Pode-se verificar a amplitude do trabalho do jovem escriptor, pela simples enumeração dos capitulos que formam o seu livro. São elles: «Fronteiras da Europa», «Trabalho e Aventura», «O Passado Agrario», «O Homem Cordial», «Novos Tempos» e «Nossa Revolução».

E, emfim, um livro que em verdade honra a nossa cultura.

HISTORIA DA AMAZONIA — POR PEREGRINO JUNIOR — EDITORA JOSE' OLYMPIO

Mais um livro de Peregrino Junior acaba de apparecer nas mentras das livrarias. Trata-se do volume de contos regionaes, a que o autor deu o nome «Historia da Amazonia», e que foi luxuosamente publicado pela Livraria José Olympio editora, na sua celebre collecção: «O Romance e o Conto», onde teem apparecido os nomes dos nossos melhores contistas e romancistas contemporraneos.

Explorando os motivos da luta do homem contra o meio hostil dentro desse mundo imenso que é a Amazonia, cheia de encanto e cheia de horror, o autor consegue, em alguns contos cheios de humanidade e de bellesa, dar ao leitor uma visão muito real desse mundo e dessa lucta, nos seus mais sugestivos detalhes, nas suas mais interessantes minucias.

Mas vae mais além o seu poder de desvendar. Não se contenta em revelar paisagens. Desnuda tambem algumas almas. Veja-se o conto «Bitinha» «Barbara» é toda uma tragedia. «Putirum de Fantasmas» é qualquer coisa de imensamente doloroso.

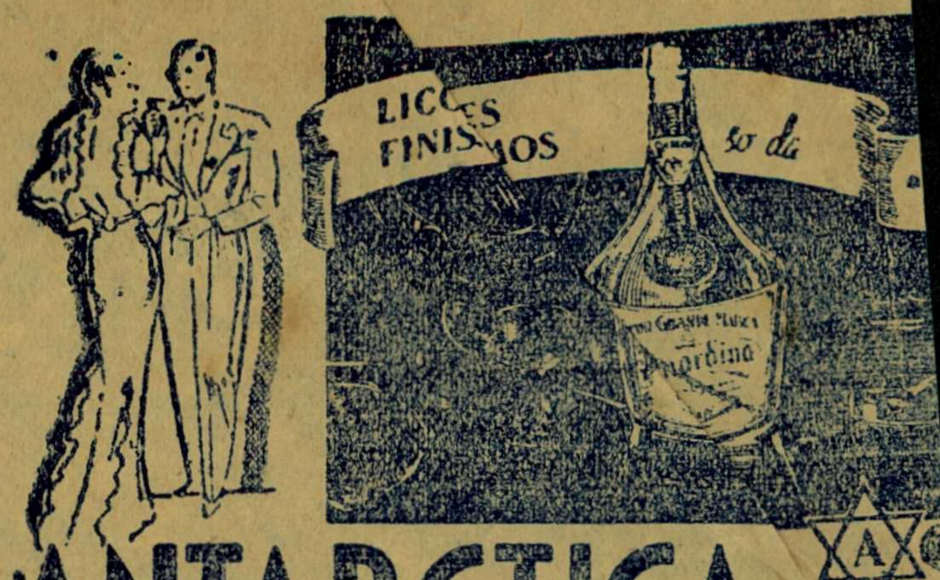
Assim, todos os contos desse livro. Poucos poderão excede-lo. Peregrino Junior e, sem nenhuma duvida, um dos mais sugestivos dos nossos contistas regionas. «Historia da Amazonia» marca o successo que está alcançando

2a. EDICÃO DE «O MOLEQUE RICARDO» — Está alcançando grande successo a 2a. edição do romance de José Lins do Rego; «O Moleque Ricardo», que é o quarto livro de serie, Ciclo da cana de Assucar. Esse livro está editado na coleção: «O Romance e o Conto» da Livraria José Olympio Editora.

13

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928
RIO DE JANEIRO
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 24-5422
SÃO PAULO
EDIFICIO MARTINELLI-10º
TEL. 2-1740

DIARIO DA NOITE
SÃO PAULO
3. NOV. 1936



"Raizes do Brasil", de Sergio Buarque de Hollanda, na Editora José Olympio

As novas directrizes que está tomando a intelligencia brasileira são bem differentes dos rumos seguidos, até ha pouco tempo pela maioria dos nossos intellectuaes. Ha, principalmente nos novos, um desejo sadio de pesquizar, de irquirir, de explicar racionalmente os multiplos problemas que se apresentam aos seus olhos ávidos de conhecimentos.

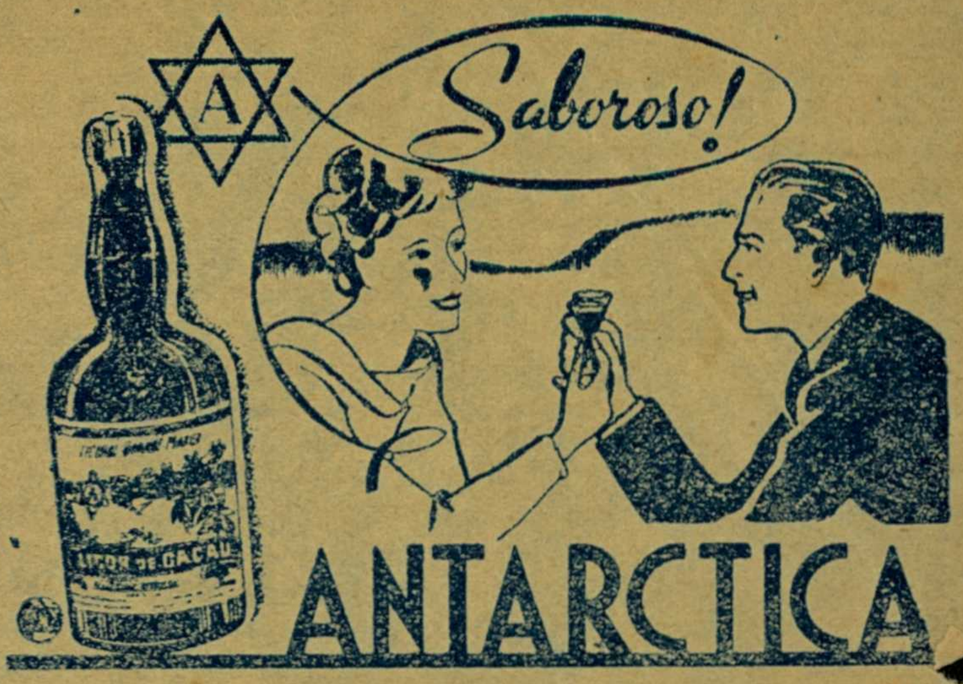
Sergio Buarque de Hollanda situa-se entre os que mais efficientemente têm trilhado esse caminho. O livro: "Raizes do Brasil" que acaba de publicar, iniciando a collecção "Documentos Brasileiros" creada pela Livraria José Olympio Editora e dirigida pelo sociologo Gilberto Freyre, é o resultado da capacidade invulgar do seu autor para esse genero de estudos.

Nos capitulos que compõem esse ensaio, intitulados: "Fronteiras da Europa", "Trabalho e Aventura", "O Passado Agrario", "O Homem Cordial", "Novos Tempos" e "Nossa Revolução", o autor estuda a nossa evolução, desde os phenomenos caracteristicos do descobrimento e colonização, até o momento actual, provando possuir um vasto cabedal de conhecimentos e uma segura visão para distinguir e julgar com acerto.

14

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928
RIO DE JANEIRO
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 24-5422
SÃO PAULO
EDIFICIO MARTINELLI-10º
TEL. 2-1740

CORREIO DE SÃO PAULO
SÃO PAULO
3. NOV. 1936



RAIZES DO BRASIL

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA INICIA A COLLEÇÃO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

"O caracteristico mais saliente dos trabalhos a ser publicados nesta colleção será a objectividade" — diz Gilberto Freyre, prefaciando o livro "Raizes do Brasil" de Sergio Buarque de Hollanda, que inicia a colleção: "Documentos Brasileiros", creada pela Livraria José Olympio Editora. Realmente, é carateristica do livro do jovem escriptor paulista na a objectividade. Nenhuma teoria preestabelecida, nenhuma affirmação **a priori**. Sempre a pesquisa paciente, a afirmação baseada no facto, confirmada pelo documento. A dedução logica, nascida da interpretação racional do fenomeno de origem.

Estudando em suas minucias mais caracteristicas as diversas fases da nossa formação como povo, o Sr. Sergio Buarque de Hollanda se afirma um analista pespicaz, um metodico estudioso dos nossos fatos historicos. Do estudo desses fatos é que elle chega á explicação da nossa actual mentalidade, atravez das diversas etapas da nossa evolução social e politica. Os decobridores, a colonisação, as influencias etnograficas, as formações urbanas, as formações ruraes em suas causas e efeitos, o desenvolvimento economico, assimilação e reação, a formação familiar e formação social, tudo e pesquisado metodicamente, argutamente, para chegar a uma interpretação das mais claras, numa esposição concisa e elegante. Esse trabalho traz uma grande quantidade de esclarecimentos aos estudiosos dos nossos problemas, facilitando a compreensão da nossa atualidade.

Não é possivel tambem deixar-se de fazer referencia á luxuosa feitura material que a livraria José Olympio Editora soube dar a esse livro, que acaba de sahir das suas officinas. Elle é realmente impeccavel.

15

O LIVRO DO DIA

"Raizes do Brasil" - Sergio Buerque de Hollanda - Livraria José Olympio Editora

Rio de Janeiro

RAIZES DO BRASIL é o primeiro livro da serie que o editor José Olympio agora inaugura, chamada "Collecção Documentos Brasileiros". O exito da iniciativa não é preciso que se depreenda da utilidade do seu proprio merito, nem da opportunidade dos estudos desse feitio. Basta saber que a direcção da serie está entregue a Gilberto Freyre - a mentalidade moça que é dos valores affirmativos da intelligencia brasileira.

Sergio Buarque de Hollanda tem uma maneira interessante de procurar as raizes do Brasil - o que faz com a finalidade de concluir se é possivel medrar dessas raizes uma cultura com typo proprio no nosso campo espiritual. Interessante é a maneira do autor, dizemos, porque, embóra se revele ensaista de vigor, não é pesado, não se deixa levar pelo commodismo da terminologia scientifica, mas sabe estudar os problemas historicos e psychologicos, que se apresentam, com quasi simplicidade. A theze é profunda. O desenvolvimento é serio. E o escriptor paulista vence, convencendo. Sobram-lhe credenciaes para tanto. "Desejo e capacydade de analysar, gesto de interpretar, alegria intellectual de esclarecer" - são expressões significativas da sua intelligencia, ditas pela autoridade do Director da serie que se abre com este livro. E disto resulta que "Raizes do Brasil" é obra de estudo que recreia. Impõe tres victorias: do autor da obra, do director da collecção e do editor.

Nesta ligeira apreciação não podemos deixar de prever, com interesse, o maior exito no desenvolvimento da Collecção Documentos Brasileiros, na perspectiva dos proximos volumes, firmados por Oliveira Lima ("Memorias"), pelo proprio Gilberto Freyre ("Nordeste"), Alberto Rangel, Julio Bello, Oliveira Vianna e outros, além de traducções, como a "Viagem a S.Paulo", de Saint Hilaire.

Irradiado em 3/XI/1936
RADIO DIFFUSORA S.PAULO? S/A
P. R. F. 3

16

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 179
TEL. 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740 — S. PAULO

A BATALHA
RIO DE JANEIRO

5 de Novembro 1936

É O JURO QUE A CAIXA ECONOMICA PAGA
4 1/2 % AO ANO
PAGA EM C/C ATÉ
20:000$000
Capitalisados semestralmente

LIVROS NOVOS

"RAIZES DO BRASIL"

— Sergio Buarque de Hollanda — Livraria José Olympio Editora — Rio 1936.

Iniciando a collecção: "Documentos Brasileiros", que é dirigida pelo sociologo Gilberto Freire, a Livraria José Olympio Editora, acaba de publicar o livro "Raizes do Brasil", de autoria do conhecido escriptor e patricio Sergio Buarque de Hollanda. Não çodia ser mais acertada a escolha do livro que deve iniciar essa collecção de estudos do Brasil. O jovem autor do volume que acaba de apparecer, revela-se, logo nos primeiros capitulos do seu livro, um profundo conhecedor do assumpto, um arguto pesquisador dos phenomenos formadores da nossa nacionalidade. Remontando á psychologia dos nossos descobridores, aos seus processos de colonização e de adaptação, em face das reacções do ambiente, das influencias interiores e exteriores, consegue, por um claro e methodizado estudo da evolução brasileira, chegar até a explicação logica de muitas particularidades da nossa psychologia social, desfazendo muitos preconceitos correntes, destruindo algumas theorias erroneas, acceitas por varios autores nacionaes.

Não resta duvida que estamos deante de um trabalho dos mais serios que se tem feito no Brasil, sobre o importante assumpto. Elle está bem de ac cordo com o programma traçado por Gilberto Freyre no prefacio do livro, que é tambem o prefacio da collecção, pois é bem um estudo documentado que fixa, interpreta e esclarece aspectos significativos da nossa formação e da nossa actualidade.

A feitura graphica que a Livraria José Olympio Editora deu a esse volume é verdadeiramente luxuosa e de muito bom gosto. Assim, sob qualquer aspecto que se o encare, é "Raizes do Brasil" um livro que muito honra a nossa cul tura.

17

"D'O Jornal do Brasil" de 7 de Novembro de 1936

REGISTRO LITERARIO

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA — *Raizes do Brasil* — Livraria José Olimpio Editora — Rio — 1936.

As *Raizes do Brasil*, que o Sr. Sergio Buarque de Holanda acaba de publicar, iniciam a coleção dos *Documentos Brasileiros*, uma nova biblioteca, toda ela de grande interesse para o nosso país, que o livreiro José Olimpio está editando. Essa coleção é dirigida pelo Sr. Gilberto Freire, o qual reproduz, em nossos dias, o milagre de Tobias Barreto: vive no Recife, cidade provinciana, e, entretanto, projeta, sobre a capital intelectual do Brasil um prestigio e um fulgor de que raros homens de letras, entre os residentes no Rio, poderiam orgulhar-se. A coleção de que falo abrangerá varios volumes, alguns dos quais devem ser notabilissimos. Entre os autores, que nela figuram, contam-se Oliveira Lima, Alberto Rangel, Saint Hilaire, Oliveira Viana. O segundo volume, que não tardará a aparecer, é das *Memorias* de Oliveira Lima. Parece que essa obra está destinada a provocar grandes sensações. Oliveira Lima foi o mais puro, o melhor dos homens. Mas foi, tambem, um temperamento feito de paixões. Quando tinha alguma coisa a dizer de alguem, dizia mesmo. Imagine-se qual não será o teor de suas *Memorias*!

Com referencia ás *Raizes do Brasil*, creio não exagerar se disser que havia, em torno do livro, uma viva espectativa. O seu autor era, até agora, considerado um escritor excelente, apenas pelas poucas duzias de artigos avulsos, que tinha publicado nos jornais. Nunca se resolvera a fazer nenhum livro. Essa circunstancia de nunca ter publicado obra nenhuma constituia alguma coisa de singular, para os conhecidos do Sr. Sergio Buarque de Holanda, sabido que êle é, no Brasil atual, o homem que mais ama os livros, que mais religiosamente os lê, que mais vive no seu contacto intimo.

Devo dizer que, se o Sr. Sergio Buarque de Holanda não havia escrito nenhum livro, havia, entretanto, imaginado varios dêles. Póde dizer-se que esse escritor é o mais fecundo descobridor de titulos de livros que o Brasil tem possuido. Sua obra inedita — e existente apenas em titulos — é bem numerosa. E' êle o autor de um exquisito volume, não sei mais se de prosa ou de verso, que tem o nome expressivo de o *Automovel adormecido no Bosque*. E' êle o autor de uma solida obra de interpretação evangelica, onde os seus grandes conhecimentos gnosticos e esotericos se afirmam: — *Jesus Cristo na Intimidade*. E' êle o autor de um romance suculento, imaginoso, freudiano, um romance que está além da moral comum — *Ipsilon o magnifico* ou *Recordações de um homem muito elastico*.

Todas essas obras prometem muito, como vê o leitor. Desgraçadamente o Sr. Sergio Buarque de Holanda nunca as escreveu.

Entretanto, a sua atuação intelectual, no Brasil, tem sido eficaz, nos ultimos quinze anos. A primeira afirmação da existencia de um espirito renovador na literatura brasileira, no chamado movimento moderno, foi a *Estetica*. Era uma revista de pensamento, de criação, de ação intelectual. Dirigiam-na os Srs. Sergio Buarque de Holanda e Prudente de Morais Neto. Ali apareceram trabalhos notaveis de Anibal Machado, Antonio de Alcantara Machado, Carlos Drumond, Mario de Andrade, Rodrigo Melo Franco, tantos outros. A *Estetica* morreu logo, como no Brasil morrem todos os empreendimentos espirituais, sobretudo aquêles que escandalizam a nossa pequena burguesia literaria.

E a ação renovadora do Sr. Sergio Buarque de Holanda teve uma interrupção para êle muito agradavel: a interrupção resultante de uma viagem á Europa.

E' que, apaixonado como sempre fôra do espirito e da civilização alemã, o jovem escritor deliberou partir para Berlim. Eram poucos e escassos os meios de que dispunha para a viagem: sabia um pouquinho de alemão (não seria o bastante para confundir Gœthe), tinha arranjado umas correspondencias jornalisticas para uma folha carioca... e não acreditava na existencia de um rude fenomeno fisiologico chamado fome. Partiu em companhia de Josias Leão, outro feroz estudioso, outro sonhador, outro devorador de quimeras. Foram morar em Berlim. Ali trabalhavam como podiam, enviando correspondencias para as gazetas brasileiras que haviam consentido em receber os artigos que êles escrevessem. Mas o dinheiro que ia do Brasil era rarissimo, insignificantissimo. *No pobre quarto* em que foram morar, os dois nem sempre tinham um pedaço de pão para roer. Distraíam a fome permanente e a saudade que ás vezes lhes vinha do Brasil, lendo versos de Heine, poemas de Gœthe, estudos metafisicos dos autores contemporaneos. Quando cansavam de lêr, iam distraír a imaginação, contemplando as arvores maravilhosas dos parques de Berlim.

E quanto pequenino drama melancolico viveram nesses dias de Alemanha! Um desses dramas merece talvez ser narrado. Estavam Josias e Sergio sem receber dinheiro nenhum havia varias semanas. Já nem tinham bem, no paladar, a memoria distante dos bifes, dos chucrutes, das bôas batatas fritas! Emagreciam a olhos vistos, empalideciam como o prefeito de Cork. Sergio, inteiramente poeta, consolava-se da sua desventura imensa lendo os autores prediletos. Espirito um pouco mais pratico Josias imaginava um meio de obter alguns marcos, para resolver o pavoroso problema que defrontava.

Imagine-se a felicidade dos dois, quando chegou, em meio dessas angustias, um aviso de um dos bancos de Berlim! Era destinado a Sergio e levava a importancia de quinhentos marcos. Os dois sorriram, beatamente, diante do cheque. Era a fome, que ia morrer nos seus caros estomagos! Era a pensão, que ia afinal ser paga! Era a alma implacavel da proprietaria do quarto, que ia rejubilar, sorrindo para êles! Era, enfim, o maximo da felicidade prometida aos homens pelos deuses!

Sem demora, Sergio aprontou-se para saír, afim de ir buscar o dinheiro. Com as forças alquebradas pelo jejum tão longo, Josias estirou-se na sua dura cama, não sem ter antes recomendado encarecidamente ao amigo que, ao regressar, lhe trouxesse alguma coisa susceptivel de ser devorada. Sergio prometeu que traria.

Passou uma hora, passou outra, passou mais outra. Enfim, a porta do quarto abriu-se. E Josias Leão viu uma coisa espantosa: Sergio entrava com dois imensos embrulhos debaixo dos braços!

— Tudo isso é fiambre? gritou êle, naquêle sagrado impeto do animal que quer comer.

Sergio deixou cair os dois pacotes no

E sentou-se numa cadeira, com os olhos acesos no seu imenso amor pelas obras literarias. Os dois tiveram, ainda daquela vez, para se alimentar, a dieta sinistra das traças — paginas durissimas de livros!

Essa historiazinha, risonha e comovente, dará a medida da capacidade de abstração do Sr. Sergio Buarque de Holanda

Outros traços de sua personalidade o tornam, no meio e na geração brasileira dos dias de hoje, um ser positivamente raro, estranho, singularissimo. São muitas as facetas do seu espirito, muitas as suas contradições, muitas as surpresas que todos os dias êle nos traz. Sua faculdade para as coisas espantosas é tamanha que ninguem se surpreenderia diante de qualquer atitude que êle assumisse. Não nos causaria espanto, por exemplo, vê-lo amanhã transformado num cacique de tribu indigena, vê-lo amanhã realizando proesas de pirata em mares distantes, vê-lo amanhã coroado como rei da Mandchuria ou mesmo da Inglaterra. Quem de nós não teve ainda a certeza de que o Sr. Sergio Buarque de Holanda iria acabar escrevendo uma epopeia obscura e tremenda como o *Ulisses* de Joyce, ou atuando na tela cinematografica com a graça de um dos irmãos Max, ou mesmo, — eximio tocador de piano que êle é — executando maxixes e fox-trotes em algum café — cantante malandro da Lapa? Para todos nós, Sergio Buarque de Holanda é, como Voltaire dizia do profeta Habacuc, capaz de tudo.

Felizmente, essa capacidade grande de realizar coisas estranhas é um reflexo, que apenas existe no espirito dos amigos do escritor. Na realidade, o Sr. Sergio Buarque de Holanda é um homem tranquilo, o mais natural, o mais encantador dos homens. Ele constroi a sua vida com harmonia, modestia e doçura. Sabe viver como um cidadão morigerado e pacifico. E todo aquêle seu tumulto, todo aquêle seu imenso tumulto de boemia e originalidade, é puramente um fato da imaginação.

Os aspectos que acabo de indicar do espirito desse escritor mostram-no como um homem novo, de imaginação livre, despido de preconceitos, forrado, além disso, de uma intensa e forte cultura literaria e filosofica.

E é isso exatamente o que encontramos nas *Raizes do Brasil*.

O livro consta de sete capitulos, que estão distribuidos assim: *Fronteiras da Europa, Trabalho e aventura, Passado agrario* (dois capitulos), o *Homem cordial, Novos tempos, Nossa revolução*. Como se pode sentir, ha um rumo, um pensamento seguido no volume. Nêle começamos o estudo da evolução social do Brasil ainda nos tempos em que nos achavamos no cerebro dos descobridores, na Europa; e evolucionamos, até chegar ao momento atual, á complexidade que apresentamos nesta hora do seculo XX.

Ha muito ponto de vista que seria interessante discutir, muita tese que permitiria largo debate, na obra do Sr. Sergio Buarque de Holanda

Logo na primeira pagina de seu livro, achamos uma reflexão acerca da transplantação da cultura européia. E essa reflexão encherá de colera todos aquêles que estiverem convictos de nossa absoluta liberdade de espirito diante dos outros povos. Afirma o sociologo que agora, como em todos os tempos, vivemos ainda sujeitos ás lições européias. Eis as suas palavras: "Pudemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar até á perfeição o tipo de cultura que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça participa fatalmente de um estilo e de um sistema de evoluções naturais a outro clima e a outra paisagem".

Esse capitulo encerra interessantes meditações acerca das raças que colonizaram a America. O Sr. Sergio de Holanda divide os tipos humanos em duas categorias — a do aventureiro e a do trabalhador. O primeiro ignora as fronteiras, *vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes*. O segundo é pratico, realizador e serio; "enxerga sempre a dificuldade a vencer, nunca a vitoria a alcançar". Foram os homens do primeiro tipo os que construiram a America portuguesa e espanhola. O Sr. Sergio Buarque mostra, baseado em uma meditação de William Ralph Inge, que tambem o inglês tipico da colonização, em nosso tempo, é o aventureiro e não o trabalhador.

Aqui faz êle uma diferenciação entre os processos de colonizar que seguiram os portugueses e os que nortearam os espanhois. Os portugueses, no Brasil, misturaram-se inteiramente com o meio, assimilaram o gentio. Aprenderam, por exemplo, a dormir em rêde, a beber (?), a mascar fumo; adotaram os instrumentos de caça e pesca, as embarcações, o modo de cultivar a terra dos indigenas. Enquanto assim faziam os portugueses, os espanhóis conservavam as suas antigas idéias de aristocracia. E mantinham, na America, um afastamento desdenhoso das populações aborigenes.

A diferença essencial que o Sr. Sergio encontra entre os dois processos de colonização é esta: os portugueses colonizavam como os antigos fenicios e os antigos gregos — levados unicamente pelo desejo da exploração comercial; enquanto os espanhóis tinham finalidade mais alta: imaginavam trazer o espirito da velha patria para a patria nova, fazendo do país conquistado um prolongamento organico do seu. Assim explica êle que já em 1551 houvesse a Espanha fundado uma universidade em Lima. Assim explica que, naquêle mesmo decenio, houvesse a Espanha fundado as universidades do Mexico e de S. Domingos. Assim explica varios outros empreendimentos culturais, que já triunfavam na America espanhola no seculo XVII.

Não estou bem catequisado a essa doutrina do Sr. Sergio Buarque de Holanda, com referencia á criação das universidades na colonia espanhola e na portuguesa. Quero dizer que não me parece uma prova de desdem ou desprezo pela colonia o fato de Portugal a haver deixado sem universidades, enquanto a Espanha criava as suas. Esse fato corresponderá antes a uma tendencia do proprio genio dos dois povos. Com todo o amôr que temos por nós mesmos, só mais de um seculo depois da independencia é que nos lembramos de criar, no Brasil, uma universidade. Agora temos mais de uma. E todas elas sabemos bem o que são!

As paginas sobre as nossas origens ibericas são um como prefacio á parte principal do livro. Esta é, a meu vêr, o estudo acerca do *Homem cordial*. Ha uns cinco anos, o Sr. Ribeiro Couto, numa carta ao Embaixador Alfonso Reys, sustentava a idéia de que o Brasil havia dado ao mundo um novo tipo humano — o *homem cordial*. Essa carta foi publicada creio que no *Mon-*

civilidade. São, antes de tudo, expressões legitimas de um fundo emocional extremamente rico e transbordante. Na *civilidade* ha qualquer coisa de coercitivo — ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças. Entre os japoneses, onde, como se sabe, a polidez envolve os aspectos mais ordinarios do convivio social, chega ao ponto de confundir-se, por vezes, com a reverencia religiosa. Já houve quem notasse esse fato significativo, que as formas exteriores de veneração á divindade, no cerimonial shintoista, não diferem essencialmente das maneiras sociais de mostrar respeito. Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualista da vida que o brasileiro".

Vemos então, as varias manifestações da alma e do espirito do homem cordial. Ele abrandou, em primeiro lugar, a maneira de tratar os outros: deu-lhes o tratamento de *você*, que é doce e força á intimidade. Multiplicou longamente os diminutivos. Omitiu o nome de familia no tratamento social. O proprio sentimento religioso modificou-se dentro do coração do brasileiro: passou a ser afeto, o que antes era respeito e terror. Criou-se, assim, a intimidade dos fieis com os santos — a intimidade fraternal com Santa Teresinha, por exemplo O escritor poderia ter lembrado a intimidade com Santo Antonio, com S. João, com os santos prediletos das macumbas, S. Jorge, S. Damião, S. Cosme. Poderia ter lembrado ainda o caso do desventurado Santo Onofre, que, em certas regiões do Brasil, é incumbido da missão de descobrir os objetos perdidos, e metido de cabeça para baixo, dentro da agua das cacimbas, para que cumpra satisfatoriamente o trabalho de que foi encarregado.

Essa tendencia para a intimidade com as coisas sagradas criou uma das caracteristicas mais belas que possuimos: o nosso catolicismo cheio de tolerancia, de doçura, inteiramente esquecido dos autos de fé e das fogueiras da Inquisição. Infelizmente encontramos hoje uma certa corrente que procura dar nova direção a esses assuntos. Qualquer atitude de intolerancia ou exclusivismo religoso, entretanto, será coisa inteiramente diversa do nosso feitio essencial. Na sua viagem ao Brasil, Freycinet observou a maneira bem humorada e alegre como o brasileiro sabia ser religioso. E mais que tudo o assombrou o fato de vêr os padres, quando subiam ao altar para dizer missa "voltar-se para os assistentes e procurar com a vista as pessôas de suas relações, sorrir a uns, saudar a outros..."

As *Raizes do Brasil* revelam, no senhor Sergio Buarque de Holanda, não somente um analista das coisas sociais, mas, tambem, um vigoroso fixador de retratos de personalidades. Sua pequena referencia a Pedro II vale como um retrato completo. Pedro II, diz-nos êle citando o Sr. Max Fleiuss, gostava dos livros com a satisfação dos cinco sentidos:

visual, pela impressão exterior ou aspecto do livro;

tactil, ao manusear-lhe a maciez ou aspereza das paginas;

auditivo, pelo brando crepitar ao folhea-lo;

olfativo, pelo cheiro pronunciado do seu papel impresso, ou fino couro da encadernação;

gustativo, isto é, o sabor intelectual do livro, ou mesmo fisico, ao humedecer-lhe ligeiramente as pontas das folhas para vira-las.

Ha, enfim, no livro do Sr. Sergio Buarque de Holanda paginas que fixam o aspecto politico do Brasil dos nossos dias. Não creio que seja necessario — e confesso que seria dificilimo — precisar a posição que, em politica, assumirá o autor de *Raizes do Brasil*. Seu pensamento, em tal campo, me parece cheio de contradições. Em uma das paginas do livro, faz êle observar que o brasileiro tem a tendencia para aceitar as idéias mais dispares, associando, em seu espirito, convicções e preceitos que, no espirito de qualquer outro povo, serão os inimigos mais ferrenhos. Parece-me que o senhor Sergio Buarque de Holanda incorre um pouco em sua propria observação. Assim é que o vemos, num trabalho que aparece em apendice no livro, combater vivamente o integralismo, a proposito do senhor Otavio de Faria. E, entretanto, na pagina 156 do volume o vemos sustentar sem nenhum proposito possivel de paradoxo, a vantagem das tiranias. Ouçamo-lo: "E' claro que um amôr humano que se asfixia e morre fora do seu circulo restrito, não póde servir de cimento a nenhuma organização humana concebida em escala mais ampla. Com a cordialidade, a bondade, não se criam os bons principios. E' necessario um elemento normativo, solido, inato na alma do povo, ou implantado pela tirania para que possa haver cristalização social. A tese de que os expedientes tiranicos nada realizam de duradouro, é apenas uma das muitas invenções fraudulentas da mitologia liberal, que a historia está longe de confirmar".

Aí está uma maneira de falar clara e sem rebuços. Será isso o modo de pensar de um republicano? de um liberal-democrata? Ou será, antes, a maneira de doutrinar de um discipulo de Hitler?

O livro do Sr. Sergio Buarque de Holanda encerra-se com o capitulo sobre a *Nossa revolução*. Aqui estuda êle os rumos novos que o Brasil está tomando, e nos indica a orientação mais razoavel que, no concerto dos povos, o nosso povo deve adotar.

O assunto é, como se vê, imenso. O escritor, porém, limitou-se a trata-lo muito sucintamente, indicando apenas os seus lineamentos essenciais. Quero acreditar que o fez de proposito. E desde já reclamo um novo livro do Sr. Sergio Buarque de Holanda. Este poderá ter o titulo do ultimo capitulo das *Raizes do Brasil*. E nesta nova obra, poderá dar-nos o agudo ensaista o exame total do nosso país na atualidade.

Para um homem que sabe pensar com autonomia, como o Sr. Sergio Buarque de Holanda, para um homem que é senhor de uma cultura sociologica, humanistica, filosofica, ha um largo tema, infinitamente sugestivo, num exame detido do Brasil contemporaneo. Quanta coisa a dizer sobre a nossa realidade politica, a nossa realidade social! Quanta coisa a dizer sobre os nossos problemas prementes de economia, de instrução, de construção geral do país todo! Quanta coisa a dizer sob a nossa desorganização moral, espiritual e sentimental!

Iremos ter o livro que reclamo?

Enquanto o esperamos, aconselho o leitor a meditar sobre as *Raizes do Brasil*. E' um livro grave, serio, cheio de observações agudas e verdadeiras. E tudo isso realizado por um prosador perfeito, senhor de sua maneira, dono de sua sintaxe e de seu estilo, um dos mais claros e elegantes prosadores que o Brasil hoje possue.

LIVROS RECEBIDOS

Recepção de Oliveira Ribeiro Neto na Academia Paulista de Letras.

Joraci Camargo — *Deus lhe pague.*

Aquiles Vergara Viena — *Bolivia y Chile — Lecciones del pasado, advertencias*

18

"O Correio Paulistano" de 8 de Novembro de 1936

LIVROS NOVOS

RAIZES DO BRASIL — Sergio Buarque de Hollanda — Livraria José Olympio Editora.

O gosto que, de algum tempo a esta parte, se vem notando, em todos os paizes pelos estudos sociologicos, já calcados em fundamentos perfeitamente delineados, se revestiu, nesta terra que habitamos, duma feição nova, ao menos em relação ao que era commum. Assim é que nos despreoccupamos, um pouco, de tudo o que agita outras nações, para nos voltarmos para os nossos proprios problemas, estudando-os com afinco, procurando eliminar duvidas historicas, sondando causas de movimentos que sacudiram as massas brasileiras, no passado, e indagando dos rumos que se nos apresentam, para o futuro. Foi assim que, sob a direcção de um espirito lucido como o de Fernando de Azevedo, uma companhia editora de S. Paulo, lançou a série de livros que, enquadrada na denominação geral de Pedagogica, mantinha os limites de Brasiliana, publicando-se, sob esta denominação, um numero cada vez maior de livros, quasi todos elles destinados a um merecido successo e a uma larga divulgação. E' evidente que, num conjunto de livros cujo numero já se aproxima da casa dos setenta, deve existir, e existe, muita coisa falsa, muita coisa sem valor, apoiada numa catacumba famosa ou num nome suspeito, mas dahi aferir do desvalor da bibliotheca inteira seria injustiça e seria summa ingratidão e a verdade manda que se diga que a collecção de livros publicados, afóra uma ou outra excepção, é digna do maior apreço e dum estudo conscienciosO, servindo de documentação e de informação para quem queira pesquizar as directrizes seguidas pelo nosso povo, na sua evolução, pelo nosso paiz na sua constituição.

Agora é a Livraria José Olympo que se entrega ao mister de coligir e publicar uma série de livros que, sob o nome geral de "Documentos Brasileiros", serão destinados a uma maior vulgarização do que é nosso. Para a direcção de tal comettimento o editor não poderia encontrar nome mais cheio de merecimentos do que o de Gilberto Freyre. Com effeito, além de Fernando de Azevedo seria difficil a busca de outro homem de estudo que pudesse se desempenhar honestamente e lisamente duma missão como a de seleccionar aquillo que interessa e que traz um conhecimento novo daquillo que não faz mais do que repisar velhos argumentos e velhas anecdotas, boas para distracção literaria, para a leitura distrahida dos que não querem sobrecarregar o cerebro mas pesimas para quem queira pesquizar as raizes reconditas e muita vez confusas dos motivos da nossa evolução. O sr. Gilberto Freyre possue, além dum saber consolidado, feito na surdina e só apreciado após a publicação dum livro famoso, possue os dotes de intelligencia e de tolerancia sufficientes para a apreciação dos nossos problemas. E isso porque elle adquiriu, na pesquiza e no estudo, um conhecimento profundo das nossa coisas, conhecimento que vae distribuindo, pouco a pouco, e despretenciosamente, através dos seus livros. Todos aquelles que criticaram a obra de estréa desse escriptor de talento notaram e frizaram um dos lados mais eminentes com que ella se apresentava: a lingua. Quasi todos acharam que o instrumento usado pelo autor de "Casa Grande e Senzala" não condizia com a seriedade da obra. Seria necessario, para estar de accôrdo com esses criticos, seria necessario, porque a obra era de estudo, adoptar uma linguagem mais circumspecta, uma expressão mais sizuda. Seria impreseindivel dar uma forma difficil áquillo que era facil, em summa. Ora, por contraste, aquillo que encontrei de mais saboroso e de mais original na obra do sr. Gilberto Freyre, foi justamente aquella lingua, tratada com tanta simplicidade, com uma clareza transparente, tornando o mundo de conhecimentos que offerecia accessivel a todos, procurando mostral-os e simplifical-os, ao contrario do que commumente se faz. De facto, a obra de pesquiza, entre nós, se caracteriza por uma feição aspera, inabordavel, antipathica. Ella não se offerece. Ella repelle quem a procura. Os seus conhecimentos vêm quasi escondidos, é necessario que se interprete primeiro o pensamento do autor, é quasi um trabalho de exegese o estudo de livros taes. Ora, acostumados como estavamos ao aspecto assim dos livros que anteriormente tinhamos abordado, chocava-nos, como não poderia deixar de ser, a facilidade, a falta de pretensão, a simplicidade com que esse homem novo nos offertava o mundo tão vasto e tão rico dos seus conhecimentos.

E' por isso que, já sabemos de antemão, os livros que se destinam á série dos "Documentos Brasileiros" serão bons, trarão alguma idéa nova, possuirão um valor qualquer, que os habilite á leitura de quem, na falta absoluta de tempo que caracteriza a vida moderna, não póde dispersar a attenção em lêr coisas já repisadas.

O livro do sr. Sergio Buarque de Hollanda me impressionou mal pela sua primeira affirmação. Elle se inicia com estas palavras: "Todo estudo comprehensivo da sociedade brasileira ha de destacar o facto verdadeiramente fundamental de constituirmos o unico esforço bem succedido, e em larga escala, de transplantação da cultura européa para uma zona de clima tropical e sub-tropical."

Ora, isso é affirmação dogmatica e seria necessario que o autor se estendesse mais sobre essa parte para nos convencer da sua opinião. O facto de querermos, até poucos annos atrás, transplantar para aqui, na sua totalidade, em todos os seus lineamentos, uma forma de civilização que nos seria estranha, como foi, não quer dizer que tenhamos estabelecido aqui, definitivamente, uma cultura européa, e portanto transportada.

Já se frisou, e muito bem, o contraste que, a certa altura da nossa vida de povo, representou a cultura adquirida pelos nossos legisladores em livros estranhos, em ambientes estrangeiros, e a desolação do nosso interior, da massa da população, a se debater entre as formas primarias de vida e a falta absoluta de cultura.

Essa "decalage" que conduziu a alguns choques, foi, certamente, semelhante áquella que existiu entre a expansão do gado, conduzindo a uma penetração maior da terra, e a expansão do poder publico, que ficava nas cidades, que se circumscrevia ao litoral.

O resultado, como se sabe, foi uma centralização aspera e violenta, conduzida por necessidades fiscaes. Mas isso foram disparidades que o proprio tempo, a propria evolução, corrigiu e poliu. Necessariamente teremos de construir uma civilização nossa, com as caracteristicas impostas pelo meio physico, pelo meio economico, pelo meio social. Não nos contentamos mais em viver uma civilização de importação, uma civilização transplantada.

Ainda as affirmações do autor sobre o individualismo hispanico e sobre as origens da civilização iberica merecem contestação. Affirmar que os iberos só entraram decididamente para o côro europeu após a descoberta da America é correr o risco de soffrer contestações apoiadas na propria realidade dos factos, ao menos quanto a Portugal, cuja parte nas navegações e na conquista da India antecede o descobrimento desta terra brasileira que, por muito tempo, deixou ao desamparo. Não é uma pura coincidencia que faz o declinio portuguez na India anteceder o impulso que a metropole dá á colonização da terra que, abandonada por varias decadas, chegara a ser motivo de cobiça por parte de navegadores de outros paizes. Pelo contrario, é uma razão economica poderosa que obriga a gente lusitana a voltar os seus olhos para a região que Cabral revelara ao mundo.

Quanto á parte em que o sr. Sergio Buarque de Hollanda affirma o caracter hierarchico do feudalismo é preciso lembrar que não foi em todos os paizes que o feudalismo teve esse caracter sendo de notar a distincção bem clara entre o feudalismo em França e o feudalismo na Inglaterra, por exemplo.

Outra parte que merece reparos é aquella em que o autor affirma que, "bem antes de triumpharem no mundo as chamadas idéas revolucionarias, portuguezes e hespanhoes parecem ter sentido vivamente a **irracionalidade** especifica, a injustiça social dos privilegios hereditarios." Ora, os privilegios nascem da organização economica da sociedade do tempo, elles não são moraes ou immoraes, justos ou injustos porque a moral não é padrão de julgamento do caracter das sociedades. Si esses privilegios não foram accentuados na gente portugueza foi porque Portugal permaneceu sempre refractario ás influencias essenciaes do feudalismo, e permaneceu assim devido ás proprias caracteristicas da sua organização nacional.

Demais, é preciso frisar sempre, em estudos sociaes e historicos é necessario separar em terrenos distinctos, e bem distinctos, a parte que toca á moral e a parte que toca á economia, esta regendo todo o desenvolvimento das sociedades.

Pareto distinguiu bem essa divisão, nos "Systémes" e o sr. Sergio Buarque de Hollanda, a julgar por uma das suas citações, conhece bem a obra do economista italiano; terá, talvez, acompanhado a evolução daquelle grande espirito que, herdando as idéas de Pantaleoni, lança os fundamentos da economia mathematica.

Quanto ao ser Portugal refractario ás influencias do medievalismo seria de utilidade a leitura dos "Ensaios Brasileiros", do sr. Azevedo Amaral. Esse insigne estudioso das nossas coisas aponta, ali, como razões dessa resistencia de Portugal, o nacionalismo precoce, a ascendencia da monarchia sobre o feudalismo e a lucta contra o sarraceno.

Outra affirmação que nos força a restricções é a de que "Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excellente, e até mais nobilitante, a um bom portuguez, ou a um hespanhol, do que a lucta insana pelo pão de cada dia" ou então: "O que entre ellas predomina é a concepção antiga de que o ocio importa mais do que o negocio e de que a actividade productora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor". Com effeito, isso contradiz toda a realidade da historia. E' sabido que o portuguez da época da expansão maritima é forte, sobrio e apto para a actividade. Portugal vive da agricultura. Vae se transformar em nação conquistadora dos mares. Para isso possue um maravilhoso instrumento —: o homem affeito á lucta com a terra, ao trabalho de todo o dia. Elle o que é, é justamente o contrario do que affirma o autor das "Raizes do Brasil", infenso ás actividades mentaes. A fundação da Universidade de Coimbra é obra dum homem cuja educação é feita fóra das normas da vida do paiz, por mestres estrangeiros, é obra de d. Diniz.

Merece reparos a affirmação do autor de que a solidariedade portugueza, dos portuguezes para aqui transportados, só se fazia sentir quando arrimada no sentimento, nunca no trabalho: "A bem dizer, essa solidariedade entre elles existe sómente onde ha vinculação de sentimentos mais que de interesse, no recinto domestico ou entre os amigos". Ora, a primeira solidariedade humana vem do trabalho commum, do interesse commum, desse interesse commum é que deriva o sentimento da solidariedade.

Aquillo que o sr. Sergio Buarque de Hollanda attribue ao hespanhol conquistador como sendo uma necessidade inicial de affirmar o seu predominio militar e fundar centros estaveis e estabelecidos de vida commum é uma derivante natural da resistencia que elle encontra no ambiente da terra. O portuguez colonizador depara com um typo de indigena que vivia numa phase rudimentar de civilização, um indigena transplantado, esse sim, nomade, que não creara, na terra brasileira, uma civilização nitida. O hespanhol, pelo contrario, encontra civilizações consolidadas, centros estaveis, organizações relativamente adeantadas. E'-lhe necessario destruir essas resistencias, vencer esses obices, impôr a sua civilização. E vencer, para elle, era exterminar, arrazar, deixar tudo em ruinas para, sobre essas ruinas, construir a civilização que lhe era propria. Dahi o caracter aspero da penetração hespanhola, em contraste com o caracter relativamente mais brando da penetração portugueza.

Magnificas as linhas em que o autor explica a evasão do ouro do Brasil e pinta o quadro da região diamantina. Fieis aquellas em que mostra o predominio do campo sobre a cidade, coisa que Alcantara Machado já frisára bem na "Vida e morte do bandeirante". Reaes aquellas em que mostra o uso que os portuguezes fizeram dos religiosos, na sua obra de colonização, distinguindo bem, dentre esses clerigos, os jesuitas, entre os quaes houve alguns vultos de inconfundivel valor, entre nós. Todo o capitulo V do livro, sobre a cordura, a cordealidade da gente brasileira, é admiravel, pela synthese feliz, pela sobriedade do traço, pela elegancia no discorrer. Ali se nota o equilibrio do ensaista que, podendo descahir para o lugar commum, para o trivial, permanece na linha de interesse, de clareza, de penetração, que revelam o estudioso que é, a um tempo, bom escriptor. As observações são justas e a analyse se desenvolve, cerrada e convincente, amena e suave, convencendo sem cansaço.

O autor vae se desenvolvendo, entre opiniões cheias de interesse e de bom senso quando dá um esbarrão nessas duas coisas, ao affirmar: — "A nossa independencia, as conquistas liberaes que fizemos no decurso da nossa evolução politica, vieram quasi de surpresa". Affirmação perigosa, essa. E' bem verdade que os nossos surtos de liberalismo partiram, muita vez, de cima e foram de encontro aos beneficiados. E' verdade incontestavel. Mas isso quando não havia uma subversão completa, quando não havia uma mudança brusca na organização politica e economica. A independencia está longe de poder ser enquadrada entre essas. Ella correspondeu a uma evolução lenta e profunda. A independencia nasce no districto diamantino, quando a taxação portugueza attinge ao auge e suffoca o mineiro. O facto de sete de setembro, esse sim, poderia constituir uma surpresa. Mas, sete de setembro não é a independencia, é uma data. A independencia, funcção social, se processa por muitos annos. E esse processo não poderia ser indifferente nem surprehender ao povo. A forma de que se revestiu a sua sancção de facto, e consummação real das coisas, o acontecimento á beira do rio, isso sim póde ser criticado como revolução que vem de cima, como liberalismo incomprehendido, como arranco duma minoria que vive na cidade.

E' duvidoso, tambem, que, como diz o sr. Sergio Buarque de Hollanda, a data da Abolição marcou, no Brasil, o fim do predominio agrario. Ella marcou, realmente, um collapso na lavoura de certa região do paiz mas não chegou a constituir o fim do predominio agrario porque, então, que restaria do Brasil?

Que a abolição foi indissoluvelmente ligada á republica ninguem nega, mas que essa ligação constituisse a unica relação positiva e clara, na successão dos acontecimentos da nossa historia, é levar muito longe a affirmação e negar, de subito e arrazadoramente, tudo que ha de estabelecido sobre o caracter de desenvolvimento e de continuidade que a historia possue.

Essas "Raizes do Brasil" constituem, assim, uma série de commentarios, muitas vezes intelligentes, muitas vezes lucidos, dos nossos problemas e da nossa evolução, descambando, de quando em quando, entretanto, para o dogmatismo duma affirmação mais rigida e menos fundada. Livro digno de leitura e de estudo, apesar de tudo, livro que se lê com interesse, de que se discorda algumas vezes, mas sem deixar de reconhecer no autor um analysador subtil das nossas coisas, a que não falta cultura e livre exame.

Nelson Werneck Sodré

19

DOCUMENTOS BRASILEIROS

Sob a presidencia de Gilberto Freyre inicia-se com a publicação de "Raizes do Brasil", de Sergio Buarque de Hollanda, uma nova collecção de livros destinados á comprehensão da vida brasileira. Ensaios, biographias, memorias, tudo o que superiormente interessa á formação da sociedade brasileira será editado daqui por deante, incorporando-se a essa utilissima série de documentos brasileiros não só os estudos ainda ineditos, com tambem os simpies documentos ainda abandonados ao somno dos archivos.

Essa iniciativa corresponde a um dos aspectos mais animados da actualidade brasileira: a nossa inquietação intellectual de comprehender o nosso proprio destino collectivo.

O primeiro volume da série — "Raizes do Brasil" — é um trabalho consciencioso e bem fundamentado. O seu autor desenvolve um intelligente e erudito commentario em torno do que elle chama de cyclo das influencias ultramarinas. Indica o momento — 1888 — em que começamos a nos libertar da longe ascendencia lusitana, detendo-se na minuciosa analyse das determinantes psychologicas da nossa formação social.

Entre estas determinantes psychologicas prevalece o espirito domestico do portuguez, a sua caracteristica vinculação aos sentimentos familiares. Affectivo e aventureiro, o portuguez não podia ter o senso da hierarchia, necessario a toda organização social perfeita. Na esphera domestica nivelam-se os valores, submettidos aos impulsos amorosos. Taes virtudes, entretanto, projectam, nos dominios mais amplos da organização social, um individualismo indisciplinado. A formação brasileira apresenta os vicios de uma indisciplina que outra coisa não é senão a ausencia de hierarchia civica, que nos tem faltado porque, herdeiros das admiraveis qualidades de lar dos portuguezes, exercitamol-as tambem, distendendo-as, onde menos se recommendam: na acção de Estado. Nas relações de ordem publica procedemos com o mesmo desembaraço intimista da vida privada, desleixados nas attitudes.

O espirito affectivo e o espirito de aventura têm justificado, entre nós, de um lado, o amparo a pretenções descabidas na vida publica, e, de outro lado, a sem cerimonia com que as incompetencias se candidatam aos postos de responsabilidade e especialização.

E' o "filhotismo" politico, cujos malefícios profundamente actuaram no Imperio e na Republica, e ainda perduram entre as nossas imperfeições nacionaes. No livro do sr. Sergio Buarque de Hollanda não encontramos referencia directa a esta palavra, de frequente uso popular, que tão bem define um dos mais arraigados e perniciosos vicios da nacionalidade. Deixando, embora, de commental-a, a critica, de vigorosos traços do sr. Sergio de Hollanda, leva-nos immediatamente a pensar na palavra irreverente, vingativa, satyrica, do nosso vocabulario quotidiano, como nesta passagem do seu ensaio: "Ainda hoje convivemos diariamente com a prole numerosa daquelle militar do tempo de von Eschwege, que não se envergonhava de solicitar collocação na musica do palacio, do amanuense que não se arreceava de pedir um cargo de governador, do simples applicador de ventosas que pretendia as funcções de cirurgião-mór do Reino."

O nosso typico "filhotismo" acha-se sociologicamente explicado em "Raizes do Brasil". Resulta da indevida intromissão de sentimentos proprios da communidade domestica na vida publica. Uma dilatação sentimental que precisa ser abolida, mas para cuja extincção não basta o factor tempo, não bastam as naturaes modificações trazidas pelo progresso, pela crescente complexidade da nossa existencia collectiva, impondo-se ainda o conhecimento do mal imperante, afim de que, depois de nossa consciencia esclarecida, possamos eliminal-o dos nossos costumes civicos, onde frutifica com tamanhos damnos para o paiz. E' o que se propõe na hora feliz o sr. Sergio de Hollanda, apontando as origens e condemnando a pratica do grave defeito.

Outro ponto interessante de "Raizes do Brasil" é a evocação do typo de colono que a Hollanda nos remettia, muito menos util do que o colono portuguez, cuja poderosa, admiravel, surprehendente obra colonizadora, entre nós, vem merecendo ultimamente, dos nossos mais modernos e cultos ensaistas, elevada interpretação, imparcial justiça, reconhecido louvor.

A fecunda plasticidade colonizadora do portuguez, de sentido rural adequado á nossa immensidade territorial, realizou na America, em profundidade e extensão, uma obra solida, quasi milagrosa, em tudo superior ás tendencias urbanisticas da colonização hollandeza. Aquella assegurou a nossa integridade territorial e unidade espiritual.

Assim descreve o sr. Sergio Buarque de Hollanda o colono hollandez que nos foi enviado: "Recrutador entre aventureiros de toda especie, de todos os paizes da Europa, "homens cansados de perseguições", elles vinham apenas em busca de fortunas impossiveis, sem imaginarem sequer crear raizes na terra. As condições economicas na Hollanda tinham tomado tal incremento, que offereciam boas possibilidades a todos os homens aptos ao trabalho, de modo que só se annunciavam nos escriptorios da Companhia das Indias Occidentaes, á procura de passagens para a America do Sul, soldados licenciados que tinham ficado sem patria, em virtude da guerra dos 30 annos, os "germanorum profugi" de Barlaens, pequenos artezãos, aprendizes, commerciantes (na sua maioria judeus de ascendencia portugueza), taberneiros, mestres-escolas, bachareis-medicos, mulheres de mundo e "outros typos perdidos", informa-nos o mais recente e mais erudito dentre os historiadores do Brasil hollandez, Hermann Watjen. O exercito da Companhia, que lutava em Pernambuco, constava principalmente de allemães, francezes, inglezes, irlandezes, neerlandezes. População cosmopolita, instavel, de caracter predominantemente urbano, essa gente ia apinhar-se no Recife ou na nascente Mauritstad, que crescia na ilha de Antonio Vaz."

Conclue o autor de "Raizes do Brasil" que esse urbanismo acabou estabelecendo, de modo prematuro, na historia pernambucana, "a divisão classica entre o engenho e a cidade".

Esta divisão não occorreu no Rio Grande do Sul, ultimo trecho povoado do Brasil colonia, onde o processo colonizador de Portugal attingiu a perfeição, com a remessa dos casaes açorianos, origem que são da familia riograndense e da "democracia pastoril" de que nos fala o sr. Oliveira Vianna. Transplantaram-se para a terra então deserta do extremo sul do paiz, onde um clima temperado favorece o surto de todas as actividades, grupos domesticos homogeneos, de agricultores vinculados entre si por uma longa tradição.

Por isso, no Rio Grande nunca houve opposição entre as cidades e os campos.

Coincidiu com o declinio da velha agricultura, em 1888, o predominio das cidades no Brasil, antes exercido pelas zonas ruraes, e, ao mesmo tempo, parallelamente, a grande e viciosa montagem do nosso apparelho burocratico.

Estes pontos são brilhantemente commentados em "Raizes do Brasil".

Waldemar de Vasconcellos

20

Do "Diario Carioca" de Domingo 8 de Novembro de 1936

Os Livros Novos da Semana

"RAIZES DO BRASIL" DE SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA, E "HISTORIAS DA AMAZONIA", DE PEREGRINO JUNIOR, EDIÇÕES DA LIVRARIA JOSE' OLYMPIO

O escriptor Sergio Buarque de Hollanda

Iniciando a collecção: "Documentos Brasileiros", que é dirigida pelo sociologo Gilberto Freire, a Livraria José Olympio Editora, acaba de publicar o livro: "Raizes do Brasil", de autoria do conhecido escriptor patricio Sergio Buarque de Hollanda.

Não podia ser mais acertada a escolha do livro que deve iniciar essa collecção de estudos do Brasil.

O joven autor do volume que acaba de apparecer, revela-se, logo nos primeiros capitulos do seu livro um profundo conhecedor do assumpto, um arguto pesquizador dos phenomenos formadores da nossa nacionalidade.

Remontando á psychologia dos nossos descobridores, aos seus processos de colonização e de adaptação, em face das reacções do ambiente, das influencias interiores e exteriores, consegue, por um claro e methodizado estudo da evolução brasileira, chegar até a explicação logica de muitas particularidades da nossa psychologia social, desfazendo muitos preconceitos correntes, destruindo algumas theorias erroneas, aceitas por varios autores nacionaes.

Não resta duvida que [illegible] mos deante de um trabalho dos mais sérios que se têm feito no Brasil, sobre o importante assumpto.

Elle está bem de accordo com o programma traçado por Gilberto Freyre no prefacio do livro, que é tambem o prefacio da collecção, pois é bem um estudo documentado que fixa, interpreta e esclarece aspectos significativos da nossa formação e da nossa actualidade.

A feitura graphica que a Livraria José Olympio Editora deu a esse volume é luxuosa e de muito bom gosto. Assim, sob qualquer aspecto, "Raizes do Brasil" é um livro que muito honra a nossa cultura.

21

"Raizes do Brasil", de Sergio Buarque de Hollanda

"O caracteristico mais saliente dos trabalhos a ser publicados nesta collecção será a objectividade" — diz Gilberto Freyre, prefaciando o livro "Raizes do Brasil", de Sergio Buarque de Hollanda, que inicia a collecção "Documentos Brasileiros", creada pela livraria José Olympio Editora. Realmente é caracteristica do livro do jovem escriptor paulista no seu actual trabalho, a objectividade. Nenhuma teoria preestabelecida, nenhuma affirmação "a priori". Sempre a pesquisa paciente, a affirmação

---

O Cruzeiro
(Rio)

de

7-11-1936

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 178
TEL. 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARCONDES, 30
TEL. 2-1740 — S. PAULO

Diario Carioca
RIO DE JANEIRO

8 de Novembro 1936

O JURO QUE É 4 1/2% AO ANO
CAIXA ECONOMICA
PAGA EM C/C ATÉ
20:000$000
Capitalisados semestralmente

Os Livros Novos da Semana

"RAIZES DO BRASIL" DE SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA, E "HISTORIAS DA AMAZONIA", DE PEREGRINO JUNIOR, EDIÇÕES DA LIVRARIA JOSE' OLYMPIO

O escriptor Sergio Buarque de Hollanda

Iniciando a colleção: "Documentos Brasileiros", que é dirigida pelo sociologo Gilberto Freire, a Livraria José Olympio Editora, acaba de publicar o livro: "Raizes do Brasil", de autoria do conhecido escriptor patricio Sergio Buarque de Hollanda.

Não podia ser mais acertada a escolha do livro que deve iniciar essa collecção de estudos do Brasil.

O joven autor do volume que acaba de apparecer, revela-se, logo nos primeiros capitulos do seu livro um profundo conhecedor do assumpto, um arguto pesquizador dos phenomenos formadores da nossa nacionalidade.

Remontando á psychologia dos nossos descobridores, aos seus processos de colonização e de adaptação, em face das reacções do ambiente, das influencias interiores e exteriores, consegue, por um claro e methodizado estudo da evolução brasileira, chegar até a explicação logica de muitas particularidades da nossa psychologia social, desfazendo muitos preconceitos correntes, destruindo algumas theorias erroneas, aceitas por varios autores nacionaes.

Não resta duvida que estamos deante de um trabalho dos mais sérios que se têm feito no Brasil, sobre o importante assumpto.

Elle está bem de accordo com o programma traçado por Gilberto Freyre no prefacio do livro, que é tambem o prefacio da collecção, pois é bem um estudo documentado que fixa, interpreta e esclarece aspectos significativos da nossa formação e da nossa actualidade.

A feitura graphica que a Livraria José Olympio Editora deu a esse volume é luxuosa e de muito bom gosto. Assim, sob qualquer aspecto, "Raizes do Brasil" é um livro que muito honra a nossa cultura.

"RAIZES DO BRASIL"

Pe. F. Domingues Carneiro

E' de justiça se reconhecer e proclamar o merecimento de algumas de nossas melhores emprezas editoras, se esforçando no lançamento de livros que se possam affirmar pelo seu valor verdadeiro. Têm ellas comprehendido, afinal, que já não forma excepção aquelle leitor que se poderia interessar por alguma coisa de subtancial, dando-lhe proveito instrutivo, alargando ou consolidando os seus conhecimentos. Para os que cultivam o genero, não faltarão as revistas de novellas ou as colleções de romances policiaes...

D'ahi a louvavel organisação de bibliothecas especialisadas que se vão formando. Nellas, certamente, haverá muita contribuição que não se estará recomendando. O que não significa que não se aponte e louve o muito que ha de apreciavel e digno, vindo satisfazer as exigencias da nossa curiosidade intellectual, do nosso gosto pelas boas letras.

Justamente é o que vem succedendo com a "Livraria José Olympio Editora" que acaba de dar inicio a uma "Colleção de Documentos Brasileiros," a qual se propõe á publicação de memorias; biographias; viagens de extrangeiros; assumptos relacionados com a nossa formação; motivos de anthropologia e ethnographia sob o ponto de vista sociologico, economico e pedagogico; e ainda inqueritos, pesquizas, investigações, etc.

Constitue todo um vasto programma que irá interessar os estudiosos, seriamente, como está acontecendo com o primeiro volume da colleção, já distribuido, da autoria do escriptor paulista Sergio Buarque de Hollanda, que offerece um bem cuidado trabalho sobre "Raizes do Brasil".

Encontram-se algumas observações ou mesmo theses, no livro, dos quaes se tem que discordar, merecendo discussão, sem diminuir o autor que se impõe, com segurança, pelo dominio com que trata dos diversos problemas que são focalisados, com bastante vida, as paginas a que temos de retornar depois de lidas, avidamente, uma primeira vez.

O autor de "Raizes do Brasil", desenvolvendo um claro raciocinio chega a conclusões que não se podem despresar, como, por exemplo quando affirma que "ainda nos associa á Peninsula Iberica, e a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir até hoje uma alma commum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a *forma* actual de nossa cultura; o resto foi materia plastica, que se sujeitou mal ou bem a essa forma".

Reconhecendo que os europeus do Norte são incompativeis com as regiões tropicaes, como justifica o insucesso da experiencia hollandeza no Brasil, o sr. Sergio Buarque de Hollanda escreveu que "pioneiros da conquista do tropico para a civilização, tiveram os portuguezes, nessa proeza, a sua maior missão historica".

Em investigações sobre as "Raizes do Brasil" não podia ficar á margem a obra dos jesuitas na nossa formação, e elles são considerados, durante os primeiros seculos, os unicos portadores de uma organização que se orientava segundo um espirito positivamente constructivo. Accrescenta o autor que essa obra foi uma rara e milagrosa excepção na America Portugueza, e isso quando, em dois capitulos, trata do "Passado Agrario".

Um capitulo, no livro, obrigando a serias reflexões, fasendo ainda desejar um maior desenvolvimento que lhe fosse dado é aquelle que estuda o "Homem Cordial", expressão que foi do escriptor Ribeiro Couto quando dizia que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade. Traz esse capitulo, considerações curiosas, de importancia mesmo, sobre as manifestções da nossa vida emocional: na linguistica, nos negocios, no culto. E' impressionante a firmeza de observação do escriptor sobre a famosa questão ecclesiastica, no Imperio, luta furiosa que durante longo tempo abalou o paiz, travada somente porque Don Vital se obstinasse em não abandonar o seu *excesso de zelo*.

...*Nos dois ultimos capitulos que* se subordinam aos titulos: — "Novos tempos" e Nossa revolução," — são ventiladas diversas questões, como bacharelismo, o instincto negador dos positivistas, o romantismo no Brasil, a mentalidade livresca, a falta de espirito militar e outras mais, incluindo algumas certos conceitos com que não vamos concordando, mas ficando demonstrado, em todo o livro, que o seu autor, sabendo escrever, é dono de conhecimentos vastos de que se aproveita actualmente, sem forçar por exhibição, mas quando é o momento preciso, podendo illustrar o que produz, de tal sorte que o seu nome no primeiro volume da "Colleção Documentos Brasileiros," veio ainda mais justificar a sympathia com que foi a mesma recebida, fazendo que a sua continuação seja aguardada com real interesse.

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 178
TEL 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740 — S. PAULO

Diario da Bahia
BAHIA
9. NOV. 1936

LIVROS NOVOS

"Raizes do Brazil" — Sergio Buarque de Hollanda — Livraria José Olympio Editora, São Paulo — Iniciando a série de publicações de documentos brazileiros, alguns desconhecidos, a conceituada editora tem em mira fixar, interpretar ou esclarecer aspectos significativos da nossa formação ou da nossa nacionalidade. É, pois, uma iniciativa louvavel e patriotica e que, de certo, terá os applausos de todos os brazileiros cultos. Sob a direcção do conhecido escriptor Gilberto Freyre, o primeiro volume acaba de ser posto á venda em todos os mercados de livros do País, e enfeixa um importante trabalho de Sergio Buarque de Hollanda, intellectual paulista de grande projecção, cujo valor é por demais conhecido em todos os meios culturaes nacionaes. Seguir-se-á, logo após, a publicação de dois livros de memorias: o de Oliveira Lima e o de Julio Bello. As memorias de um diplomata e as de um senhor de engenho. Cada um delles documenta uma phase ou illumina um aspecto caracteristico da formação nacional. Como se vê, a collecção "Documentos Brazileiros" irá, certamente, concorrer para a divulgação de um valiosissimo material que virá augmentar, consideravelmente, o patrimonio historico da nossa formação social. Promettem ainda os editores incluir, nessa admiravel collecção, estudos documentados sobre as nossas populações actuaes, quer no ponto de vista anthropologico e ethnographico, quer no ponto de vista sociologico, economico e pedagogico. É, pois, uma obra grandiosa e que alcançará, sem dúvida, completo exito.

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1925
RIO DE JANEIRO
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 24-5422
SÃO PAULO
EDIFICIO MARTINELLI-10º
TEL. 2-1740
A TRIBUNA
SANTOS
Est. de São Paulo
9. NOV. 1936

Á MARGEM DOS LIVROS

"RAIZES DO BRASIL" — SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — Livraria José Olympio, editora - Rio - 1936

Sob a rubrica geral de "Collecção de Documentos Brasileiros", dirigida pelo historiador pernambucano, Gilberto Freyre, o joven editor José Olympio, que tanto vem enriquecendo a bibliographia brasileira, acaba de entregar ao publico ledor o primeiro volume, intitulado "Raizes do Brasil", de Sergio Buarque de Hollanda..

Prefaciando este livro, aquelle apreciado polygrapho pernambucano observa: — "A série, que hoje se inicia, com o trabalho de Sergio Buarque de Hollanda, vem trazer ao movimento intellectual, que agita o nosso pais, á ansia de introspecção social, que é um dos traços mais vivos da nova intelligencia brasileira, uma variedade de material em grande parte ainda virgem: — desde o inventario á biographia; desde o documento em estado quase bruto, á interpretação sociologica em fórma de ensaio".

"Raizes do Brasil" situa-se perfeitamente no quadro de estudos objectivados pela collectanea, ora inaugurada sob os melhores auspicios. O A. allia a uma cultura solida e profunda, o dom innato da analyse e o senso interpretativo, no mais alto grau.

Remontando aos primeiros albores da nossa colonização, mostra de que maneira surgiu dessa chrysalida — a velha civilização européa, representada pelo esforço descobridor dos povos ibericos — o mundo novo, a mentalidade moderna, de que é legitima expressão a America luso-espanhola.

"Pioneiros da conquista do Tropico — assevera á pag. 19 — para a civilização, tiveram os portugueses, nessa proeza, a sua maior missão historica". Para isso, contribuiu essencialmente o espirito de aventura da gente lusa, alliado a uma capacidade tenaz de trabalho, que erigiu, neste lado do Atlantico, o berço duma nova raça.

Sobravam, áquelle povo, qualidades surprehendentes de adaptação, que talvez não se deparassem, de maneira tão patente, em outros povos da época, igualmente navegadores e aventureiros. "Procurando recriar aqui o meio de sua origem, (os portugueses) fizeram-no com uma destreza que ainda não encontrou segundo exemplo na Historia".

Para isto, contribuiu a falta de preconceitos raciaes, que ainda hoje existem na consciencia dos ingleses, franceses e hollandeses, para apenas citar os que atravessaram o oceano em busca de novas terras e novas fontes de riquezas materiaes. Essa "extraordinaria plasticidade social — a ausencia completa, ou praticamente completa, entre elles, de qualquer orgulho de raça", explica o A. pelo facto de serem os lusitanos "um povo de mestiços", já quando aqui aportaram.

Os descendentes de Viriato, elles proprios mescla de arabes, godos, alanos, etc., nunca tiveram repugnancia de se misturar com as populações "de côr" por elles conquistadas.

Respeitando os costumes, tradições e crenças destas, servindo-se frequentemente do idioma dos seus vencidos, para melhor dilatar o seu dominio e trato constante, conseguiram, construindo uma nova patria, londe da sua, alicerçar uma obra de civilização duradoura.

No capitulo "O passado agrario", o A. desenvolve, com abundancia de argumentos ponderosos, a these que "toda a estructura da nossa sociedade colonial teve sua base fóra das cidades". O cyclo da canna de assucar, proseguido no das minas e no do café, caracterizou-se pelo apogeu do ruralismo. As cidades dispersas do litoral não tinham a importancia dos centros de cultura, em que imperavam, como soberanos absolutos, os chamados "senhores de engenho". Estes residiam, de preferencia, na "casa grande", o solar luxuoso e tradicional das fazendas do interior. Até o Segundo Imperio, eram estes magnatas, de que tivemos, até ha pouco, remanescentes typicos, nos ingenuos "coroneis" da roça — que mandavam e dirigiam o pais, fornecendo membros para o Parlamento e para os postos de administração.

O cyclo do café, vindo posteriormente, produziu o phenomeno inverso: — o urbanismo parasitario e improductivo. Ao patriarchado agrario succedeu, nos começos da Republica, a plutocracia cosmopolita. As cidades cresceram, prosperaram, opulentaram-se, em detrimento dos agglomerados ruraes. Surgiu o bacharelismo eclectico e politiqueiro. Os diplomados, só excepcionalmente voltados para as uteis actividades das suas profissões especializadas, criaram no Brasil uma viciosa mentalidade, uma "tendencia para exaltar acima de tudo a personalidade individual, como um valor proprio e superior a todas as contingencias". (Pag. 117).

Data dahi o "prestigio da palavra escripta", o gosto pelas formulas sonoras, de que o positivismo republicano foi um dos mais perniciosos effeitos. Sem bases seguras na consciencia, o novo regime foi sempre um ideal em vias de realização. "A democracia, no Brasil, foi sempre um lamentavel mal-entendido" (Pag. 122) — por isto que "os movimentos reformadores partiram sempre de cima para baixo".

Amantes de abstracções inexequiveis, de olhos fitos no que fizeram Pitt, na Inglaterra, ou Talleyrand, na França — como Eça de Queiroz já fez notar com agudeza e malicia — as nossas "elites", empanturradas de erudição inocua, "ainda quando se punham a legiferar e a cuidar de organização e outras coisas praticas, eram puros homens de palavras e livros: não saiam de si-mesmos, de seus sonhos e imaginações". (Pag. 126). A Republica foi prégada, não como uma necessidade inadiavel, mas apenas — conforme os termos do manifesto de 1870 — porque a monarchia, no Brasil, era a unica, em terras americanas...

Agarrados a conceitos puramente decorativos, tornando o personalismo uma noção positiva, os sedizentes democraticos viveram a correr atrás de miragens, mais ou menos enganosas, como a campanha da alphabetização, a panacéa do voto secreto, a varias vezes fracassada tentativa de fundar um "partido nacional".

No entanto, reconhece o A. que, devido á bondade innata do brasileiro, a já mencionada falta de preconceitos de côr ou de raça, não vingaram, aqui, as lutas estereis e aggressivas, a respeito de religião, classe ou politica, tão ferozes e intransigentes alhures.

Assim, as imitações nacionaes de movimentos caracterizados pelo culto da violencia, como o fascismo e o nazismo, apresentaram-se, sob o Cruzeiro do Sul, com tonalidades suaves, maneiras brandas, macias, conservadoras...

O "mussolinismo indigena", de que Plinio Salgado se faz campeão, em nossos dias, será, cada vez mais, "uma doutrina accommodaticia, avessa a gestos de opposição, que não deixam ampla margem ás transigencias, e partidaria systematica da Ordem, quer dizer, do Poder Constituido". (Pag. 160). Está, neste ponto, de acôrdo com "a grande tradição brasileira, que nunca deixou funccionar os verdadeiros partidos de opposição, representativos de interesses ou de ideologias".

As conclusões logicas desse estudo, o A. synthetiza, á pagina 161, de maneira não muito explicita, mas permittindo ao leitor por si mesmo tirar as deducções que lhe pareçam mais consentaneas com o exposto nas paginas deste livro. "O essencial de todas as manifestações, das criações originaes, como das coisas fabricadas, é a fórma". Nesta ultima palavra, fixa o A. a essencia do pensamento dominante nesta substanciosa monographia.

Poderia objectar-se: estará certo, esse appello á "forma", com despreso pelo "espirito" interior que o deve animar? Não será isso uma continuidade do erro posto em relevo, a respeito do bacharelismo palrador e romantico?

"O espirito — accrescenta o A. — não é uma força nominativa, salvo onde pode servir á vida social e onde lhe corresponde". Esta phrase corrige a precedentemente citada. Sim, o espirito, dentro do contorno de "fórmas" adequadas, é que deve prevalecer.

Foi talvez porque, no Brasil, esquecemos esse "espirito" criador, deixando-nos acalentar pelas chimeras de ideologias estranhas, — que até hoje não fomos um povo verdadeiramente democratico, dando ensanchas para que em nosso pais proliferassem as utopias doutrinarias mais absurdas e incongruentes, a começar pelo positivismo dos republicanos historicos e a terminar pelo communismo dos nossos intellectuaes neurasthenicos...

ALVARO AUGUSTO LOPES

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 176
TEL 43-5422 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740 - S. PAULO

A NOTA
RIO DE JANEIRO

9 de Novembro 1936

FEIRA DE LIVROS

"Raizes do Brasil", Sergio Buarque de Hollanda. Editora José Olympio

Acaba de apparecer o livro numero 1, da collecção: "Documentos Brasileiros", creada pela Livraria José Olympio Editora, sob a direcção de Gilberto Freyre, o sociologo que todo o Brasil conhece e admira. Esse livro é de autoria do conhecido escriptor paulista Sergio Buarque de Hollanda, tendo o titulo de "Raizes do Brasil". Trata-se de um estudo muito sério das nossas origens, dos aspectos mais significativos da nossa formação, e da interpretação desses factos de origem e os seus effeitos em nossa actualidade. Poucos conseguiriam dar a esse trabalho a amplitude, a profundidade e o brilho que soube lhe dar o autor de: "Raizes do Brasil".

No livro de Sergio Buarque de Hollanda não ha affirmação que não esteja firmemente documentada. O autor não divaga, não arrisca conclusões. Registra o facto, exhibe o documento e conclue com segurança, com logica, com clareza. Isso feito com methodo, com precisão, dá ao seu trabalho uma autoridade que não póde ser discutida.

E' assim, uma grande realização da nossa cultura o livro: "Raizes do Brasil".

"Historia da Amazonia".

Desmentindo a opinião de que o conto é um genero decadente no Brasil, acaba de apparecer o livro: "Historias da Amazonia", de autoria de Peregrino Junior, em bellissima edição da Livraria José Olympio Editora. O autor se reaffirma com esse volume, não sómente o prosador elegante que todo o Brasil conhece, como o contista singular, que utiliza motivos genuinamente brasileiros para, usando de uma technica exclusivamente sua, produzir essas pequenas historias, que, se chamam: "Ritinha", "Paroara", "Putirum de Phantasmas", "Mulher de tres maridos" ou "Areia Gulosa", têm sempre um sabor extranho, uma intensidade singular de emoção, um colorido forte de linguagem, uma riqueza estonteante de ambientes.

E toda essa luta do homem contra a natureza e ás vezes do homem contra o homem, que Peregrino Junior fixa com maestria e belleza nas "Historias da Amazonia", que a Livraria José Olympio Editora acaba de publicar, reunindo a mais esse successo do autor, mais uma victoria da conhecida casa editorial.

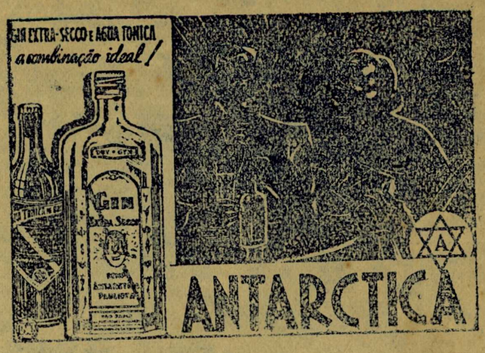
2ª EDIÇÃO DE "O MOLEQUE RICARDO"

O livro de José Elias do Rego, que tanto successo tem alcançado, desde o seu apparecimento, acaba de ser lançado em 2ª edição, em bello trabalho graphico da Livraria José Olympio Editora. Esse livro está incluido no "Cyclo da Canna de Assucar" e faz parte da collecção: "O Romance e o Conto".

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928
RIO DE JANEIRO
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 24-5422
SÃO PAULO
EDIFICIO MARTINELLI
TEL. 2-1740
O ESTADO DE SÃO PAULO
SÃO PAULO
11. NOV. 1936

2605

27



BIBLIOGRAPHIA

Raizes do Brasil, por Sergio Buarque de Hollanda — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.

Com o volume de Sergio Buarque de Hollanda, inicia a Livraria José Olympio uma nova collecção, que está destinada a despertar o melhor interesse entre os nossos estudiosos, não só pelas directrizes a que obedecerá e que estão expostas na introducção escripta por Gilberto Freyre ao trabalho ora publicado, como pelas obras, nacionaes e estrangeiras, que da mesma farão parte.

Intitula-se a nova série "Documentos Brasileiros" e dirige-a Gilberto Freyre. A obra escolhida para a abertura da collecção foi bastante feliz, pois o trabalho de Sergio Buarque de Hollanda é um estudo sério e elevado dos phenomenos formadores da nossa nacionalidade. Remontando á psychologia dos nossos descobridores, aos seus processos de colonisação e de adaptação, em face das reacções do ambiente, consegue chegar á explicação logica de muitas particularidades da nossa psychologia social.

A feitura graphica da obra é tambem de muito gosto.

Viagem Militar ao Rio Grande do Sul, pelo conde d'Eu — Companhia Editora Nacional — São Pau'o.

Bem andou a Companhia Editora Nacional incluindo na sua interessante série "Brasiliana", da Bibliotheca Pedagogica Brasileira, as cartas que formam o relato da viagem do principe Gastão de Orleans ao Rio Grande do Sul, nos mezes de Agosto e Novembro de 1865.

Documento historico de indiscutivel valor, esse diario de viagem constitue trabalho que não poderá deixar de ser consultado por quantos se dedicarem ao estudo da nossa historia, principalmente pelo cunho de originalidade que elle encerra.

A segunda parte do volume é dedicada á publicação de 19 cartas do Conde d'Eu, commentadas por Max Fleiuss, do Instituto Historico.

O volume encerra tambem algumas illustrações fóra do texto.

Historias da Amazonia, por Peregrino Junior — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.

O novo livro do autor de "Matupá" é formado por uma série de contos, tendo como scenario a Amazonia. São historias rudes e primitivas, como o ambiente que lhes serve de scenario. Peregrino Junior, narrando-as, não se perdeu em verbalismos inuteis, mas procurou, dentro de um estilo simples e attrahente, revivel-as com toda a sua intensidade, emprestando vida e movimento ao seu interessante livro.

A edição da Livraria José Olympio, do Rio de Janeiro, é bastante cuidada.

Aperçu General du Commerce Mondial (1935) — Societé des Nations — Genéve.

E' um estudo sobre as trocas commerciaes do mundo durante o anno de 1935, assim como um trabalho comparativo dos algarismos de 1935 com os dos annos immediatamente anteriores. No volume ora publicado pela Secção financeira e serviço de estudos economicos da Sociedade das Nações estão estudados, como aliás nos volumes anteriores, especialmente os effeitos das recentes evoluções monetarias, bem como a tendencia actual em substituir ao commercio multilateral as trocas reciprocas.

Além de outros, encerra o volume os seguintes capitulos: valor e quantum do commercio mundial durante os annos 1929-1935; commercio por grupos principaes de mercadorias; commercio por grupos continentaes; commercio por paiz; analyse do commercio dos principaes paizes em 1935; commercio de certos productos de base; effeitos da depreciação monetaria e a tendencia ao bilateralismo.

28

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 170
TEL. 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740 — S. PAULO

A Tarde
BAHIA
11. NOV. 1936

LIVROS NOVOS

"RAIZES DO BRASIL" — SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

A Livraria José Olympio inicia a sua promettida "Collecção Documentos Brasileiros" sob a direcção de Gilberto Freire, com o livro de Sergio Buarque de Hollanda "Raizes do Brasil".

"O caracteristico mais saliente dos trabalhos a ser publicados nesta collecção será a objectividade" — esclarece o director da mesma. Seu objectivo é a divulgação do "documento virgem e do estudo documentado que fixe, interprete ou esclareça aspectos significativos da nossa formação ou da nossa actualidade".

Em "Raizes do Brasil", o auctor que é uma das inteligencias moças do Brasil mais dedicadas ás questões de pesquizas e analyses do material de nosso passado, estuda, apresentando-as em moldura de estylo apreciavel as seguintes questões: I — Fronteiras da Europa; II — Trabalho e aventura; III — O passado agrario; IV — O passado agrario (continuação); V — O homem cordial; VI — Novos tempos; VII — Nossa revolução.

Livro interessante e bem documentado, escripto com probidade e elevação "RAIZES DO BRASIL" inicia admiravelmente a serie dos "Documentos brasileiros", revelando as sadias intenções espirituaes dos organizadores da collecção. E' um livro que não pode faltar nas bibliothecas dos estudiosos das cousas do Brasil.

Em todas as livrarias da cidade.

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 176
TEL. 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1746 — S. PAULO

Estado de Sergipe
ARACAJÚ
Sergipe
10 NOV 1936

29

NO MUNDO DOS LIVROS

"Raizes do Brasil" de Sergio Buarque de Holanda. — Livraria José Olimpio

Sergio Buarque de Holanda acaba de publicar um livro de estudo sobre a formação social brasileira. Esse livro que é o primeiro a aparecer na coleção: "Documentos Brasileiros", organizada pela Livraria José Olimpio Editora, sob a direção de Gilberto Freire, o extraordinario sociologo de "Casa Grande e Senzala", tem, como poucos, um carater de investigação cuidadosa, de pesquisa erudita, para a interpretação racional, dos mais diversos fenomenos formadores da nossa realidade atual. Possuindo o autor uma extraordinaria capacidade de analista, e um poderoso senso de interpretação das causas e efeitos, entre premaranhado dos atalhos que se abrem para o pesquisador, conseguindo evita-los para encontrar o caminho real, conseguiu tambem, partindo dos remotos fatos do nosso descobrimento e da nossa colonização, fazer o estudo logico da nossa evolução social, e uma explicação muito clara, da nossa psicologia do povo, como produto dos mais diversos e por vezes contrarios fatores.

Compõe-se o livro de sete grandes capitulos onde os diversos temas são tratados sempre com grande soma do conhecimento. Intitulam-se: "Fronteiras da Europa", "Trabalho e Aventura", "O Passado Agrario", "O Homem cordial", "Novos Tempos" e "Nossa Revolução".

Sob uma feição material das mais luxuosas e contendo materia tão escolhida, não é de admirar o exito que está alcançando a Livraria José Olimpio Editora com a publicação desse livro de Sergio Buarque de Holanda.

30

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928
RIO DE JANEIRO
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 24-5422
SÃO PAULO
EDIFICIO MARTINELLI-10º
TEL. 2-1740

DIARIO DA NOITE
SÃO PAULO
12 NOV 1936

ANTARCTICA

SOCIAES

"RAIZES DO BRASIL"

Gilberto Freyre, essa discreta figura de sabio que já deu ao Brasil estudos magistraes, orientados por um rigoroso processo scientifico de pesquisa da realidade nossa, dirige a Collecção de Estudos Brasileiros que, com a Collecção "Brasiliana" lançada ao mercado pelo meu caro amigo Octales Marcondes, vem crear uma nova fonte de materiaes creoulos para um conhecimento systhematizado e profundo das coisas do paiz.

O primeiro volume dessa nova série de ensaios ficou a cargo de Sergio Buarque de Hollanda. "Raizes do Brasil" é o livro que inaugura a galeria de volumes que tanto virá enriquecer a cultura patricia.

Sergio Buarque de Hollanda não é apenas um espirito analytico. A analyse presuppõe — quando feita honestamente — assimilado lastro de cultura. Esta não falta ao estudioso que, neste trabalho, se revela dos mais seguros observadores dos phenomenos sociaes que presidiram á formação da nacionalidade. Sergio é, tambem, um espirito dotado da visão de conjuncto. Positivo, nada rhetorico, conciso e claro. Sergio põe a serviço das suas investigações um estylo maleavel e rico, tornando seus escriptos attrahentes e de amoravel leitura.

Vae certo por bons e largos caminhos este bandeirante que desbrava os complexos estractos da nossa crystalização social. Não se perde em narcisismos deante das pictorescas paizagens psychologicas que contempla, nem se descura de fazer uma aguda critica ao levantar o mappa moral do nosso povo.

Seu estudo é profundo e minucioso. Todos os factores sociaes da formação nacional são levados em conta, com objectividade e sereno sentido realistico. O livro pede, por certo, uma leitura lenta e meditada, porque o Brasil é sem duvida um dos paizes de organização e formação mais complexas, dada a maneira pela qual foi colonizado, as influencias polygeneticas que reagem no seu plasma racial, sua vasta extensão territorial exposta aos mais variados climas e aos ambientes economicos os mais diversos. O estudo mais completo do Brasil sómente poderá ser feito quando os pensadores nossos, dos varios Estados, puderem carrear o copioso material de observações necessarias ao grande espirito generalizador que surgirá e que se servirá delles para traçar as largas linhas do definitivo "retrato do Brasil." — HELIOS.

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 170
TEL. 43-3428 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740 — S. PAULO

A Tarde
BAHIA

11 NOV 1936

HOMENS & OBRAS

Gilberto Freyre

"CASA GRANDE E SENZALA", "SOBRADOS E MUCAMBOS", "ARTIGOS DE JORNAL", GILBERTO FREYRE. "RAIZES DO BRASIL", SERGIO BUARQUE HOLLANDA (LIVRARIA EDITORA BAHIANA)

A critica deve encarar a obra de arte como um objecto real. Do exame direto dessa realidade viva é que formúla a noção de subjetividade estetica, que não ha de ser procurada nos subentendidos, isto é, no que o autor deixou de realizar, mas no que realizou, de positivo, ainda que em projecções de formas tumultuarias. Tambem sentir, a obra de arte, como se representada em nós. Como se fosse autor o critico. Razão porque deve ser abandonado o metodo dos julgamentos da má-fé em favor do metodo de julgamento da simpatia compreensiva. A critica vota-se inteira á creação. Colabora ativamente nos exitos irradiados pelo poder creador, associativo ou dissociativo, em pleno gesto livre, da obra de arte. Mas, que é obra de arte? Obra de arte é a vida. Que é vida do ponto de vista artistico? Não é o arbitrario, o sistematico, o formalistico. E' o movel, o livre, o independente. Não quer isto dizer libertação de todas as leis, todos os principios, todos os canones. Isto quer dizer adaptação gradual ao ritmo dinamico da vida, do qual não se pode, nem se deve, biologicamente, excluir a hereditariedade, ou diga-se — a tradição. Mesmo a proposito do fenomeno de tradição, no plano da arte em geral, escrevia eu, destas proprias colunas, em janeiro de novecentos e vinte oito: "A tradição, dizia, que deveriamos desprezar, é a tradição, vamos acentuar — *estatica* — a velha tradição improdutiva, para a qual a nossa sensibilidade contemporanea já não tem mais fremitos creadores possiveis. Mas a tradição que vale o tom da continuidade, que quer ser vida integralista, que deve ser estudada, seguida, desenvolvida, reconstituida, é a tradição — *dinamica* — renovada, esta, sim, a grande fonte retemperadora das forças da inteligencia e do sentimento da raça. Esta é a propria razão de ser das obras e dos homens de uma epoca. Sem esta não existirá Brasil." Refletindo, ainda nas imposições de uma sintese brasileira, comentava: "O esforço justificavel é o unificador. E' a coordenação de forças colidentes em favor de uma só força nacional, uma como sintese brasileira, integrada no tipo de civilização que elegermos do concurso das outras. Esta deve ser procurada nas raizes do tradicionismo nacional em luta com as seduções varias dos exotismos, que nos assediam de todos os quadrantes do globo". Velhas idéas de uma critica de novecentos e vinte oito, que uma creação de hoje me vem recordar. Refiro-me á obra tradicionista de Gilberto Freyre.

Os estudos luso—indio—negroides têm, ou tiveram, na Bahia os seus primeiros lineamentos marcantes. Ou se fale de Gregorio de Matos, o fixador do tipo mestiço feminino das *Catitas*, *Catonas* e *Babús*, ou se fale de Castro Alves, o fixador das *senzalas dos Lucas* e *Anarias*, ou se venha a falar de Nina Rodrigues, o creador dos estudos africanos, com outros nomes quaes Manuel Querino, Oscar Freire, Anselmo da Fonseca, Gustavo de Andrade, (nos dominios da lingua) como Teodoro Sampaio, Silva Campos, e, recentemente, Artur Ramos, ou se fale de outros cujos nomes não me ocorrem, o certo é que, na Bahia sempre contaram os estudos luso-indio-negroides com os pesquisadores da melhor cêpa. Hoje, porem, abandonados. Não assim, em todo o norte. Em Pernambuco, Gilberto Freyre, com uma serie de trabalhos verdadeiras obras de arte, (*Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mucambos*, e *Artigos de Jornal*) creou para bem dizer, uma sociologia nova destina, senão mesmo brasileira, se admitirmos o exagero como condição insofreavel de encarecer os grandes livros interessantes. Sociologia, tendo nhamos as coisas em seus justos termos de caracter localista, excitante estilo de pecularidades, caseiras, intimas, domesticas, a que os psicologos modernos emprestam a elasticidade de seus postulados cientificos, eis a sociologia genetica, ou psico-genetica de Gilberto Freyre, ajudada do seu todo historico — cultural personalismo. E', em suma, psicanalise aplicada á historia. O elemento sexual, como fonte de interpretação da nossa estrutura de raça. O elemento afetivo, como fator do afeiçoamento da lingua. O elemento agrario, fusão do colonizador, do indigena e do escravo, lutando entre a *Casa Grande e a Senzala*, entre os *Sobrados e os Mucambos*, como campo experimental para as justificativas da formação do homem brasileiro. Gilberto Freyre desdenha, e não sem alguns ponderaveis motivos, o continente nómada, imigratorio, politico e militar, no exame historico de conjunto da nossa evolução. Adota o continente humano, isto é, a explicação da terra pelo homem e sua casa, claro, naquelas alturas em que a *vida vivida* é a regra comum da creação historica. Daí a sua tendencia de fixar o movimento formador das nossas gentes numa zona restrita de *Casa Grande* e *Senzala*, de *Sobrados* e *Mucambos*. Em *Artigos de Jornal*, ele confessa preferir a historia social a todas as historias, sobretudo, *"l'histoire intime... ce roman vrai"*, como lhe dizem os irmãos Goncourt.

Quando, acaso, falham, por difficuldades experimentaes de comprovação imediata, como é comum na ciencia dos Gides e dos Giddings, os dados da realidade preterita, apéla para o poder introspectivo da critica que é, ainda aqui, um dom epicurista de imaginar, quando se não pode provar, o homem, a obra e a vida do passado. Sociologia — romance, ou romance — sociologia, muito mais interessante, pelos tipos e dramas que vae reconstituindo, do que essas outras sociologias de contrabando que nos vão florindo em literaturas de tatibitates. Aliadas aos seus dons nativos de observação regional remoçante sobram-lhe as graças individualissimas de viajador, dos bem viajados, ora por volupia de curiosidade, ora por tentação de aprender. Cursou universidades, onde, se me não engano, aprendeu e ensinou. Viu terras. Observou gentes. Conheceu tipos de civilizações, notadamente aqueles em que um vasto humor viceral se caracteriza alastrante, como a americana e a inglêsa, das suas preferencias literarias. O seu prazer pelas viagens revela-se, ás vezes, num simples comentario, numa pagina á pressa, num flagrante impressionista. Estou a lembrar o capitulo dos *Artigos de Jornal*, sobre Baedeker, explicador de mundos e Cook, agencia de caminhos... E com que elegancia ironica o faz, por estes termos: "Baedeker poderia ter sido guia na historia ou na literatura. Na historia e na literatura os Baedekers são tão uteis como nas viagens. Salvam imensidades de tempo e de aborrecimento. Por falta de um Baedeker que lhe indicasse datas e fatos, já coados e limpos de duvidas, deixou Joaquim Nabuco de escrever a biografia de Maciel Monteiro." Com taes e tantas virtudes de homem de letras e de ciências, ás quaes se podem chamar de comemorativos da autoridade, possuindo a alegria de conhecer igual á de saber, como á de exprimir, Gilberto Freyre, um grande nome da nossa epoca, faz que a sua obra, estirada já em tres valiosos tomos, (*Casa Grande*, *Sobrados e Artigos*) ainda que defeituosa de arquitetura literaria, como *Casa Grande*, mas profundamente substancial como meditação seria, vigorosa e sadia, tenha essa surpresa das imagens que encantam, como horizontes novos. Ha um fremito crecente de novidades, de informações, de ensinamentos, de simpatias em seu estilo facetado á vontade das emoções voluveis.

Sinteses arquitetadas a rigor, quando ele proprio confessa não "concluir", nem "julgar", não seriam possiveis a quem olha a vida a passar como numa sequencia admiravel e trepidante. Mas, apesar de todo o aparente desprezo pelas "conclusões" e pelos "julgamentos", não deixa duvidas que tudo produz, segundo um metodo seguro, claro e convincente.

A prova é que está á frente de uma iniciativa louvabilissima de reunir numa "coleção de documentos brasileiros", o material historico da sua especialidade, "para a compreensão e a interpretação do nosso passado, dos nossos antecedentes, da nossa vida em seus aspectos atuaes mais significativos", como é o *Raizes do Brasil*, de Sergio Buarque de Hollanda. O ensaio de Sergio Buarque de Holanda obedece ás directrizes sociologicas de Gilberto Freyre. Não será um discipulo, porque já era um mestre. Tanto de forma, como de essencia, o espirito critico em Sergio Buarque tende á ordem, á clareza, á generalização, sem tropeços no estilo, nem negligencias nas idéas. Por entre a larga exposição argumentada do *Raizes do Brasil*, ha um capitulo sobre "*O Homem Cordial*", que é um primor de psicologia brasileira, daquela psicologia cotidiana, tão cara aos habitos mentaes dos criticos modernos. Se não fraquear a campanha de reação nova contra a decadencia procurada da nossa literatura, teremos, muito breve, uma sociologia brasileira, sociologia — romance, saudavel, colorida, vibrante, e, sobremaneira, documentada, á risca, tal se vae verificando pela obra de Gilberto Freyre (*Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mucambos*, *Artigos de Jornal*) e agora este *Raizes do Brasil*, de Sergio Buarque de Hollanda. Um excelente livro, sobre o qual haveria muito que dizer, de bem, já se vê, não fosse o perigo de prolongar por demais estes simples esquemas sobre assuntos complexos.

CARLOS CHIACCHIO

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 178
TEL 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740 — S. PAULO

A NOTA
RIO DE JANEIRO

15 de Novembro 1936

RAIZES DO BRASIL
Sergio Buarque de Hollanda
VIEIRA DE MELLO

A LIVRARIA JOSE' OLYMPIO acaba de editar um livro interessantissimo do sr. Sergio Buarque de Hollanda, O livro intitula-se, com justiça, "Raizes do Brasil". Na verdade, o escriptor paulista pertence á linhagem dos escaphandristas, dos que mergulham no fundo dos phenomenos historicos e de lá voltam carregados de interpretações ineditas e descobertas valiosissimas.

Gostei de uma cousa entre muitas: — o Sr. Buarque de Hollanda não é caôlho, não soffre a doença dos exclusivismos unilateraes de methodos historicos.

Não é um desses diabos maniacos do determinismo, que querem reduzir os organismos sociaes á puras leis biologicas. Nem é um dos livre arbitristas, que submettem os acontecimentos a meras volições erradas ou certas das gerações successivas.

Feliz intelligencia a desse homem, sem rigidez de dogma, com o faro das essencias escondidas da psychologia collectiva, e servida por uma solida cultura, uma cultura sanguinea, bem absorvida, e bem respirada.

A grande linha do livro do sr. Buarque de Holanda é a que elle procura traçar sobre a plastica adaptação ruralista da cultura iberica ao nosso paiz e a forte transformação, que ella começou a soffrer depois de 1888.

O autor fixa, numa luz abundante, a evolução do nosso processo social e as caracteristicas typicas que tomou, no Brasil, a luta universal da cidade contra o campo.

Com effeito, já é tempo de deixarmos a historia episodica, superficial, heroica, para entrarmos na pesquisa e estudo das raizes affirmativas ou negativas, dos valores com signal *mais* ou *menos* do nosso passado, que hão de embasar a construcção da nossa nacionalidade. Valores a evitar e valores a fomentar.

Confesso a minha adhesão a quasi todos os pontos de vista do sr. Buarque de Hollanda.

Num, discordo profundamente, quando acha que a forma da nossa cultura na America Latina permanece nitidamente lusitana e hespanhola, não sendo o "americanismo" (as aspas são do publicista) mais que uma sorte de exacerbamento de manifestações extranhas, de decisões impostas de fóra, exteriores á terra.

O sr. Hollanda considera o americanismo ainda interiormente inexistente. Quanto á America hespanhola, esta affirmação me parece atrevidamente errada, sabendo-se que si em Cuba o indio foi destruido, na Argentina e Costa Rica absorvido, nos outros paizes conservou-se na proporção de 75 %.

Esta juxtaposição, constitue, por assim dizer, o maximo problema da Bolivia, do Perú, do Mexico. O americanismo é para esses paizes a grande questão, o nervo do Partido Aprista, conduzido pelo "leader" peruano Victor Raul Haya de La Torre e do Partido Nacional Revolucionario, que, nos ultimos vinte annos, tanto apressou o rythmo da evolução social mexicana.

Assim é que os maiores sociologos desses povos são todos americanistas. Mas na porpria Argentina, o eminente Ricardo Rojas e toda a moderna literatura neo-incasica (lembro o interessante trabalho de Ernesto Morales, "Las Ensenansas de Pacario") mostra as influencias da psychologia indigena na formação da mentalidade rioplatense.

Mas os trabalhos de Jung, o famoso psycanalista suisso que tanto investigou sobre a formação do caracter yankee, tambem demonstram que o "ideal nacional norte-americano é quasi puramente indio, como o provam a imagem ou representação norte-americana do heróe, a idéa norte-americana do esporte, indias e não européas, como o são igualmente a tenacidade e a concentração de um objectivo ou proposito determinado".

Aliás, o proprio sr. Hollanda tem no seu livro paginas admiraveis sobre a preguiça britannica e as carateristicas da psychologia ingleza anterior á Era Victoriana, que são a negação formal do yankismo.

Keyserling examinou e approvou as conclusões de Jung. Waldo Frank disse, a meu vêr, verdade, quando affirmou que o europeismo tende a extinguir-se na America, trabalhado pela subconsciencia indigena dos nossos povos.

A verdade é que a contribuição indigena nas raizes do Brasil está por ser estudada. Esta é uma deficiencia do livro do sr. Hollanda. Precisamos de um indianismo scientifico, o opposto do indianismo romantico de Gonçalves Dias e Alencar, um indianismo á maneira do que se está fazendo com o negro, para podermos falar na realidade ou inexistencia do americanismo.

Concordo com o sr. Hollanda em que a maioria das nossas instituições conservaram as linhas antigas da sua origem iberica.

O reajustamento dellas á vida americana é precisamente, como o demonstra sobretudo o Mexico, o mais grave dos nossos problemas.

Grande livro o do sr. Buarque de Hollanda, que provoca e merece meditação dos que têm de fazer leis, programmas, traçar directrizes e orientar a opinião do Brasil em construcção.

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 178
TEL. 43-3432 - 210
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 16º
TEL. 2-1140 - S. PAULO

Jornal de Alagôas
MACEIÓ
Alagôas
15. NOV. 1936

33

LIVROS NOVOS

"Raizes do Brasil" — Sergio Buarque de Hollanda — Liv. José Olympio

Iniciando a publicação da collecção de Estudos Brasileiros, a Livraria José Olympio Editora do Rio de Janeiro de lançar "Raizes do Brasil", de Sergio Buarque de Hollanda.

Prefaciando a obra, o director da collecção, Gilberto Freyre, escreveu que o caracteristico mais saliente dos trabalhos a ser publicados nella será a objectividade.

O livro do jovem escriptor paulista está realmente nessas condições, primando pela pesquiza paciente, a affirmação baseada nos factos, a deducção logica.

O primeiro volume dos "Estudos Brasileiros" está muito bem apresentado.

* * *

"Moleque Ricardo" — José Lins do Rego — 2.ª ed. — Liv. José Olympio.

Acaba de sahir em segunda edição o romance de José Lins do Rego "Moleque Ricardo", que faz parte do "cyclo da canna do assucar" e está incluido na collecção "O romance e o conto" da Livraria José Olympio.

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 178
TEL. 43-8422 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740 - S. PAULO

Correio do Povo
PORTO ALEGRE
Rio Grande do Sul
15 NOV 1936

É O JURO QUE A CAIXA ECONOMICA PAGA AOS SEUS DEPOSITANTES EM C/C ATÉ 20:000$000
DEPOSITOS DESDE

DOCUMENTOS BRASILEIROS

(Exclusividade no Estado do R. G. Sul para o "Correio do Povo")

Waldemar Vasconcellos

Sob a presidencia de Gilberto Freyre inicia-se com a publicação de "Raizes do Brasil", de Sergio Buarque de Hollanda, uma nova collecção de livros destinados á comprehensão da vida brasileira. Ensaios, biographias, memorias, tudo o que superiormente interessa á formação da sociedade brasileira será editado daqui por deante, incorporando-se a essa utilissima série de documentos brasileiros não só os estudos ainda ineditos, como tambem os simples documentos ainda abandonados ao somno dos archivos.

Essa iniciativa corresponde a um dos aspectos mais animados da actualidade brasileira: a nossa inquietação intellectual de comprehender o nosso proprio destino collectivo.

O primeiro volume da série — "Raizes do Brasil" — é um trabalho consciencioso e bem fundamentado. O seu autor desenvolve um intelligente e erudito commentario em torno do que elle chama de cyclo das influencias ultramarinas. Indica o momento — 1888 — em que começamos a nos libertar da longe ascendencia lusitana, detendo-se na minuciosa analyse das determinantes psychologicas da nossa formação social.

Entre estas determinantes psychologicas prevalece o espirito domestico do portuguez, a sua caracteristica vinculação dos sentimentos familiares. Affectivo e aventureiro, o portuguez não podia ter o senso da hierarchia, necessario a toda organização social perfeita. Na esphera domestica nivelam-se os valores, submettidos aos impulsos amorosos. Taes virtudes, entretanto, projectam, nos dominios mais amplos da organização social, um individualismo indisciplinado. A formação brasileira apresenta os vicios de uma indisciplina que outra coisa não é senão a ausencia de hierarchia civica, que nos tem faltado porque, herdeiros das admiraveis qualidades de lar dos portuguezes, exercitamol-as tambem, distendendo-as, onde menos se recommendam: na acção do Estado. Nas relações de ordem publica procedemos com o mesmo desembaraço intimista da vida privada, desleixados nas attitudes.

O espirito affectivo e o espirito de aventura têm justificado, entre nós, de um lado, o amparo a pretenções descabidas na vida publica, e, de outro lado, a sem cerimonia com que as incompetencias se candidatam aos postos de responsabilidade e especialização. E' o "filhotismo" politico, cujos maleficios profundamente actuaram no Imperio e na Republica, e ainda perduram entre as nossas imperfeições nacionaes.

No livro do sr. Sergio Buarque de Hollanda não encontramos referencia directa a esta palavra, de frequente uso popular, que tão bem define um dos mais arraigados e perniciosos vicios da nacionalidade. Deixando, embora, de commental-a, a critica, de vigorosos traços do sr. Sergio de Hollanda, leva-nos immediatamente a pensar na palavra irreverente, vingativa, satyrica, do nosso vocabulario quotidiano, como nesta passagem do seu ensaio: "Ainda hoje convivemos diariamente com a prole numerosa daquelle militar do tempo de von Eschwege, que não se envergonhava de solicitar collocação na musica do palacio, do amanuense que não se arreceava de pedir um cargo de governador, do simples applicador de ventosas que pretendia as funcções de cirurgião-mór do Reino".

O nosso typico "filhotismo" acha-se sociologicamente explicado em "Raizes do Brasil". Resulta da indevida intromissão de sentimentos proprios da communidade domestica na vida publica. Uma dilatação sentimental que precisa ser abolida, mas para cuja extincção não basta o factor tempo, não bastam as naturaes modificações trazidas pelo progresso, pela crescente complexidade da nossa existencia collectiva, impondo-se ainda o conhecimento do mal imperante, afim de que, depois de nossa consciencia esclarecida, possamos eliminal-o dos nossos costumes civicos, onde frutifica com tamanhos damnos para o paiz. E' o que se propõe em hora feliz o sr. Sergio de Hollanda, apontando as origens e condemnando a pratica do grave defeito.

Outro ponto interessante de "Raizes do Brasil" é a evocação do typo de colono que a Hollanda nos remettia, muito menos util do que o colono portuguez, cuja poderosa, admiravel, surprehendente obra colonizadora, entre nós, vem merecendo ultimamente, dos nossos mais modernos e cultos ensaistas, elevada interpretação, imparcial justiça, reconhecido louvor.

A fecunda plasticidade colonizadora do portuguez, de sentido rural adequado á nossa immensidade territorial, realizou na America, em profundidade e extensão, uma obra solida, quasi milagrosa, em tudo superior ás tendencias urbanisticas da colonização hollandeza. Aquella assegurou a nossa integridade territorial e unidade espiritual.

Assim descreve o sr. Sergio Buarque de Hollanda o colono hollandez que nos foi enviado: "Recrutados entre aventureiros de toda especie, de todos os paizes da Europa, "homens cansados de perseguições", elles vinham apenas em busca de fortunas imposisveis, sem imaginarem sequer crear raizes na terra. As condições economicas na Hollanda tinham tomado tal incremento, que offereciam boas possibilidades a todos os homens aptos ao trabalho, de modo que só se annunciavam nos escriptorios da Companhia das Indias Occidentaes, á procura de passagens para a America do Sul, soldados licenciados que tinham ficado sem patria, em virtude da guerra dos 30 annos, os "germanorum profugi" de Barlaens, pequenos artezãos apprendizes, commerciantes (na sua maioria judeus de ascendencia portugueza), taberneiros, mestres-escolas, bachareis-medicos, mulheres do mundo e "outros typos perdidos", informa-nos o mais recente e mais erudito dentre os historiadores do Brasil hollandez, Herman Watjen. O exercito da Companhia, que luctava em Pernambuco, constava principalmente de allemães, francezes, inglezes, irlandezes, neerlandezes. População cosmopolita, instavel, de caracter predominantemente urbano, essa gente ia apinhar-se no Recife ou na nascente Mauritstad, que crescia na ilha de Antonio Vaz".

Conclue o autor de "Raizes do Brasil" que esse urbanismo acabou estabelecendo, de modo prematuro, na historia pernambucana, "a divisão classica entre o engenho e a cidade".

Esta divisão não occorreu no Rio Grande do Sul, ultimo trecho povoado do Brasil colonia, onde o processo colonizador de Portugal attingiu a perfeição, com a remessa dos casaes açorianos, origem que são da familia riograndense e da "democracia pastoril" de que nos fala o sr. Oliveira Vianna. Transplantaram-se para a terra então deserta do extremo sul do paiz, onde um clima temperado favorece o surto de todas as actividades, grupos domesticos homogeneos, de agricultores vinculados entre si por uma longa tradição.

Por isso, no Rio Grande nunca houve opposição entre as cidades e os campos.

Coincidiu com o declinio da velha agricultura, em 1888, o predominio das cidades no Brasil, antes exercido pelas zonas ruraes, e, ao mesmo tempo, parallelamente, a grande e viciosa montagem do nosso apparelho burocratico.

Estes pontos são brilhantemente commentados em "Raizes do Brasil".

35

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740 — S. PAULO

A IMPRENSA
JOÃO PESSÔA
Parahyba
15. NOV. 1936

LIVROS NOVOS

" RAIZES DO BRASIL " — SERGIO BUARQUE DE HOLANDA — EDITORA JOSÉ OLIMPIO — 1936

As novas diretrizes que está tomando a inteligencia brasileira são bem diferentes dos rumos seguidos, até ha pouco tempo pela maioria dos nossos intelectuais. Ha, principalmente nos novos, um desejo sadio de pesquizar, de inquirir, de explicar racionalmente todos os multiplos problemas que se apresentam aos seus olhos avidos de conhecimentos.

Sergio Buarque de Holanda situa-se entre os que mais eficientemente teem trilhado esse caminho. O livro: "Raizes do Brasil" que acaba de publicar, iniciando a coleção "Documentos Brasileiros" creada pela Livraria José Olimpio Editora e dirigida pelo sociologo Gilberto Freire, é o resultado de um acurado estudo de uma paciente pesquiza, e diz bem da capacidade invulgar do seu autor para esse genero de estudos.

Nos capitulos que compõem esse ensaio, intitulados: "Fronteiras da Europa", "Trabalho e Aventura", "O Passado Agrario", "O Homem Cordial", "Novos Tempos", e "Nossa Revolução" o autor estuda a nossa evolução, desde os fenomenos caracteristicos do descobrimento e colonisação, até o momento atual, provando possuir um vasto cabedal de conhecimentos e uma segura visão para distinguir e julgar com acerto. Aliando a essas virtudes de pesquizador os meritos de prosador claro e elegante, consegue o autor dar ao seu trabalho verdadeiramente, valioso, uma feição agradavel, tornando-se a sua leitura um requintado prazer espiritual. Tambem a elegante feitura material dada pela Livraria José Olimpio Editora a esse volume nº. 1 da coleção "Documentos Brasileiros" é digna de registro. Um trabalho sobrio, elegante, cuidadoso. Parabens aos seus confeccionadores.

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 178
TEL. 43-5422 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1749 - S. PAULO

DIARIO DA NOITE
RIO DE JANEIRO

16 de Novembro 1936

É O JURO
QUE A
CAIXA ECONOMICA
PAGA AOS SEUS
DEPOSITANTES EM CAIXA ATÉ
20:000$000
DEPOSITOS
DESDE

"RAIZES DO BRASIL"

Ha neste momento entre os melhores intellectuaes brasileiros um vivo esforço de penetração sociologica baseada rigorosamente nos dados da realidade nacional.

Depois dos grandes livros de Gilberto Freire, um mestre de consummada, capacidade, a respeito de quem ouvi os mais calorosos elogios entre os maiores professores americanos, apparece Sergio Buarque de Hollanda, com um livro magistral, em que a intelligencia dos acontecimentos sociaes e historicos, a cultura e a força do artista, se combinaram para produzir uma obra das mais notaveis que se têm publicado no Brasil.

São apenas sete capitulos, mas de tal sorte substanciosos, verdadeiros e pujantes, que o volume póde figurar d'oravante na pequena collectanea dos mais sérios e acabados estudos que já se fizeram entre nós.

* * *

Não ha aqui o logar de uma critica sobre "Raizes do Brasil". Apenas quero chamar a attenção dos leitores para a constancia de certos vicios brasileiros que constituem um peso hereditario, cuja extirpação deve ser um ponto de programma para os renovadores da vida brasileira.

Refiro-me á absurda tendencia aos titulos academicos, que ainda se conserva no Brasil, a despeito dos postulados da vida moderna.

O sr. Sergio Buarque de Hollanda mostra como vem de longe, não na colonia, mas na propria metropole, essa attracção dos moços para o bacharelado inutil.

E o escriptor relembra a passagem da "Arte de Furtar", na qual o padre Vieira, ou quem a escreveu, assegura que em Coimbra todos os annos se doutoravam mais de cem estudantes, sem nunca terem estado na velha cidade universitaria. Adquiriam a sciencia á distancia, porque o essencial era obter a carta que lhes abria a entrada aos empregos publicos.

* * *

O sociologo faz as vezes do medico, que investiga as doenças, segue-lhes a etiologia e busca as suas causas profundas no organismo.

Esse conhecimento é fundamental para o trabalho da cura.

O sr. Buarque de Hollanda presta com seu livro um serviço transcendente ao paiz, explicando aos estadistas a origem dos nossos males, para que os comprehendam e tanto quanto possivel adaptem o processo therapeutico ás condições psycologicas que elles revelam.

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

LIVROS

"RAIZES DO BRASIL" — de Sergio Buarque de Hollanda

O livro "Raizes do Brasil", de Sergio Buarque de Hollanda, que a "Livraria José Olympio" acaba de editar, representa o inicio da série "Documentos Brasileiros". Pela profundeza de suas observações, copiosa documentação, justeza de conceitos e pelas conclusões que consegue alcançar, o autor do referido livro colloca-se entre os mais conceituados estudiosos dos nossos problemas sociaes.

"Raizes do Brasil" está dividido nos seguintes suggestivos capitulos: "Fronteiras da Europa", "Trabalho e aventura", "O passado agrario", "O homem cordial", "Novos tempos" e "Nossa revolução". E' um trabalho que honra a nossa cultura.

"Diario Popular"
(São Paulo)

de

17-11-1936

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 178
TEL. 43-8422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1240 — S. PAULO

A NAÇÃO
RIO DE JANEIRO
17 de Novembro 1936

É O JURO
QUE A
CAIXA ECONOMICA
PAGA AOS SEUS
DEPOSITANTES EM C/C ATÉ
20:000$000
DEPOSITOS
DESDE

"Documentos brasileiros"

A Livraria José Olympio Editora acaba de apresentar ao publico o livro do consagrado escriptor Sergio Buarque de Macedo "Raizes do Brasil" que inicia a "Collecção Documentos Brasileiros" sob a direcção provecta de Gilberto Freyre.

Reservando-nos para falar do livro após a sua leitura, diremos hoje que a "Collecção Documentos Brasileiros" será uma série de estudos das nossas origens e da nossa formação social, não só do ponto de vista propriamente historico como do etnographico, do arctropologico, do sociologico, etc; tambem incluirá memorias e biographias de figuras que melhor tenham encarnado as phases mais significativas do desenvolvimento social do Brasil e ainda estudos sobre as regiões mais caracteristicas do paiz, suas particularidades de linguagem, de costumes, de vegetação, de producção economica, de arte popular, sendo os estudos sempre documentados.

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928
RIO DE JANEIRO
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 24-5422
SÃO PAULO
EDIFICIO MARTINELLI-10º
TEL. 2-1740

O ESTADO DE SÃO PAULO
SÃO PAULO
18 NOV. 1936

39

RAIZES DO BRASIL

Apresentando a nova collecção da livraria José Olympio, "Documentos brasileiros", cuja publicação se inicia com o livro de Sergio Buarque de Hollanda, allude Gilberto Freyre "á ansia de introspecção social que é um dos traços mais vivos da nova intelligencia brasileira". Tocou o sociologo nortista no ponto sensivel. Está de facto na preoccupação dos escriptores mais moços a pesquisa dos acontecimentos historicos, do ponto de vista sociologico e economista. Já não lhes interessa apenas a exactidão das datas, mas, principalmente, a interpretação, a analyse á luz de uma philosophia, o estudo comparativo das occorrencias. A historia, tal como a entenderam até bem pouco os nossos avós, morreu. E não podia, com effeito, supstituil-a, indefinidamente, a chronologia. Talvez já o tivessem percebido nossos historiadores, mas, falhos de cultura geral, principalmente economica, jamais lhes foi possivel ir além da discussão do pormenor, do commentario puramente remissivo, a documentos e leituras, com que são incluidos os rodapés das obras mais importantes. Mesmo os que mais se afastaram, por temperamento, da chronologia arida, para illustral-a com observações eruditas, nunca o fizeram em obediencia a um systema philosophico ou em vista de uma explicação economico-social. Reviver o passado parece ter sido seu intuito mais positivo, e revivel-o com saudade e devoção.

A historia assim comprehendida tem muito de literario e de sentimental e em pouco, ou em nada, apaixona as novas gerações, avidas de ligar, ao menos pelo entendimento de seus phenomenos mais marcados, o passado ao presente.

A' excepção dos que compilaram com paciente curiosidade os diccionarios historico-geographicos de nossa terra, obras de incontestavel utilidade, poucos autores escaparam á acção da força centrifuga da chronologia. A' Capistrano de Abreu, Paulo Prado, Alcantara Machado, e mais alguns outros, reservará sem duvida a posteridade o titulo de precursores da nova maneira, á qual só agora, desbastados, mais ou menos, os principaes archivos, se consagra a nova geração.

Gilberto Freyre, em que pese uma generalisação apressada, suggere não raro penetrantes soluções aos nossos problemas historicos, descortina, com abundancia de informações ineditas e explicações doutrinarias, novos pontos de vista sobre a chronologia avoenga. O mesmo acontece com Sergio Buarque de Hollanda, mais homogeneo, embora menos documentado.

Taes obras novas, se apresentam as qualidades das theses, tambem lhe reflectem os defeitos. Defendem idéas geraes e se encaixam com certa firmeza num corpo doutrinario, mas abstraem muitas vezes as contradicções da realidade e não raro a esta deturpam em proveito da vontade de provar. E, baseadas, quasi sempre, na observação de factos regionaes, não attentam sufficientemente para a heterogeneidade do paiz. Comtudo representam um esforço dos mais dignos e merecedores de todos os encomios.

Sob o titulo suggestivo de "Raizes do Brasil" procurou Sergio Buarque de Hollanda avellas nas culturas estrangeiras, em que medida somos herdeiros dos traços caracteristicos da terra de nossos colonisadores. Da tarefa difficil desempenhou-se brilhantemente. E embora possamos refutar alguns argumentos especiosos, embora nem sempre se appliquem as conclusões ao meio mais cosmopolita de São Paulo, de bom grado acceitamos a sua obra como base possivel de discussão mais seria. E isto já bastaria para collocar em posição de destaque o seu primeiro livro.

Mas não se limita o escriptor a descobrir as raizes. Tenta ainda comprehender por que vingou a planta e como, ao contacto do ambiente novo, se desenvolveu. E sua originalidade reside em mostrar-nos, não o que ella tem de differente, porém o que apresenta de semelhante. Qualidades e defeitos são resaltados numa synthese possivelmente rapida demais, que a muitos parecerá artificial, mas não isenta de engenho e subtileza.

Não nos cabe resumir aqui a exposição da these. Quando nos tivermos referido ao individualismo e á anarchia aventureira dos povos que nos descobriram, teremos assentado, grosso modo, as linhas mestras de nossa cultura. Mais ou menos o mesmo observou Paulo Prado em "Retrato do Brasil". Portanto, se variam os argumentos, nem por isso é nova a these. O que desejamos commentar mais de perto são as directrizes apontadas como solução, nos ultimos capitulos do livro, intitulados "Tempos modernos" e "A nossa Revolução".

O autor rebella-se contra a volta ao passado, o amor á tradição. Não somos, a seu ver, um paiz de tradições culturaes sadias que o estrangeiro maculou. Somos, sim, um amalgama de tradições estrangeiras mais ou menos mal transplantadas. Assim, se algo póde ser tentado devemos fixar-lhe o ponto ideal de referencia no futuro. Nossa cultura está por criar-se ainda. Não se trata de conservar, mas de fazer. Como crial-a, porém? E em que bases? E' o que o autor não esclarece sufficientemente. Sua attitude é negativa. Montado na famigerada "realidade brasileira", que ninguem explica com clareza e encerra tudo o que se quizer, critica com muita clarividencia e severidade as panacéas dos nosos salvadores: systema orthodoxos, fascismos e marxismos, miragem da alphabetisação, elementos todos do indestructivel "bovarysmo" nacional. Mas, á excepção de raras suggestões, a proposito da divisão politico-administrativa do paiz, da necessidade de incentivar o espirito de hierarchia e de disciplina, nada apresenta de positivo.

Dirão que a nossa critica é extemporanea e que não pretendeu o autor resolver cousa alguma, mas tão somente trazer a sua contribuição para o melhor conhecimento do Brasil. Concordamos. Vamos mais longe: admiramos a prudencia da analyse e o scepticismo sereno de suas considerações. Desejariamos, porém, encontrar numa obra tão bem pensada e escripta alguns principios norteadores, uteis aos que se preparam para o governo de amanhan, e no escriptor de primeira grandeza, que o livro revela, uma dessas almas de lider de que tanto carecemos.

Bem sabemos que ao autor repugnam os programmas e a attitude dos que "acreditam sinceramente que da sabedoria e sobretudo da coherencia das leis depende directamente a perfeição dos povos e dos governos." Não nos parecem, os que assim pensam, tão errados. Mesmo porque a sabedoria das leis e a sua coherencia se ligam intimamente á comprehensão da realidade economico-social. Por outro lado nunca é demais lembrar que as leis sabias modificam a realidade indesejavel para o bem maior da collectividade. Se fossemos esperar, no Brasil, que a realidade alcançasse o nivel das leis sabias, para decretal-as, só as teriamos impostas pelas revoluções. E estas revoluções, que desejamos evitar, pela orientação intelligente dos governos, criariam tambem, em extremo opposto, leis iniquas e incoherentes. Se não devemos nunca esquecer a realidade, tão pouco nos cabe obedecer-lhe submissos. Compete-nos forçal-a sempre no sentido do ideal mais humano e racional.

Sergio Milliet

40

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 178
TEL. 43-8488 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 16º
TEL. 2-1740 - S. PAULO

Correio da Manhã
RIO DE JANEIRO

20 de Novembro 1936

É O JURO
QUE A
CAIXA ECONOMICA
PAGA AOS SEUS
DEPOSITANTES EM 24 ANNOS
20:000$000
DEPOSITOS
DESDE

Movimento dos livros

Sob o titulo "Raizes do Brasil", o sr. Sergio Buarque de Hollanda acaba de publicar um novo livro.

O escriptor paulista, diz no prefacio o sr. Gilberto Freyre, "é uma daquellas intelligencias brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analysar, o gosto de interpretar, a alegria intellectual de esclarecer."

O livro de Sergio Buarque está dividido em sete capitulos: Fronteiras da Europa; Trabalho e Aventura; O passado agrario; (2 capitulos); O homem cordial; Novos Tempos e Nossa Revolução.

Os dois ultimos são os mais interessantes e de maior opportunidade. O autor discorre sobre as agitações politicas na America Latina, as transformações da vida agraria, o apparelhamento de Estado no Brasil, etc.

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 43-5438 — RIO
SUCCURSAL
RUA SENADOR MARTINELLI - 104
TEL. 2-1746 — S. PAULO

A Federação
PORTO ALEGRE
Rio Grande do Sul

18. NOV. 1936

Dois livros em registo

Jorge Amado é um dos escritores mais brasileiros e mais populares do instante. E si o chamamos de popular, ao escrevermos essa palavra que ainda ontem deixava mal os homens de letras que escreviam bonito, pensamos nessa inextinguivel poesia humana que anima os seus ultimos livros, desde o **Suór** até **Mar Morto,** passando por **Jubiabá** e deixando naquelas paginas impressionantes do romance negro o mais belo documento espiritual da aventura da raça africana no Brasil.

O ultimo romance de Jorge Amado, esse **Mar Morto** de cujas paginas parece, por vezes, se exalar um cheiro de marezia, embora inferior a **Jubiabá,** constitue, ao lado de **Um lugar ao sol,** de Erico Verissimo; **Território Humano,** de José Geraldo Vieira; **Usina,** de Zé Lins do Rego; **Angustia,** de Graciliano Ramos, e mais alguns outros romances nacionais que não me ocorrem agora, a equipe de prôa da literatura brasileira neste ano.

Mas eu não quero escrever sobre os livros de Jorge Amado, e apenas estou enchendo estas tiras para dar uma noticia sobre as ultimas edições da casa que esse escritor dirige no Rio. Não poderia, entretanto, deixar em branco, sem uma referencia de passagem, esse **Mar Morto,** onde aquela estranha e envolvente poesia de **Jubiabá** se repete, retorna de longe, mas já não consegue os mesmos efeitos anteriores porque está prejudicada pela monotonia do livro. Monotonia que existe tambem em **Um lugar ao sol,** nesse outro romance cheio de vida subterranea que é **A Luz no sub-solo,** de Lucio Cardoso. Tudo porque a turma deu para escrever livro grosso, quando numa novela de duzentas paginas poderia ter feito coisa melhor, isto é, não prejudicaria a propria obra.

Mas passemos.

Aqui estão as **Historias da Amazonia** de Peregrino Junior. E as **Raizes do Brasil,** de Sergio Buarque de Hollanda.

Eu conhecia Peregrino Junior como cronista. Todo mundo conhecia Peregrino Junior cronista. Agora ele aparece na ficção. Uma capacidade intelectual assustadora quando a gente pensa que está no Brasil. Livros de ciencia medica. Conferencias sobre bio-tipologia. Aquelas cronicas ageis da **Careta.**

Agora **Historias da Amazonia.** A ficção é dificil. Dificilima. E' por isso que eu admiro Jorge Amado, Erico Verissimo, Telmo Vergara, Graciliano Ramos. Mas a Amazonia de Peregrino Junior não é ficção. Com a sua vida febril ,inquietante, com a sua atividade de mundo ainda em formação, a Amazonia comparece no livro novo que enfeixa nos seus contos varios setores humanos e teluricos desse continente verde que sem duvida influiu em Keyserling para que o pensador chamasse a America de continente do terceiro dia da creação.

A riqueza folklorica dessas historias da Amazonia ! Creio que o escritor não levará a mal si eu disser que o seu livro é um documento. Documento no bom sentido, coisa séria. Mas ao mesmo tempo um livro de contos com enredo natural como a propria vida donde brotou.

E **Raizes do Brasil ?**

E' o primeiro volume de uma coleção que a casa editora José Olimpio está fazendo. Livros sobre o Brasil. Estudos brasileiros. Origens, etnologia, sociologia, economia dentro da historia, a significação do homem e da terra, o drama racial, a aventura da nossa formação através do espetaculo fugitivo da historia.

Sergio Buarque de Hollanda é um escritor facil, agil, sem nenhum tropeço. Desenvolve a tése interessantissima das nossas origens, des da colonia, estudando os aspétos economicos e raciais na formação do Brasil.

Nenhum estudioso póde passar sem os elementos que a editora José Olimpio começa hoje a oferecer no mercado do livro. Pela amostra, **Raizes do Brasil,** o resto que virá depois deve ser coisa bem interessante, uma vez que os escritores, que os ensaistas anunciados, possam aliar ao têma brasileiro a facil e colorida agilidade de um estilo sem tropeços, como é o caso de Sergio Buarque de Hollanda.

* * *

Os esforços benemeritos dessas casas editoras, pela subida do nivel intelectual do Brasil !

Isso começou com Monteiro Lobato, naquela empresa de S. Paulo. Agora a coisa se desenvolveu. Rio, S. Paulo, Porto Alegre. Uma porção de editores, que tornaram mais barato o livro nacional e estrangeiro, embora este não raro através de traduções incriveis.

A intenção é boa.

Jorge Amado dirige a editora Zé Olimpio. Vai botando coisas notaveis no mercado. Entre elas estão essas **Historias da Amazonia,** onde Peregrino Junior aparece na ficção. Está **Raizes do Brasil,** livro que estuda a historia da nossa formação, a evolução do povo brasileiro.

A gente lê e gosta de estudar a historia assim vivificada, que parece mesmo um espetaculo de movimento e não é aborrecida como aquela que estava morta nos nossos compendiosinhos escolares.

Reinaldo Moura.

LUX JORNAL
FUNDADO EM 1928
RIO DE JANEIRO
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 24-5422
SÃO PAULO
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740
DIARIO
SANTOS
Ect. de São Paulo
21. NOV. 1936

ANTARCTICA

"Raizes do Brasil"

LIMEIRA TEJO

Muito tempo se acreditou no Brasil que a historia fosse um ramo da apologetica. O que deveria interessar aos historiadores era o facto em si. E, não sómente isso, mas determinados factos, cuja enumeração désse uma sensação de brilhantismo, de vida gloriosa, de acção extraordinaria. Pura celebração de grandezas e de heróes. Nem poderia ser de outra maneira o comportamento de intellectuaes que pertenciam a gerações cuja existencia decorria no melhor dos mundos da lua, sem nenhum problema do immediato, sem a mais leve sombra das tragedias armadas por difficuldades ostensivas. Nada obrigava essa bôa gente a olhar de frente a vida como a um dragão que fosse preciso combater. A escola era risonha e franca e mesmo as idéas importadas de um mundo cujo pensamento já estava a serviço de uma luta historica, só haveriam de servir entre nós a um ingenuo pedantismo politico, muito mais de poetas do que de homens arrastados á batalha. Tudo se passava na superficie de um manso lago azul. A lama do fundo não vinha á tona e nenhuma circumstancia exigia um mergulho na sujeira. A sociedade estava dividida em dois compartimentos estanques. Não havia confusões, apesar da intensa polygamia das senzalas. E foi quando esse intercurso sexual adquiriu amplitude social que a nossa vida se complicou na luta individualista por um lugar ao sol.

*

A democratização da sociedade brasileira era uma exigencia historica em um país de formação tão hecterogenea e num mundo já todo liberal. Essas duas forças coincidiram no momento republicano — uma vinda de fóra, outra surgindo do recésso de nossa vida. O papel da Republica teria de ser o de harmonizadora de uma situação que estava na resultante daquella coincidencia. Mas o espirito daquella sociedade de limites tão definidos continuaria existindo por muito tempo como uma influencia poderosa. E sómente com a crescente complexidade que as coisas foram adquirindo, por força da propria transformação do ambiente historico, foi que a vida se impoz a uma consideração menos abstracta e que, no dominio intellectual, traduz-se por esse intenso interesse de investigação das suas causas.

Agora é que nos chegou disposição e animo para olhar menos romanticamente o que ficou atraz. Agora é que estamos tendo coragem para olhar o panorama sem vidros côr de rosa. E, o que é mais importante, hoje é que já não nos envergonhamos de nossas origens misturadas, da nossa physionomia de sub-raça. Até pelo contrario, estamos descobrindo nisso tudo que tanta nausea causou aos que nos precederam, a grande opportunidade de edificação social e politica do Brasil. Mergulhamos, porque já não é nem mansa nem azul a superficie do nosso lago. Estamos revolvendo a lama do fundo. E, si a agua, em consequencia, adquiriu uma coloração mais turva, é porque toda media que se tira de varias differenças de niveis só o póde ser em prejuizo do mais alto. Em historia, tambem é assim.

*

Explica-se desse modo, por essa necessidade de encontrar solução para o seu proprio problema social, que a nova geração de historiadores procure fazer historia de verdade e não se limite, como as anteriores, a exaltar feitos e alinhar datas solennes. Não é mais a historia dos dirigentes, a que se está fazendo actualmente. E' a identificação do seu processo, é a articulação dos seus factores de base com a physionomia da superestructura. E' aquella historia apagada do quotidiano que tanto preoccupou Capistrano e que se demonstra nos habitos, no folk-lore, na corrupção da linguagem, nos annuncios de jornal, nos testamentos, nas relações de producção e em toda a velha papelada dos mil e um archivos guardados nas sachristias das igrejas seculares, das bibliothecas abandonadas, dos cartorios e das camaras municipaes. Nella é que vamos encontrar o elemento para destruir toda a falsidade de nossa existencia e que ainda pesa sobre nossos hombros como uma herança funesta.

E parece que estamos correspondendo á importancia da missão. O que já se fez nesse terreno representa um esforço mais do que notavel. Dia a dia surgem novos estudos e todos elles de um grande interesse e de uma maior opportunidade. Agora mesmo acaba de ser lançado um trabalho de Sergio Buarque de Hollanda que é uma critica admiravel da nossa formação, em funcção do nosso comportamento politico e de nossas attitudes sociaes. Não é "Raizes do Brasil", como poderia parecer pelo seu assumpto, um ensaio desses tão ao gosto de escriptores sentimentaes, que tanto podem ser negativistas impenitentes, como "ufanistas" lamentaveis. Seu raciocinio é simples, sem appellos a abstracções, desenvolvendo-se com uma perfeita logica historica. A argumentação remonta ao tronco iberico, estuda as reacções do meio americano á mentalidade do colonizador, descreve a marcha da adaptação desta áquelle, segue-lhe passo a passo a transformação até o arremate na psychologia media do homem brasileiro de hoje. Traça-se no livro um retrato justo do Brasil.

*

Na rapidez de um ensaio de apenas quasi duzentas paginas, o autor realizou um verdadeiro milagre de objectivação e de synthese, sem nenhum prejuizo para o conhecimento pleno da materia e sem incorrer em precipitações muito naturaes a quem se aventura em terreno tão complexo. E' que Sergio Buarque de Hollanda se ateve sempre a um campo historico, sem pedantismos culturaes ou divagações philosophicas. Não expõe nenhuma theoria da formação brasileira. Surprehende seus diversos aspectos, relaciona-os entre si e entre suas causas. Articula as peças dispersas de um mundo ainda nebuloso. Mesmo quando aborda questões de nossa psychologia collectiva, onde tudo tenta á aventura dos conceitos mais vagos, o autor de "Raizes do Brasil" não abandona a intimidade com a vida. E' despretencioso, claro, photographico. Não se deixa ficar no alto, fazendo reluzir a cupola dourada de um edificio condemnado. Desce aos alicerces, descobre-lhe as falhas, expõe as paredes truncadas. Demonstra os erros de visão dos reformadores imbuidos excessivamente de espirito occidental, preconceituósos e romanticos.

"Raizes do Brasil" é, por todos os motivos, um trabalho digno da época presente. E'poca de franqueza, de sinceridade, de rompimento com todas as fórmas artificiaes da existencia. E' um livro digno dessa geração sacrificada que não se pode permittir mais ao luxo de viver num mundo de imaginação delirante. Uma geração que foi forçada a olhar para baixo e descobrir que tinha pés de pavão.

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 178
TEL. 43-8488 — RIO
SUCCURSAL
GOMES E MARTINELLI - 16
TEL. 2-1740 — S. PAULO

DIARIO DA NOITE
RIO DE JANEIRO
23 NOV 1936

É O JURO QUE A CAIXA ECONOMICA PAGA AOS SEUS DEPOSITANTES EM C/C ATÉ 20:000$000 DEPOSITOS DESDE

43

ESPELHO DOS LIVROS

Jayme de BARROS

"RAIZES DO BRASIL" — Sergio Buarque de Hollanda — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1936.

Um dos aspectos mais confortadores da vida intellectual no Brasil de hoje é o dessa procura obstinada da verdade em todos os problemas que nos assaltam e asphyxiam.

Ver com os proprios olhos é uma das caracteristicas dos escriptores novos, que pesquisam, indagam, analysam, empenhados em trazer á luz todo esse material, virgem e bruto a que se refere o sr. Gilberto Freyre, no prefacio de "Raizes do Brasil".

Não foi outra, nesse livro, que inaugura a Collecção "Documentos Brasileiros", a preoccupação do sr. Sergio Buarque de Hollanda, que se clarece-se, interpreta-se em suas paginas, uma grande parte do mysterio da nossa confusa e tumultuaria existencia.

E' fóra de duvida que estamos deante de um dos maiores livros sobre as nossas origens. Desvenda-se, esclarece-se, em suas paginas, uma grande parte do mysterio da nossa confusa e tumultuaria existencia.

O sr. Sergio Buarque de Hollanda, comprehendeu que a historia do grupo social brasileiro começa em Portugal e na Hespanha, muito antes do descobrimento. Por isso, não iniciou o seu inventario pelos frutos, nas folhas, nos galhos, nem mesmo pelo tronco ou pelo sólo: desceu ás raizes, antes da transplantação.

O seu livro é um roteiro intellectual para a verdadeira descoberta do Brasil.

Começa, pois, sob os melhores auspicios, a collecção com que o editor José Olympio abre aos sociologos campo identico ao que offereceu aos romancistas novos, que afinal integraram na nossa literatura o meio physico e social em que vivemos.

O autor de "Raizes do Brasil" não empresta demasiada importancia á influenciado do meio, sem duvida poderosa. Logo na primeira pagina do livro encontrámos a seguinte advertencia: "Podemos construir obras excellentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar até á perfeição o typo de cultura que representamos: o certo é que todo fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça participa fatalmente de um estylo ou de um systema de evolução naturaes a outro clima e a outra paizagem."

Affirma-se, ahi, a supremacia da lei da hereditariedade na formação do nosso agrupamento social, sujeito embora ás surpresas de todas as transformações e ao milagre dos aperfeiçoamentos.

Não é outro o ponto de partida da obra pessimista de Capistrano de Abreu e do sombrio "Retrato do Brasil", de Paulo Prado. Tal conceito, para não ser demasiado audaz em suas previsões, deveria admittir a eliminação lenta, mas constante de todos esses pesados e entorpecentes residuos da nossa formação. Entretanto, só na apparencia elle contraria a este outro, de Oliveira Vianna, enunciado na "Evolução do Povo Brasileiro": "Nenhum erro maior do que o daquelles que, partindo de uma supposta identidade entre nós e outros grandes povos civilizados (porque temos a mesma civilização) julgam-se dispensados de estudar o nosso grupo nacional em suas peculiaridades." E', precisamente, para estudar essas "peculiaridades" que o sr. Sergio Buarque de Hollanda desce ás dos povos que mais intimamente influiram na formação do Brasil. Assim, assignala a posição singular de Portugal e da Hespanha no continente europeu e as caracteristicas psychologicas desses dois povos Aventureirso e individualistas, a vida de um e de outro se processa e se funde ao calor das paixões, alimenta-se do sonho da descoberta de novos mundos e da ansia de riquezas faceis. A consequencia são os frouxos élos de organização, de associação, de perseverança, de disciplina. Cada homem cuida trazer comsigo a chave do seu destino. Só a idéa, o sentimento, a paixão conseguem unil-os, para desaggraval-os em seguida: "A falta de cohesão em nossa vida social — escreve o sr. Sergio Buarque de Hollanda — não representa, assim, um phenomeno moderno."

Sobra-lhe razão quando conclue logo após, que é um erro pensar que poderemos fugir á nossa desordem regressando á tradição.

Poderia, porém, accrescentar avançando uma solução — faltam sempre as soluções no seu livro, de pura exposição e de minudente analyse — que todo o nosso esforço deve convergir para auxiliar e precipitar, se possivel, a eliminação dos males que herdámos.

E' o que temos feito. O Brasil de hoje não é mais o que saiu do Brasil de Capistrano e de Paulo Prado. Convém não levar a investigação do passado ao extremo de lhe der tal vida e tamanha força que acabe se impondo mais do que o presente. E' tão absurdo antecipar para hoje o dia de amanhã como voltar ao passado. A meu ver, um dos mais graves erros dos investigadores do valor do sr. Sergio Buarque de Hollanda é levar ao extremo a velha fórmula: "O melhor meio de prever o futuro é olhar para o passado."

Na realidade, os agrupamentos humanos estão sujeitos a modificações constantes, em que intervêm factores novos e imprevistos. Se considerarmos o caso particular do Brasil, observaremos exactamente isto. Não fosse assim e, com os dados recolhidos sobre a sua formação, seria difficil explicar a nossa evolução e até a sua sobrevivencia como Nação, em tão vasto territorio. Afinal, se tal succedeu, apesar de tudo, é porque uma força poderosa assegura o nosso desenvolvimento.

Nem seria admissivel que, na concurrencia de tantos factores diversos, internos, predominassem apenas alguns externos, já bastante diluidos no curso dos seculos.

Embora os portuguezes marquem o fundo da alma nacional, esta dia a dia se modifica, sob influencias multiformes.

Resta saber que esses factores internos, longe de neutralizarem a nocividade dos externos, a aggravam.

Sem duvida, a principio, assim foi. Mas, pouco a pouco, o quadro vae mudando, á proporção que adquirimos uma physionomia propria, á medida que se diluem e se apagam os traços dos nossos antepassados de além-mar. O "organismo amorpho e invertebrado", de que fala o sr. Sergio Buarque de Hollanda, adquire contornos nitidos, orgãos de funccionamento precario, mas proprios, articula-se, apruma-se, move-se.

Houve um Brasil Colonia, um Brasil Imperio e existe hoje um Brasil republicano - federativo, com suas massas humanas a crescerem, sempre em marcha, procurando attingir ao estagio superior da civilização a cujo convivio chegou tarde. O nosso caso é de adaptação a um mundo para cuja evolução não concorremos, que representa uma phase natural da nossa vida.

A necessidade de colher todos os beneficios e de soffrer todos os onus dessa ordem de coisas nos impoz um artificialismo inevitavel. Lembra o sr. Sergio Buarque de Hollanda que todos os movimentos da nossa historia — a Independencia, a Abolição, a Republica — se fizeram de cima para baixo. Isto significa que não constituiram uma evolução, não se processaram por força de imperaitvos organicos da vida nacional. Que mal houve em semelhante facto?

O autor de "Raizes do Brasil" parece insinuar apenas o erro economico da Abolição da escravatura, sem um preparo seguro.

Ora, problemas dessa ordem nunca foram resolvidos racionalmente. Nos Estados Unidos a libertação dos escravos custou uma guerra, que nem por isso impediu o seu crescimento harmonico.

São dos mais interessantes, no livro do sr. Sergio Buarque de Hollanda, que encerra, em poucas paginas, material immenso e preciosissimo, os paralellos entre os processos de colonização dos portuguezes, dos hollandezes e dos hespanhoes. Mostra que nada lucrariamos com o dominio definitivo dos hollandezes e assignala as divergencias dos methodos dos colonizadores portuguezes e hespanhoes, aquelles presos á faixa littoranea, estes penetrando para o interior e desbravando desde logo o sertão.

Não lhe escapou tão pouco o caracter de pilhagem de que se revestiu o dominio lusitano, já assignalado por historiadores e sociologos. E' evidente que os portuguezes, ao contrario dos hespanhoes, que desde os primeiros tempos procuraram edificar sobre as terras do Novo Mundo uma nova civilização, transformam o Brasil em simples campo de exploração de riquezas. Os seus actos, a legislação dos donatarios, dos governadores geraes e do Reino até 1822 o demonstram.

"Raizes do Brasil" abre largos horizontes ao debate de assumptos de uma importancia enorme para o conhecimento da nossa psychologia social, nos seus traços mais importantes. E' um livro que figurará ao lado daquelles que mais fundamente penetraram no nosso pasado e melhor illuminaram os desvãos obscuros da historia da formação nacional.

I — José de Alencar — "Iracema" — Briginet & Cia. — Rio 1936.
II — "Pelo Sertão" — Affonso Arinos — "Briginet & Cia. — Rio. 1936.

III — "Ultimas Chronicas" — Humberto de Campos — Liv. José Olympio Editora — Rio — 1936.
IV — Gustavo Barroso — O Integralismo em Marcha — 2ª ed. Civilização Brasileira — Rio — 1936.
V — Alexandre Dumas — O Conde de Monte Christo — Civ. Brasileira. Rio — 1936.

VI — Edson Carneiro. "Religiões Negras" — Civ. Brasileira — Rio — 1936.

Nota do Autor: Sob o titulo "Espelho dos Livros", em edição da Livraria José Olympio, capa de Santa Rosa, acabam de apparecer, ampliadas, algumas chronicas desta secção e varios estudos literarios ineditos.

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 178
TEL 43-5422 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740 - S. PAULO

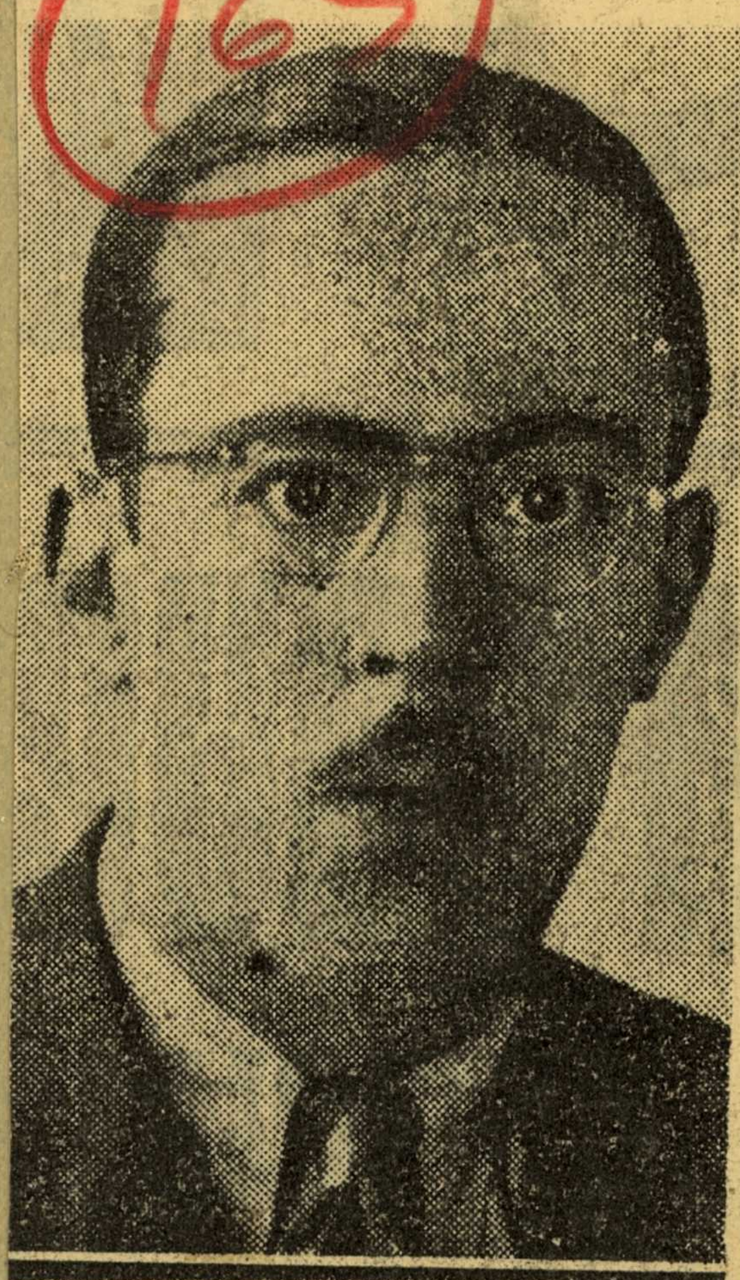
O GLOBO
RIO DE JANEIRO

24 de Novembro 1936

É O JURO QUE A CAIXA ECONOMICA
4 1/2 % AO ANO
PAGA EM C/C ATÉ
20:000$000
Capitalisados semestralmente

O MUNDO DAS LETRAS

ORIGENS DO BRASIL



Sr. Sergio Buarque de Hollanda

A nossa formação ficou exposta a influencias, que nunca foram definidas com nitidez. Os historiadores, em regra, occupam-se mais dos episodios politicos do que mesmo dos phenomenos organicos. O Brasil constituiu-se do amalgama de tres raças, que se caldearam, mais ou menos, sob influxos de climas, alimentação e necessidades de trabalho, variando de norte a sul. Para bem comprehender os resultados a que chegamos, será indispensavel analysar as raças de origem, as exigencias das zonas territoriaes e factores climatericos, de toda a ordem. Oliveira Martins, em Portugal e as colonias, *indica pontos essenciaes para um estudo dessa natureza. O Sr. Oliveira Vianna tambem já se approximou do problema com a argucia e boa comprehensão, em diversos ensejos. Mas nunca tivemos estudos homogeneos, enraizados na analyse dos factores ethnologicos, como se impõe. Ha exames e analyses dos detalhes. Um delles aqui está:* Raizes do Brasil, *do Sr. Sergio Buarque de Hollanda* (Livraria José Olympio, editora, Rio). *Estudando os methodos de colonização portugueza, o Sr. Sergio Buarque de Hollanda aceitou a raça conquistadora como bloco uniforme, o que não nos parece lá muito exacto. Depois de tentar sem resultados a exploração dos aborigenes, como escravos, os portuguezes foram buscar pretos de diversas nações na Africa, creando obstaculos ao caldeamento do typo nacional. Elles nunca imaginaram que se constituiria uma nacionalidade brasileira... Os estadistas lusitanos eram curtos de astucias, para admittirem o phenomeno das nacionalidades americanas... Suppuzeram sempre que a colonia permanecesse no regimen colonial... Nunca examinaram as raças originarias e menos ainda as raças importadas. O criterio era o da exploração pura e simples do solo descoberto. Primeiro o páo Brasil, depois o assucar, por fim a mineração. Mas tudo sem methodo, sem criterio, sem caracter organico. Os reinóes pareciam mais saqueadores da terra... A formação do Brasil surprehendeu a metropole distante. O senhor Sergio Buarque de Hollanda examina o phenomeno e explica as fontes sentimentaes, que geraram o feitio lyrico, terno, optimista dos brasileiros. A proposito faz finca-pé no* homem cardeal, *puerilidade descoberta pelo Sr. Ribeiro do Couto, que nos parece excessiva no caso... Não se definem phenomenos dessa importancia com pequenas tolices de literatura anemica. Os termos da nossa formação offerecem aspectos mais imponentes, sem duvida alguma... Aqui mesmo encontramos alguns definidos, com a nitidez dos altos relevos. Exemplos. O ruralismo foi ponto de apoio da vida nacional emquanto duraram as senzalas. Abolidos os braços escravos as actividades deslocaram-se para os centros urbanos. Dahi o nascimento das industrias e suas consequencias immediatas: barreiras alfandegarias, represalias de tarifas, lutas internacionaes e o estado de inquietações, que prevaleceu por fim. Neste passo o Sr. Sergio Buarque de Hollanda formúla criticas muito astutas e levanta suspeitas, que lhe hão de merecer ainda mais longas conjecturas.* Raizes do Brasil *dão-nos a imagem do summario dum estudo, que se ha de impôr aos enthusiasmos do Sr. Sergio Buarque de Hollanda, com a força das idéas em marcha. Parece-nos que elle ha de sentir necessidade de analysar melhor as raças que intervieram na nossa formação. Ha de tambem conceder mais longo espaço aos phenomenos intellectuaes e de cultura. Capistrano de Abreu, num famoso ensaio sobre literatura no Norte, estuda os factores climaticos e de alimentação, que influiram poderosamente nos organismos e na conducta dos individuos Acreditamos que o Sr. Sergio Buarque de Hollanda encontrará ahi certas pontas da meada, que procurou desembaraçar... Acreditamos porque ninguem agora nos parece tão bem armado para escrever a historia da nossa formação.* Origens do Brasil *é um livro optimo, que se afasta dos figurinos insipidos ainda em voga entre nós. — E. P.*

A5

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 178
TEL. 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740 — S. PAULO

Diario da Manhã
RECIFE
Pernambuco

24 NOV 1936

É O JURO QUE A CAIXA ECONOMICA
4 1/2 % AO ANO
PAGA EM C/C ATÉ
20:000$000
Capitalisados semestralmente

LIVROS NOVOS

LIVROS NOVOS — As edições da Livraria Garnier sempre tiveram acceitação por parte do publico leitor.

Assim, póde se dizer que nenhuma casa editora no Brasil já conseguiu maior divulgação.

Se os livros da Garnier não representam actualmente, novidades em manufatura, nem por isto deixam de merecer toda a attenção do leitor intelligente.

A **Casa Mozart** recebeu do Rio uma valiosa remessa de livros da Garnier. Na alludida remessa veio o que de melhor já se editou no Brasil.

Livros raros e ao alcance de todos.

Da remessa vinda do Rio fazem parte entre outras obras de Oliveira Lima, Arthur Orlando, Mello Moraes Filho, Sylvio Romero, Carlos Magalhães de Azeredo, Bernardo Guimarães, Affonso Arinos, sem falarmos na excellente collecção de theatro.

São livros realmente novos, apesar de não ser recente o seu apparecimento.

"RAIZES DO BRASIL" — Sergio Buarque de Hollanda — Livraria José Olympio. — O livro **"Raizes do Brasil"**, que a Livraria José Olympio Editora vem de publicar, iniciando a serie: **"Documentos Brasileiros"**, está constituido, com o successo que já está alcançando, um acontecimento em nossos circulos intellectuaes, pela sua seriedade, pela profundeza das suas observações, pela sua copiosa documentação pela justeza dos conceitos emittidos e das conclusões. O sr. Sergio Buarque de Hollanda, com a publicação desse livro, vem se collocar definitivamente entre os nossos mais conceituados estudiosos dos nossos assumptos, dos nossos problemas, como um dos seus mais esclarecidos interpretadores, um dos nossos mais perspicazes analistas, espirito aberto a todas as formas modernas de cultura, possuindo no grau mais elevado uma comprehensão nitida dos phenomenos formadores da nossa evolução, consegue encontrar o verdadeiro sentido em que se tem processado esse desenvolvimento, acompanhando-o, passo a passo, desvendando-he as causas, estudando-lhe os effeitos, delimitando-lhe as etapas, até alcançar os resultados actuaes que, depois desta explicação intelligente, apparecem logicos, coherentes com os motivos. Essa clareza de exposição provem não somente do estylo preciso do autor, como do seu methodo racional de ordenar os assumptos, dando-lhes o seu verdadeiro lugar no conjuncto da obra. Pode-se verificar a amplitude do trabalho do jovem escriptor, pela simples admiração dos subtitulos que formam o seu livro. São elles: Fronteiras da Europa", "Trabalho e Aventura", "O Passado Agrario", "O Homem Cordeal", "Novos Tempos" e "Nossa Revolução". E' emfim um livro que em verdade honra a nossa cultura.

A6

DIARIO DA TARDE

26 NOV. 1936

MANAUS
AMAZONAS

esclarece aspectos significativos da nossa formação e da nossa actualidade. A feitura graphica que a Livraria José Olympio deu a esses volumes é verdadeiramente luxuosa e de muito bom gosto. Assim, sob qualquer aspecto que se o encare, é "Raizes do Brasil" um livro que muito honra a nossa cultura.

REGISTO LITERARIO

"Raizes do Brasil" — Sergio Buarque de Hollanda — Livraria José Olympio — Editora — Rio 1936.

Iniciando a colleção: "Documentos Brasileiros", que é dirigida pelo sociologo Gilberto Freire, a Livraria José Olympio Editora, acaba de publicar o livro: "Raizes do Brasil", de autoria do conhecido escriptor patricio Sergio Marques de Hollanda. Não podia ser mais acertada a escolha do livro que deve iniciar essa colleção de estudos do Brasil. O jovem autor do volume que acaba de aparecer, revela-se, logo nos primeiros capitulos do seu livro um profundo conhecedor do assumpto, um arguto pesquisador dos phenomenos formadores da nossa nacionalidade. Remontando á psycologia dos nossos descobridores, aos seus processos de colonisação e de adaptação, em face das reações do ambiente, das influencias interiores e exteriores, consegue, por um claro e metodisado estudo da evolução brasileira, chegar até a explicação logica de muitas particularidades da nossa psycologia social, desfazendo muitos preconceitos correntes, destruindo algumas teorias erroneas, aceitas por varios autores nacionaes. Não resta duvida que estamos diante de um trabalho dos mais sérios que se teem feito no Brasil, sobre o importante assumpto. Elle está bem de accordo com o programma traçado por Gilberto Freyre no prefacio do livro, que é tambem o prefacio da colleção, pois é bem um estudo documentado que fixa, interpreta e

47

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES 178
TEL. 43-3422 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1780 - S. PAULO

Correio do Povo
PORTO ALEGRE
Rio Grande do Sul

27 NOV 1935

1% AO MEZ
E SEM OUTRAS DESPESAS
A CAIXA ECONOMICA
EMPRESTA SOB PENHOR
DE JOIAS

LIVROS NOVOS

2.ª edição de "O moleque Ricardo — Na collecção "O romance e o conto", da Livraria José Olympio, editora, acaba de ser publicada, com o mesmo successo da 1.ª, a 2.ª edição de "O moleque Ricardo", o grande romance do escriptor José Lins do Rego. Esse livro está incluido pelo autor na serie denominada: "Cyclo da Cana de Assucar".

"RAIZES DO BRASIL" — SERGIO BUARQUE DA HOLLANDA. — EDITORA JOSE' OLYMPIO

As novas directrizes que está tomando a intelligencia brasileira são bem differentes dos rumos seguidos, até ha pouco tempo pela maioria dos nossos intellectuaes. Ha, principalmente nos novos, um desejo sadio de pesquizar, de inquirir, de explicar racionalmente todos os multiplos problemas que se apresentam aos seus olhos avidos de conhecimentos.

Sergio Buarque de Hollanda situa-se entre os que mais pacientemente têm trilhado esse caminho. O livro: "Raizes do Brasil" que acaba de publicar, iniciando a collecção "Documentos Brasileiros" creada pela Livraria José Olympio, Editora e dirigida pelo sociologo Gilberto Pierre, é o resultado de um acurado estudo, de uma paciente pesquiza, e diz bem da capacidade invulgar do seu autor para esse genero de estudos.

Nos capitulos que compõem esse ensaio, intitulados: "Fronteiras da Europa", "Trabalho e Aventura", "O passado agrario", "O homem cordial". "Novos tempos" e "Nossa revolução" o autor estuda a nossa evolução, desde os phenomenos caracteristicos do descobrimento e colonisação, até o momento actual, provando possuir um vasto cabedal de conhecimentos e uma segura visão para distinguir e julgar com acerto. Alliando a essas virtudes de pesquizador os meritos de prosador claro e elegante, consegue o autor dar ao seu trabalho verdadeiramente valioso, uma feição agradavel, tornando-se a sua leitura um requintado prazer espiritual. Tambem a elegante feitura material dada pela Livraria José Olympio, Editora a esse volume n. 1 da collecção "Documentos Brasileiros" é digna de registro. Um trabalho sobrio, elegante, cuidadoso. Parabens aos seus confeccionadores.

48

RAIZES DO BRASIL, de Sergio Buarque de Macedo

Mais um livro bastante interessante acaba de dar á estampa a *Livraria José Olympio*. Trata-se de *Raizes do Brasil*, obra que inicia, dirigida por Gilberto Freire, a Collecção "Documentos Brasileiros". *Raizes do Brasil* vem trazer ao movimento intellectual que agita o nosso paiz, á ansia de introspecção social que é um dos traços mais vivos da nova intelligencia brasileira, uma variedade de material, em grande parte ainda virgem. Desde o inventario á biographia; desde o documento em estado quasi bruto á interpretação sociologica em forma de ensaio. Por isso, muita razão teve o prefaciador ao affirmar que "animando-a o joven editor José Olympio mais uma vez se revela um editor conscienciosso". Não podia ser mais feliz, portanto, a novel collectanea, sendo iniciada por uma obra do folego intellectual de *Raizes do Brasil*.

"Beira-Mar"
(Rio)

28-11-1936

COLUMNA DO CENTRO

Nota sobre "Raizes do Brasil"

Helio VIANNA

(Copyright dos "Diarios Associados")

O livro "Raizes do Brasil", do sr. Sergio Buarque de Hollanda, com que foi iniciada a nova collecção "Documentos brasileiros", da Livraria José Olympio, por diversos motivos merece a attenção da critica e dos estudiosos. Sendo o primeiro volume publicado por um escriptor que ha mais de doze annos vem se impondo, como jornalista, á consideração de quantos se preoccupam com as cousas do espirito, em nosso paiz, — caracterisa-se por ser obra de pura intelligencia, na qual aos raciocinios cabe a melhor parte. Dahi, entretanto, a facilidade que tambem manifesta, para descahir em apreciações francamente erroneas, que, se não invalidam, pelo menos em muito diminuem seus meritos.

Assim é que, logo em suas primeiras paginas, refere-se a uma hypothetica tendencia á anarchia, que julga ter sido peculiar ao nosso meio, no periodo colonial (pags. 6 e 14). Mais além, apezar de fazer justiça á acção colonizadora de Portugal (pags. 15 e 19), resolve arbitrariamente distinguir os povoadores mais amigos do trabalho dos que apenas prezavam as aventuras (pag. 21) como se fosse possivel differencial-os com nitidez, em sua acção nos primeiros seculos da vida brasileira. Ainda quanto á colonização, se elogia a dos hollandezes (pag. 33), com a repetição de exageros hoje habituaes sobre o Recife nassoviano (pag. 35), contradiz-se mais adeante (pag. 36), quando assignala o fracasso que lhe coube.

Amigo das generalizações, — a exemplo do dirigente da collecção "Documentos brasileiros", sr. Gilberto Freyre, — o autor de "Raizes do Brasil" não hesita em affirmar que a colonização hespanhola foi mais militar e menos mercantil que a portugueza (pags. 60 e 66) e que tambem lhe foi superior em preferir povoar o interior, em vez do littoral (pags. 68 a 70), para tanto chegando até a dar como não colonizadores os que povoaram os nossos sertanejos curraes de gado (pag. 73). Só com a descoberta das minas, já no terceiro seculo de nossa existencia politica, é que julga ter sido attingido o interior (pags. 73, 75 e 79), esquecendo, portanto, toda a obra de penetração realizada ainda no primeiro e, principalmente, no segundo seculo, o das grandes bandeiras e conquistas.

Pouca importancia dando á nossa formação espiritual, assumpto em que passa de largo, o sr. Sergio Buarque de Hollanda não deixa, porém, de alludir á "falta de bons clerigos", dizendo que, "exceptuando os jesuitas, poucos eram os religiosos europeus que se dispunham, de bôa vontade, a partir para estas terras barbaras e longinquas" (pag. 84). Commette assim a injustiça de esquecer o valor da contribuição que á nossa existencia trouxeram innumeros sacerdotes de outras ordens, carmelitas, franciscanos, capuchinhos, oratorianos, etc., além dos seculares. Bastaria olhar qualquer quadro dos aldeiamentos de selvicolas nos seculos XVII e XVIII (os citados por Capistrano de Abreu, nos "Capitulos de historia colonial", por exemplo), — para se capacitar do contrario da referida asserção.

Mas nem sempre incide em erros de Historia ou de interpretação o autor de "Raizes do Brasil". Quando critica a proclamação da Republica e o positivismo inicial (pags. 119 e seguintes); quando affirma que "a democracia no Brasil foi sempre um lamentavel mal-entendido" (pags. 122 e 153); qando zomba dos ingenuos **alphabetisocratas** do genero Pinto Serva (pag. 129); quando assignala que o amor pelas ficções é maior sob o regimen republicano que sob o monarchico (pag. 130), este, no Brasil, dotado de grande respeitabilidade (pag. 142); quando esclarece o vazio do nosso fetichismo legalista (pag. 148) e a tolice que reside no preconizar-se a existencia de muitos partidos politicos (pag. 151): — em todos esses pontos a argumentação do sr. Sergio Buarque de Hollanda é perfeitamente certa, obedecendo a uma orientação que procura estar com a verdade, excepto quando se deixa levar por certos raciocinios predeterminadamente tendenciosos, que restringem ou desviam seus julgamentos.

E' o que acontece, por exemplo, quando procura ridicularizar como livresco o Imperador D. Pedro II (pag. 127), ou quando apresenta restricto conceito do fascismo, que lhe não parece "mais que uma critica do liberalismo em sua forma parlamentarista" (pag. 149). Generaliza, ainda outras vezes, como no descobrimento de uma "americana repulsa por toda hierarchia racional, por qualquer composição da sociedade que se tornasse obstaculo á autonomia do individuo" (pag. 154), e tambem no alargar o conceito do "homem-cordial", essa subtil caracteristica brasileira revelada pelo sr. Ribeiro do Couto, na qual o autor de "Raizes do Brasil" quer encontrar "a possibilidade de articular seus sentimentos e as construcções dogmaticas da liberal-democracia" (pag. 154).

Sae, entretanto, do seu campo de simples commentarios, ou do jogo mais ou menos artificioso das idéas, quando surprehendentemente ataca como pacifico o integralismo (pag. 159), quando quer mais objectividade na obra de Oliveira Vianna (pag. 166) e quando revela singular incomprehensão da these sustentada no livro "Machiavel e o Brasil", pelo sr. Octavio de Faria (pag. 175). Fóra, porém, dessas ultimas paginas, que por certo são demais no livro, a elle accrescentadas talvez simplesmente para augmentar o volume, o nivel de "Raizes do Brasil" é o de uma obra sem duvida alguma digna de apreço, sobretudo por ser da autoria de um escriptor com os titulos e meritos que possue o sr. Sergio Buarque de Hollanda.

HELIO VIANNA

Columna do centro

(Conclusão da 4ª pagina)

(Cont[illegible] na 6ª pagina.)

"O Jornal" de 30 de Novembro de 1936

50

ATRAVEZ DOS LIVROS

(Resenha bibliografica)

P/ R. A. 2 - DO MINISTERIO DA EDUCAÇÃO

V - (1 de Dezembro de 1936)

ROBERTO SEIDL

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA - Raizes do Brasil. Coleção Documentos Brasileiros. Dirigida por Gilberto Freyre. Rio, Livraria José Olimpio, 1936.

A Livraria Editora José Olimpio imprimindo "Raizes do Brasil" do Sr. Sergio Buarque de Holanda, inaugura uma serie de estudos, intitulada "Coleção Documentos Brasileiros", dirigida pelo Sr. Gilberto Freyre.

Ninguem melhor, nem mais autorizado do que o consagrado Autor de "Casa Grande e Senzala" para se pôr á testa de uma coleção desta natureza. Sociologo e publicista, historiador e critico, poderá orientar e dirigir esta nova biblioteca de estudos brasileiros.

Neste primeiro volume já se póde avaliar o que pretende ser este novo empreendimento da Livraria José Olimpio. Basta lêr os nomes dos autores e os titulos das obras que serão editadas dentre em breve, para se fazer uma idéa: Oliveira Lima - Memorias. Gilberto Freyre - Nordeste. Alberto Rangel - No rolar do tempo. Saint-Hilaire - Viagem a S. Paulo (tradução de A. Couto de Barros e Rubens Borba Alves de Moraes). Julio Belo - Memorias de um senhor de engenho. Afonso Arinos de Melo Franco - O Indio brasileiro e a Revolução Brasileira. A Unidade Nacional. Oliveira Viana - Os tipos etnicos do Brasil. Oliveira Lima - D. João VI no Brasil. José Americo de Almeida - Memorias. Otavio Tarquinio de Sousa - Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Estes nomes e estas obras, podem atestar a verdadeira finalidade desta coleção que visa ser "uma serie de estudos das nossas origens e da nossa formação social, não só do ponto de vista propriamente historico como do etnografico, do folklorico, do antropologico, do sociologico..." conforme proclama a cinta vermelha que protege o livro.

O Sr. Sergio Buarque de Holanda sabe observar as cousas e dizel-as sem rebuços, sem a preocupação de agradar ou de desagradar. O seu livro, como

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 43-8033 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARIZEALL - 10º
TEL. 2-1740 - S. PAULO

Vanguarda
RIO DE JANEIRO

30 de Novembro 1936

É O JURO
QUE A
CAIXA ECONOMICA
PAGA AOS SEUS
DEPOSITANTES EM CR. ATÉ
20:000$000
DEPOSITOS
DESDE

BAZAR DE LIVROS

RAIZES DO BRASIL, de Sergio Buarque de Hollanda. — Livraria José Olympio, editora. Rio 1936

Reponta o gosto pelos estudos historicos e sociologicos. Alguns animadores de nosso desenvolvimento intellectual têm dado impulso decisivo a estes ensaios. De São Paulo e do Rio Grande do Sul têm vindo livros excellentes, e no Rio é, sobretudo, o sr. José Olympio o grande animador dos que não se contentam com as fórmas actuaes da nossa historia, e, como aquelles sabios allemães que bateram a sonda de extremo a extremo do Atlantico Sul, para desenharem os contornos do afundado continente da Atlantida, vão procurar as origens, não só dos factos, mas das tendencias e rumos que, como aggregado ethnico e politico, temos tomado atravez de quatro seculos de existencia.

Agora surge a collecção de "Documentos Brasileiros", que se approxima, pelos objectivos, da "Brasiliana paulista". A collecção propõe-se estudar a formação social do Brasil, quer do ponto de vista historico, quer do etnographico, do anthropologico, do sociologico, do folclórico, do biographico, geographico, linguistico, economico e artistico. Trata-se de uma collecção que promette obras de real utilidade e cujo programma é majestoso.

Iniciando a collecção vem o livro "Raizes do Brasil", do sr. Buarque de Holanda. Abre-o um prefacio do autorisado escriptor Gilberto Freire, dizendo dos propositos da empreza.

O autor começa indagando até onde as correntes do espirito e da cultura brasileira sofreram a influencia das civilizações alienigenas. Faz, então, obra de sociologo. "A falta de cohesão em nossa vida social, diz o autor, não representa, assim, um phenomeno moderno. E é por isso que erram profundamente aquelles que imaginam na volta á tradição, a certa tradição, a unica defesa possivel contra a desordem". Adiante, desenvolvendo seu pensamento, escreve: — "No fundo, o proprio principio da hierarchia nunca chegou a importar entre nós. Toda hierarchia funda-se necessariamente em privilegios. E a verdade é que, bem antes de triumpharem no mundo as chamadas idéas revolucionarias, portuguezes e hespanhoes parecem ter sentido vivamente a irracionalidade especifica, a injustiça social dos privilegios, sobretudo dos privilegios hereditarios. O prestigio pessoal, independente do nome herdado, prevaleceu continuamente nas epocas mais gloriosas da historia das nações ibericas".

O autor conclue que, por menos que pareça aos patriotas extremados, continuamos vinculados ao espirito, á tradição iberica, especialmente á portugueza. "Podemos dizer que de lá nos veio a "forma" actual de nosas cultura; o resto foi materia plastica, que se sujeitou mal ou bem a essa forma".

O sr. Sergio Buarque de Hollanda estudou bastante o caminho por onde devia seguir; dahi a segurança de seu passo. Elle vae certo ás conclusões, sem vacilar, sem titubear. Trabalho e aventura, O pasasdo agrario, O homem cordial, Novos tempos, e, finalmente, Nossa revolução, são capitulos de "Raizes do Brasil".

Uma grande verdade resalta da parte final do volume: — "Seja como fôr, o facto é que o espirito legistico não conseguiu até hoje modificar profundamente a attitude natural dos povos latino-americanos que pretende orientar: quando muito conservou-se á margem dos acontecimentos, exacerbando, mesmo, por contraste, as forças que queria neutralizar".

O livro fecha com uma critica viva ao integralismo. Entende o autor que a energia caracteristica do fascismo italiano e europeu, sua sombranceria, "transformou-se, aqui, em pobres lamentações de intellectuaes neurasthenicos", e que depressa, sob a influencia da tradição brasileira, perdeu todo o aprumo de força de opposição para entrar no quadro governamental, como "uma doutrina acommodaticia".

Ha na obra inicial da nova collecção muito que lêr, muito material para a discussão. O autor destaca-se pelá coragem das idéas e firmeza com que as enuncia e debate.

E' um livro sério, avançado, viril. Elle nos dá a impressão de um tribunal a que comparece o Brasil, com as suas organizações economica, politica, cultural, com os seus homens e principios, com a sua historia, para ser julgado.

O processo é rigoroso, mas está longe de ser inquisitorial. O autor é o orgam da defeza social proferindo o seu libello accusatorio. Resta aos que defendem as doutrinas oppostas, e, sobretudo, a politica da tradição, sairem a campo e defenderem-se.

O GOVERNO E A PRODUCÇÃO, do ministro Odilon Braga. Rio, 1930

Conhecia o sr. Odilon Braga como um de nosos mais afamados constitucionalistas. Espirito culto e intelligencia vivaz, dotado de preexcellentes qualidades de diplomata, por suas maneiras finas e amaveis, o sr. Odilon Braga cruzou certa vez pela estrada que eu atravessava, e nos fizemos bons companheiros da mesma tarefa intellectual. Foi na Commissão Legislativa. E quando os demais membros das nossas sub-commissões faltavam, entretinhamo-nos os dois em palestras na Camara dos Deputados sobre as questões do dia, mormente sobre os problemas da reconstitucionalisação.

Depois, veio a faze da Constituinte, em que elle teve merecido destaque. E um bello dia, por influencia de seus proprios meritos, o sr. Odilon Braga appareceu ministro de Estado.

Mas que é que póde resistir ao tempo, á acção minaz das altitudes?

Nem por se achar s. ex. num ponto do horizonte onde a vista da generalidade dos homens chega diffilmente, deixo de acompanhar a trajectoria brilhante do antigo companheiro da Commissão Legislativa.

O sr. Odilon Brasa é uma das mais expressivas figuras do actual ministerio. Elle tem o desejo forte de acertar, de construir, de pôr um pouco de ordem no cáos administrativo da União e dos Estados, em materia de agricultura.

O volume que tenho em mão não é uma monographia, é a collectanea dos principaes trabalhos lidos perante a conferencia dos secretarios da Agricultura dos Estados, uma das iniciativas mais producentes de quantas foram levadas a cabo no quatriennio Getulio Vargas.

O sr. Odilon Braga illustra o seu discurso com alguns quadros edificantes. Com os serviços da Agricultura o governo federal dispende annualmente mais de 50 mil contos de reis e os Estados cerca de cem mil.

Cento e cincoenta mil contos de reis é muito dinheiro gasto dentro de um plano geral, é quasi nada consumido sem um programma. O ministro diz uma verdade quando escreve — "Si porventura taes elementos estivessem actuando conjugada e energicamente na execução de um programma claro e efficaz, ainda bem: ficar-nos-ia o consolo de estarmos produzindo um maximum de rendimento. Mas, é precisamente o contrario que se observa: trabalhamos dispersos, descorrelacionados, sem programam, muitas vezes neutralisando energias, atravez de abominaveis conflictos de competencia e de interpretação regulamentares".

Passa, então, o ministro a expôr o seu programma. Elle combate o regimen de competições, ou mesmo de parallelismo, entre a acção da União e a dos Estados; prega a da articulação dos serviços de uma e de outros no que tange á agricultura. Esta iniciativa é intelligente e raccional. O ministro da Justiça seguiu-a no que interessa a um programma homogeneo de defesa da ordem no paiz, conjugando a acção dos chefes de policia estaduaes com a do chefe do Districto federal.

Mas o programma vae muito mais longe. O espirito do jurista, habituado á disciplina mental, não saberia realisar na sua pasta a politca oportunista que tem annullado, em varios lanços da sua vida, o ministerio da Agricultura. Dahi as reflexões que se lêem na alentada exposição que enche o melhor do volume que acaba de ser publicado.

De que o titular não esqueceu as idéas e promesas de seus programmas é prova a larga messe de providencias governamentaes que reforçam a publicação.

Os accordos realisados com os estados, as pesquizas e experimentações feitas, a defesa sanitaria, o combate á sauva, e outras medidas de caracter pratico, asseguram ao sr. Odilon Brasa um logar de relêvo na galeria dos que têm procurado desenvolver a producção brasileira.

RETRATO VERTICAL DO BRASIL, de Raul Polillo — Cia. Brasileira editora. Rio, 1936

Livro de emoções da altura, tal é "Retrato vertical do Brasil", do sr. Raul de Polillo, jornalista e aviador paulista. Elle fez um vóo de 11.000 kilometros dentro do paiz de seu nascimento, e ficou deslumbrado com a grandeza estanteante dos caminhos aereos e das altitudes, mas teve uma impressão lastimavel da fragilidade d ohomem, seu irmão, e uma verdadeira estupefacção diante da pequenhez do brasileiro em face da vastidão territorial do Brasil. "Emquanto nós, os humanos, fazemos estatuetas com miseraveis pedaços de greda negra e lamacenta, essas aves epantosas e magnificas contemplam cordilheiras esculpturadas em marmore, com uma pupilla capaz de perceber maravilhas estheticas que fogem, por excessivamente grandes, á retina dos que se dizem reis da creação". O autor não é um pessimista nem um romantico, diz em uma de suas paginas, mas tem a sêde das distancias, o "impeto jámais reprimido de andar, de andar sempre".

Até certo tempo quem sentia essa ansia de correr era apontado, incluido na classe dos epilepticos, atacados do que os psychiatras chamam auras ambulatorias. Hoje em dia o avião vulgarisou esta ansiedade, e meio mundo estaria atacado de auras ambulatorias si tivesse ouvidos para escutar os alienistas Trezentas mil pessôas fazem do avião, nos Estados Unidos, conforme annunciou o sr. Oswaldo Aranha, seu meio usual de locomoção.

O Brasil, que o autor viu do ar, é um outro Brasil, em cuia massa de terras e florestas se diluem os pontos brancos das povoações, o colorido homogeneo das lavouras. E' um Brasil despovoado, quasi despovoado, onde apenas trese capitaes apparecem na linha atlantica, sendo que destas somente "meia duzia apresenta valor ponderavel de civilização". Fóra dahi, só existe de ponderavel São Paulo e Bello Horizonte. Isto, para o sr. Raul de Polillo, "é todo o Brasil".

Com a sua linguagem elegante, nervosa, sugestiva, elle nos dá uma pintura lastimavel do Brasil que sae das fronteiras de seu estado, sem duvida alguma o estado padrão na federação nacional.

Mas, é preciso notar que não se devem tomar apenas por pontos de relação, em se tratando da expansão do Brasil, o litoral e a vastidão de seu territorio. Visto de cima, das alturas onde imperam os Clipper, será de estarrecer a desproporção existente entre o povoado, o civilisado, e o que permanece intacto, inviolado. Mas, as responsabilidades de um povo no que toca ao aproveitamento de seu territorio e riquezas devem ser medidas em funcção dos elementos de que dispõe, principalmente do factor população. Ora, as populações não se improvisam. Toda população, mesmo as mais prolificas, obedece a um rithmo que as estatisticas vão fixando. A população brasileira não se deixa bater pelas que mais se expandem. Somos ,talvez, depois da japoneza, a população cujos indices de crescimento são presentemente os mais impresionantes. Povoar sem gente é hypothese absurda. Povoar o que é nosso pela entrada desordenada de emigrantes estrangeiros é outra hypothese absurda. Nenhum paiz, salvo os Estados Unidos, teve uma expansão tão rapida como o Brasil.

Ora, o progreso brasileiro não mais se agarra ás costas como um carangueijo, para repetir aqui a famosa phrase de Frei Vicente de Salvador na sua "America Portuguesa". Elle tomou, de ha muito, os rumos do interior, dos sertões

Si aqui só temos essas treze cidades a que allude o sr. Pollilo, no interior temos muito milhares de nucleos que se expandem, uns lentamente, outros com vertiginosa rapidez.

E' a vertigem do progresso universal que nos communica ansia de realisar nalguns annos o que outros povos levaram seculos para realisar. Tambem eu participo desta soffreguidão, mas em verdade é preciso não anathematisar os brasileiros, e especialmente os nortistas, como o faz o autor, pelo que elle considera estagnação, dispersão, alheiamento romantico ás realidades concretas e vivas do processo evolutivo.

Todos nós nos envaidecemos do progresso de São Paulo, ponto preferido, por seu clima, e pela lavoura do café, pelos milhares de imigrantes que procuraram no Sul regiões mais ou menos semelhantes áquellas onde viviam. Ao passo que o clima quente do norte não foi favoravel a esse chamamento do braço estrangeiro. E emquanto o norte travava suas lutas formidaveis para repellir a conquista estrangeira, o sul ainda estava como a noiva impolluta da comparação de Raul de Polillo a respeito do Brasil.

São Paulo tambem não apresenta nas suas costas, salvo Santos, qualquer nucleo respeitavel de civilisação. Si o Clipper em que viajou o autor penetrasse perpendicularmente á linha do costeiro atlantico, outra por certo seria sua impressão. Somente Minas possue oito milhões de habitantes espalhados no seu territorio. Oito milhões. População maior que a de muitos e velhos paises da Europa.

O livro de Raul de Polillo impregna-se desse nervosismo caracteristico do seculo, e seu estylo partícipa da vertigem de velocidade que marca a aviação. O autor é um aviador. Para elle a conquista de nosso "interland" depende da aviação commercial. Somente ella, de facto, encurtará as distancias. O Brasil, visto do alto, parece maior, porém olhado pelo prisma da rapidez com que se vencem as suas enormes distancias, torna-se menor. A' aviação está destinado o papel de fomentadora da nossa civilização e de consolidadora da unidade nacional.

"Retrato vertical do Brasil" é um livro cheio de imprevistos, e nelle se espelha a intelligencia moça e intrepida de seu autor.

Seus conceitos sobre o Norte são, comtudo, em muitos pontos, injustos e arbitrarios. Faço restricções sérias a este respeito. Não me tenta, entretanto, abrir aqui um parenthesis para discutir estes conceitos, que se devem levar á conta da aeromentalisação do autor.

LEMOS BRITTO.

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 43-8422 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1240 - S. PAULO

O JORNAL
RIO DE JANEIRO

6 DEZ 1936

1% AO MEZ
E SEM OUTRAS DESPESAS
A CAIXA ECONOMICA
EMPRESTA SOB PENHOR
DE JOIAS

VIDA LITERARIA

(165)

Octavio Tarquinio de SOUSA

Ao observador menos attento não passará despercebido o desenvolvimento que se verifica entre nós, em todas as actividades litterarias e culturaes, de seis annos a esta parte.

Não vem a pello investigar com mais minucia as causas determinantes, mas é evidente que entre ellas estão a crise mundial, cujo periodo agudo começou em 1929, e a revolução de 1930.

Uma e outra nos obrigaram a pensar em nós mesmos, a contar com os nossos proprios recursos. Despertamos do doce embalo, abrimos os olhos e vimos de um lado o mundo ameaçado de destruição, de outro subvertida no Brasil a fragil e truncada legalidade que nos vinha do Imperio, não passando o golpe de 15 de novembro de 1889 de um mero episodio sem maiores consequencias.

Tornámo-nos inquietos, tomou-nos o gosto da introspecção, do exame, da critica.

Ao lado da actividade propriamente literaria, com um surto realmente promissor sobretudo no romance, cresceu no Brasil o interesse pelo ensaio politico, pela pesquisa sociologica, pela reconstrucção historica.

A melhor prova está no apparecimento de uma collecção como "Documentos Brasileiros", que o joven e corajoso editor José Olympio acaba de lançar sob a alta direcção do sr. Gilberto Freyre.

Sergio Buarque de Hollanda — RAIZES DO BRASIL — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1936.

Difficilmente se poderia encontrar livro mais proprio para inaugurar uma collecção que se denomina "Documentos Brasileiros". E será menos pela suggestão do titulo do que pela maneira por que o sr. Sergio Buarque de Hollanda aprecia as origens e a formação do Brasil, os seus fundamentos historicos, as suas bases anthropologicas, os seus traços psychologicos.

São realmente as raizes de uma nação e de um povo entrevistas e expostas com uma tão aguda penetração, com um senso tal de introspecção social e um dom de analyse tão fino, que proporcionam ao leitor o gozo, o puro gozo intellectual.

Disse intellectual e não sem intenção.

Em verdade, o sr. Sergio Buarque de Hollanda, em todo o livro bem uma só vez abandona o terreno estricto da critica historica e da interpretação sociologica para entregar-se a qualquer surto lyrico, a qualquer expansão poetica. E' sempre, do começo ao fim, a pura operação intellectual de analysar, de entender, de elucidar: é a obra da intelligencia prescindindo da ajuda de qualquer outra faculdade.

Sem ser jámais monotono, sem perder nunca o interesse e não cansando de modo algum a attenção, "Raizes do Brasil" é um livro secco, despojado de qualquer especie de eloquencia (nem aquella tão duvidosa das cifras...), livro sem imagens, sem poesia.

Mas, a despeito disso, que retrato fiel do Brasil elle nos pinta, numa reconstituição clarividente de sua physionomia, em que apparecem, uns em plena luz, outros mais attenuados, os traços de familia, os signaes inconfundiveis de origem e filiação!...

E' o que logo de começo fica accentuado no capitulo "Fronteiras da Europa".

O sr. Sergio Buarque de Hollanda, notando antes de mais que a sociedade brasileira constitue o unico esforço em larga escala e bem succedido da transplantação da cultura européa para uma zona de clima tropical e sub-tropical, affirma que somos ainda uns desterrados em nossa terra.

Tudo o que é nosso "participa fatalmente de um estylo e de uma evolução naturaes a outro clima e a outra paysagem", e assim se explica sem difficuldade muitos dos aspectos mais marcados da psychologia brasileira.

A frouxidão da estructura social, a falta de cohesão, a ausencia da verdadeira hierarchia no Brasil constituem herança iberica. De lá nos veiu, através da cultura da personalidade, chegando ao ideal anarchico, a nossa incapacidade de organização, o nosso espirito nivelador e, por outro lado, "a concepção antiga de que o ocio importa mais que o negocio..."

Tambem de lá procede o espirito da aventura.

O sr. Sergio Buarque de Hollanda sustenta que, na exploração dos tropicos, na obra da conquista e colonização da America, coube ao espirito de aventura um papel mais largo do que ao espirito de trabalho. O colonizador portuguez era muito mais aventureiro que trabalhador, e dahi a sua "concepção espaçosa" do mundo, a audacia, a imprevidencia, a irresponsabilidade. Ao espirito de aventura devemos, segundo o ensaista de "Raizes do Brasil", a ansia de prosperidade sem custo, de titulos honorificos, de posições e riquezas faceis.

Mas, em compensação, graças a elle, "elemento orchestrador por excellencia", a mobilidade social foi favorecida e os colonizadores encontraram estimulos para enfrentar todas as resistencias, todos os obstaculos do novo meio. Transplantando o meio de origem, acclimavam-se com extraordinaria facilidade, plasticos, adaptaveis.

Não terá sido tão limitado, tão nullo, como affirma com algum exaggero o sr. Sergio Buarque de Hollanda, o espirito do trabalho dos portuguezes da éra colonial, mas, parece fóra de duvida que o espirito de aventura foi em verdade muito importante: o colonizador viu menos "a difficuldade a vencer" do que "o triumpho a alcançar".

Como já fizera o sr. Gilberto Freyre em "Casa Grande & Senzala", o sr. Sergio Buarque de Hollanda accentua como a ausencia de orgulho da raça foi um factor importante na colonização do Brasil. E' que os portuguezes já eram em larga escala um povo de mesticos, diminuindo em consequencia o sentimento de distancia entre os dominadores e a massa trabalhadora.

E a influencia do negro e da sua condição de escravo foi decisiva na sociedade brasileira.

O autor de "Raizes do Brasil" nota-a tambem, vendo o seu reflexo na "suavidade dengosa e assucarada que invadiu, desde muito cedo, quasi todas as espheras da nossa vida colonial".

A sociedade colonial assentava as suas bases fóra das cidades, e é o que o sr. Sergio Buarque de Hollanda estuda nos dois capitulos — "O Passado Agrario".

Realmente, o eixo da vida brasileira era a exploração agricola, e não avançará demasiadamente o ensaista de "Raizes do Brasil", affirmando que quasi não havia fórmas de vida social intermediarias das propriedades agricolas para os centros urbanos.

Isso se verificou, nos seus traços mais expressivos, até os ultimos dias do Imperio, até a derrocada da propriedade servil. Só desse momento em deante se definiu a mudança de nossa vida, passando em larga escala dos fazendeiros e filhos de fazendeiros, da aristocracia rural, para as personagens urbanas, para os ideologos, bachareis e jornalistas, a orientação e o dominio da politica e das instituições.

Certo, desde os primeiros tempos do Imperio, houve tentativas para arrancar das mãos dos proprietarios agricolas o predominio politico. Nesse sentido se esforçou o incipiente liberalismo dos tempos da Regencia, mas a reacção conservadora, a politica do "regresso", preconizada por Bernardo Pereira de Vasconcellos, venceu, afinal, e assegurou aos "saquaremas" um largo periodo de influencia quasi sempre decisiva.

No capitulo "O homem cordial", o sr. Sergio Buarque de Hollanda toca com mão segura em aspecto profundamente caracteristico na definição do brasileiro — o "horror ás distancias que parece constituir, ao menos até agora, o traço mais especifico do espirito brasileiro".

A "cordialidade" de nossa gente, que se manifesta em lhaneza de trato, hospitalidade, generosidade, é para o ensaista de "Raizes do Brasil", a resultante de "um fundo emocional extremamente rico e transbordante", mas nada tem de polidez, de civilidade, num sentido ritualista peculiar a outros povos.

Essa "cordialidade" é uma fórma de evasão, significando o pavor de viver comsigo mesmo e importa em reduzir o brasileiro á simples vida exterior, ao que o sr. Sergio Buarque de Hollanda chama a "parcella social, peripherica" do individuo.

Infelizmente, o que possa haver de social nessa tendencia não constitue elemento de maior significação no tocante á ordem collectiva.

Queremos fugir de nós, mas não supportamos disciplinas, não aceitamos hierarchias, nenhum principio super-individual de organização e contrôle.

Onde tambem o sr. Sergio Buarque de Hollanda se revela subtil conhecedor da hoje tão decantada realidade brasileira é no capitulo em que trata da "Nossa revolução".

Nossa revolução não foi o movimento da Independencia, não foi o 15 de novembro e muito menos o 24 de outubro de 1930: "a grande revolução brasileira não foi um facto que se pudesse assignalar em um instante preciso; foi antes um processo demorado e que durou pelo menos tres quartos de seculo — a transmigração da familia real portugueza, a independencia politica, a Abolição e a Republica associam-se como os accidentes diversos de um mesmo systema orographico".

Em ultima analyse, a nossa revolução foi a decadencia rural e a urbanização crescente que se lhe seguiu. Abandonando o agrarismo, subvertidas as raizes ibericas de nossa cultura, caminhamos para um estylo novo, que, segundo o arguto sociologo, "chrismamos talvez illusoriamente de americano".

Asseverando com razão que o Estado entre nós não precisa e não deve ser despotico, quer, entretanto, o sr. Sergio Buarque de Hollanda que elle tenha pujança e compostura, grandeza e solicitude, funccionando "as peças do seu mecanismo com certa harmonia e com garbo".

Num preito de justiça historica ao nosso passado, em "Raizes do Brasil" se reconhece que "o Imperio brasileiro realizou isso em grande parte".

E se isso aconteceu, podemos estar certos que foi por um maior realismo de seus homens, até certo ponto mais desapegados de systemas e programmas, reagindo muitas vezes contra "o grande peccado do seculo XIX — ter feito preceder o mundo das fórmas vivas do mundo das fórmulas e dos conceitos".

Transacção realista foi a Independencia com a monarchia de Pedro I, foi a manutenção da escravidão através de quasi todo o "Seculo das luzes"...

E' necessario que vençamos o pendor para as fórmulas e os conceitos, nesse racionalismo que crea systemas logicos e homogeneos, mas desligados da vida, das suas exigencias, na sua realidade.

Saibamos resistir a todos os "ismos" mais ou menos importados, certos de que "as fórmas exteriores da sociedade devem ser como um contorno congenito a ella e della inseparavel: emergem continuamente das suas necessidades especificas e jámais das escolhas caprichosas".

LIVROS RECEBIDOS

Jayme de Barros — ESPELHO DOS LIVROS — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1936.

Tristão da Cunha — HISTORIAS DO BEM E DO MAL — Edição da Sociedade Felippe d'Oliveira — Rio, 1936.

Joaquim Manso — PEDRAS PARA A CONSTRUCÇÃO DUM MUNDO — Livraria Bertrand — Lisboa, 1936.

Joaquim Manso — FABULAS — Livraria Bertrand — Lisboa, 1936.

Humberto de Campos — ULTIMAS CHRONICAS — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1936.

A INCONFIDENCIA MINEIRA (Autos da Devassa) — Volume I — Bibliotheca Nacional — Rio, 1936.

53

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 170
TEL 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 16º
TEL. 2-1940 — S. PAULO

O JORNAL
RIO DE JANEIRO
1 DEZ 1936

O JURO QUE 4 1/2% CAIXA ECONOMICA AO ANO
PAGA EM C/C ATÉ 20:000$000
Capitalisados semestralmente

COLUMNA DO CENTRO

Nota sobre "Raizes do Brasil"

Helio VIANNA

(Copyright dos "Diarios Associados")

(165)

O livro "Raizes do Brasil", do sr. Sergio Buarque de Hollanda, com que foi iniciada a nova collecção "Documentos brasileiros", da Livraria José Olympio, por diversos motivos merece a attenção da critica e dos estudiosos. Sendo o primeiro volume publicado por um escriptor que ha mais de doze annos vem se impondo, como jornalista, á consideração de quantos se preoccupam com as cousas do espirito, em nosso paiz, — caracterisa-se por ser obra de pura intelligencia, na qual aos raciocinios cabe a melhor parte. Dahi, entretanto, a facilidade que tambem manifesta, para descahir em apreciações francamente erroneas, que, se não invalidam, pelo menos em muito diminuem seus meritos.

Assim é que, logo em suas primeiras paginas, refere-se a uma hypothetica tendencia á anarchia, que julga ter sido peculiar ao nosso meio, no periodo colonial (pags. 6 e 14). Mais além, apezar de fazer justiça á acção colonizadora de Portugal (pags. 15 e 19), resolve arbitrariamente distinguir os povoadores mais amigos do trabalho dos que apenas prezavam as aventuras (pag. 21) como se fosse possivel differencial-os com nitidez, em sua acção nos primeiros seculos da vida brasileira. Ainda quanto á colonização, se elogia a dos hollandezes (pag. 33), com a repetição de exageros hoje habituaes sobre o Recife nassoviano (pag. 35), contradiz-se mais adeante (pag. 36), quando assignala o fracasso que lhe coube.

Amigo das generalizações, — a exemplo do dirigente da collecção "Documentos brasileiros", sr. Gilberto Freyre, — o autor de "Raizes do Brasil" não hesita em affirmar que a colonização hespanhola foi mais militar e menos mercantil que a portugueza (pags. 60 e 66) e que tambem lhe foi superior em preferir povoar o interior, em vez do littoral (pags. 68 a 70), para tanto chegando até a dar como não colonizadores os que povoaram os nossos sertanejos curraes de gado (pag. 73). Só com a descoberta das minas, já no terceiro seculo de nossa existencia politica, é que julga ter sido attingido o interior (pags. 73, 75 e 79), esquecendo, portanto, toda a obra de penetração realizada ainda no primeiro e, principalmente, no segundo seculo, o das grandes bandeiras e conquistas.

Pouca importancia dando á nossa formação espiritual, assumpto em que passa de largo, o sr. Sergio Buarque de Hollanda não deixa, porém, de alludir á "falta de bons clerigos", dizendo que, "exceptuando os jesuitas, poucos eram os religiosos europeus que se dispunham, de bôa vontade, a partir para estas terras barbaras e longinquas" (pag. 84). Commette assim a injustiça de esquecer o valor da contribuição que á nossa existencia trouxeram innumeros sacerdotes de outras ordens, carmelitas, franciscanos, capuchinhos, oratorianos, etc., além dos seculares. Bastaria olhar qualquer quadro dos aldeiamentos de selvicolas nos seculos XVII e XVIII (os citados por Capistrano de Abreu, nos "Capitulos de historia colonial", por exemplo), — para se capacitar do contrario da referida asserção.

Mas nem sempre incide em erros de Historia ou de interpretação o autor de "Raizes do Brasil". Quando critica a proclamação da Republica e o positivismo inicial (pags. 119 e seguintes); quando affirma que "a democracia no Brasil foi sempre um lamentavel mal-entendido" (pags. 122 e 153); qando zomba dos ingenuos alphabetisocratas do genero Pinto Serva (pag. 129); quando assignala que o amor pelas ficções é maior sob o regimen republicano que sob o monarchico (pag. 130), este, no Brasil, dotado de grande respeitabilidade (pag. 142); quando esclarece o vazio do nosso fetichismo legalista (pag. 148) e a tolice que reside no preconizar-se a existencia de muitos partidos politicos (pag. 151); — em todos esses pontos a argumentação do sr. Sergio Buarque de Hollanda é perfeitamente certa, obedecendo a uma orientação que procura estar com a verdade, excepto quando se deixa levar por certos raciocinios predeterminadamente tendenciosos, que restringem ou desviam seus julgamentos.

E' o que acontece, por exemplo, quando procura ridicularizar como livresco o Imperador D. Pedro II (pag. 127), ou quando apresenta restricto conceito do fascismo, que lhe não parece "mais que uma critica do libera-

(Continua na 6ª pagina.)

RAIZES DO BRASIL, Sergio Buarque de Hollanda, Livr. José Olympio Edit.

«A serie que hoje se inicia, —diz Gilberto Freyre, no prefacio desta obra,—vem trazer ao movimento intellectual que agita o nosso paiz uma variedade de material, em grande parte ainda virgem». Com effeito, annuncia-se para a Collecção Documentos Brasileiros livros de memorias, de viajantes illustres sobre o Brasil, de estudos brasileiros e, o que é mais, da edição de manuscritos ainda ineditos, a empoeirarem nas estantes de velhos archivos. Mas, se a promessa parecia falaz, a primeira realidade veio dar uma confirmação expontanea do valor que terá tal série. O sr. Sergio Buarque de Hollanda, estudando as diversas phases successivas de nossa evolução, se revela um profundo pesquizador de nosso passado e um analysta muito perspicaz. Interpretando com muita justeza os factores de nosso desenvolvimento economico, as causas de nossa evolução politica e as raizes de nossas reformas sociaes, o auctor vae buscar nelles, na sua interdependencia, as bases do progresso brasileiro, affirmando a sua fé nos destinos do Brasil.

"O Tempo"
(Rio Grande - R. G. S.)

S. I. D.

(Pico cortado de 7-12-1936)

NO MUNDO DOS LIVROS

"Raizes do Brasil" de Sergio Buarque de Holanda. — Livraria José Olimpio

Sergio Buarque de Holanda acaba de publicar um livro de estudo sobre a formação social brasileira. Esse livro que é o primeiro a aparecer na coleção: "Documentos Brasileiros", organizada pela Livraria José Olimpio Editora, sob a direção de Gilberto Freire, o extraordinario sociologo de "Casa Grande e Senzala", tem, como poucos, um carater de investigação cuidadosa, de pesquisa erudita, para a interpretação racional, dos mais diversos fenomenos formadores da nossa realidade atual. Possuindo o autor uma extraordinaria capacidade de analista, e um poderoso senso de interpretação das causas e efeitos, entre premaranhado dos atalhos que se abrem para o pesquisador, conseguindo evita-los para encontrar o caminho real, conseguiu tambem, partindo dos remotos fatos do nosso descobrimento e da nossa colonização, fazer o estudo logico da nossa evolução social, e uma explicação muito clara, da nossa psicologia do povo, como produto dos mais diversos e por vezes contrarios fatores.

Compõe-se o livro de sete grandes capitulos onde os diversos temas são tratados sempre com grande soma do conhecimento. Intitulam-se: "Fronteiras da Europa", "Trabalho e Aventura", "O Passado Agrario", "O Homem cordial", "Novos Tempos" e "Nossa Revolução".

Sob uma feição material das mais luxuosas e contendo materia tão escolhida, não é de admirar o exito que está alcançando a Livraria Jo é Olimpio Editora com a publicação desse livro de Sergio Buarque de Holanda.

(Artigo re... Mont'Alve... 1936)

Rio, 10-12

...etido por Quer... ...ro, em 13-12

56

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 178
TEL. 43-3482 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 16º
TEL. 2-1740 — S. PAULO

Gazeta do Povo
CURITIBA
Paraná
— 9 DEZ. 1936

LIVROS NOVOS

Para dar inicio á anunciada "Coleção Documentos brasileiros" sob a competente direção do grande sociologo patricio, Gilberto Freire a Livraria José Olimpio Editora, houve por bem escolher a obra de Sergio Buarque de Hollanda. "Raizes do Brasil", onde o jovem autor paulista revela-se um profundo conhecedor do assunto, um arguto pesquisador dos fenomenos formadores da nossa nacionalidade.

Remontando á psicologia dos nossos descobridores, aos seus processo de colonisação e de adaptação, em face das reações do ambiente, das influencias interiores e exteriores, consegue, por um claro e metodisado estudo da evolução brasileira, chegar até a explicação lógica de muitas particularidades da nossa psicologia social, desfazendo muitos preconceitos correntes, destruindo algumas teorias, aceitas por varios autores nacionais.

Diz Gilberto Freyre, que Sergio Buarque de Hollanda "é uma daquelas inteligencias brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analisar, o gosto de interpretar, a alegria intelectual de esclarecer".

xxx

"Historia da Amazonia" é o novo livro do consagrado autor de "Pussanga". Formado por uma série de contos que têm como cenario a Amazonia nêle se revela Peregrino Junior um dos melhores contistas do nosso pais. Em breves pinceladas deixando traços que formam um panorama rico de matizes variados e pitorescos, o autor soube formar quadros cheios de vida nos contos regionais que prendem a atenção e encantam o leitor apaixonado das nossas cousas e dos bons livros.

xxx

"Ultimas cronicas", obra postuma, é o ultimo livro a aparecer de Humberto de Campos que continua sendo um dos escritores mais lidos do Brasil.

São de fáto as ultimas cronicas reunidas pela familia do grande escritor, e encerram, por conseguinte a série de coletaneas, por ela organisada.

Neste livro estão reunidas as paginas do inolvidavel escritor, em seus ultimos tempos de vida, na sua atividade de jornalista diaria. Elas são a notação diaria dos acontecimentos, dos fátos de todo dia, comentados com beleza, clarividencia e superioridade, pelo talento e pelo coração de um escritor que jámais será esquecido no Brasil.

F. ALBIZU'

57

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 178
TEL. 24-5422 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1749 - S. PAULO

JORNAL DO COMMERCIO
RECIFE
Pernambuco
15 DEZ 1930

Sobre «Raizes do Brasil»

165

Diocleciano Pereira Lima

Foi seguramente há doze annos e, salvo engano, naquella tumultuosa sessão da Academia Brasileira de Letras em que Graça Aranha, como arrebatado porta-estandarte do chamado **espirito moderno,** rompeu ruidosamente com os seus illustres companheiros de «immortalidade», — que conheci o snr. Sergio Buarque de Hollanda, em companhia de outros intellectuaes paulistas.

Passando a fixar-me no Norte e, deste modo, por força de circumstancias imperiosas, segregado dos centros cultos e movimentados do Sul, perdi de vista o homem e o intellectual, dos quaes, por muito tempo, guardei a melhor das impressões.

Agora, porém, um livro, que sem favor poderemos classificar de interessantissimo como trabalho de investigação e de estudo, sem embargo dos naturaes senões concebiveis em uma obra de tal porte, acaba de me proporcionar um agradavel encontro espiritual com o, já hoje, consagrado escriptor, e naquella epoca, apenas, uma vigorosa esperança de sua geração.

Quero reportar-me, de relance, ao primeiro volume da collecção «Documentos Brasileiros», da Livraria José Olympio, iniciada pelo snr. Sergio Buarque de Hollanda, no qual o autor focaliza delicadas questões pertinentes á nossa formação como nacionalidade, e aborda problemas relacionados com o complexo mecanismo da nossa estructuração politica e social.

* * *

Graça Aranha, que, de resto, foi um dos nossos mais bellos talentos, procurando imprimir directrizes como que subversivas ás actividades culturaes das nossas elites, teria, fatalmente, de encontrar, como encontrou, nos meios intellectuaes, impregnados de um carrancismo medieval, uma resistencia verdadeiramente estonteante. A maneira por que os seus collegas da «illustre companhia» receberam a sua conferencia sobre «O Espirito Moderno», naquella sessão historica, foi um signal de alarma de marcante significação. Com elle, apenas, ficaram os moços, os immunes, os idealistas.

Mas se o mestre não conseguiu a objectivação do seu pensamento — e fazê-lo seria, realmente, um milagre — teve, entretanto, a ventura, não pequena, de despertar enthusiasmo fóra do commum pelo que é genuinamente nosso, no seio de uma mocidade prestes a se immobilizar no «ricto macambuzio da melancolia ambiente», para empregar, em parte, a imagem do snr. Tristão de Athayde.

Vimos, assim, surgirem victoriosos, como desassombrados propulsores das tendencias renovadoras das nossas inspirações literarias, de que se tornará grão-mestre respeitado e querido o autor de Canaan», Ronal de Carvalho, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Sergio B. de Hollanda, Prudente de Moraes Neto, Mario de Andrade, para citar, apenas, os elementos de vanguarda.

O snr. Sergio Buarque de Hollanda, porém, soube, á semelhança do mallogrado Ronald de Carvalho, seguir do pensamento de Graça Aranha, tão somente, o que no mesmo deixava de ser arrebatamento transitorio ou reflexo de influencia extranha. Donde, o sentido profundamente objectivista e essencialmente brasileiro do bello livro que acaba de publicar, com a expressiva apresentação de Gilberto Freyre.

* * *

Raizes do Brasil é, effectivamente, uma vigorosa e incisiva affirmação dessa «ansia de introspecção social» da intelligencia brasileira, a que se refere o autor de **Casa Grande e Senzala,** e que agita uma geração animada dos mais sadios intuitos, neste momento confuso em que o conhecimento de nós mesmos se impõe como antecipação indispensavel á obra de nossa organização. E é precisamente em torno dessa apreciavel particularidade que se concentram todos os meritos do trabalho do escriptor paulista.

Se, accaso, o snr. Sergio Buarque de Hollanda incide, como observa o snr. Helio Vianna, em erros de interpretação quando fixa alguns aspectos de nossa historia, ou expende conceitos pouco razoaveis a respeito das nossas inclinações politicas, o facto jamais invalidaria o estudo honesto que faz dos verdadeiros rumos a que obedeceu o processo de nossa estructuração como sociedade.

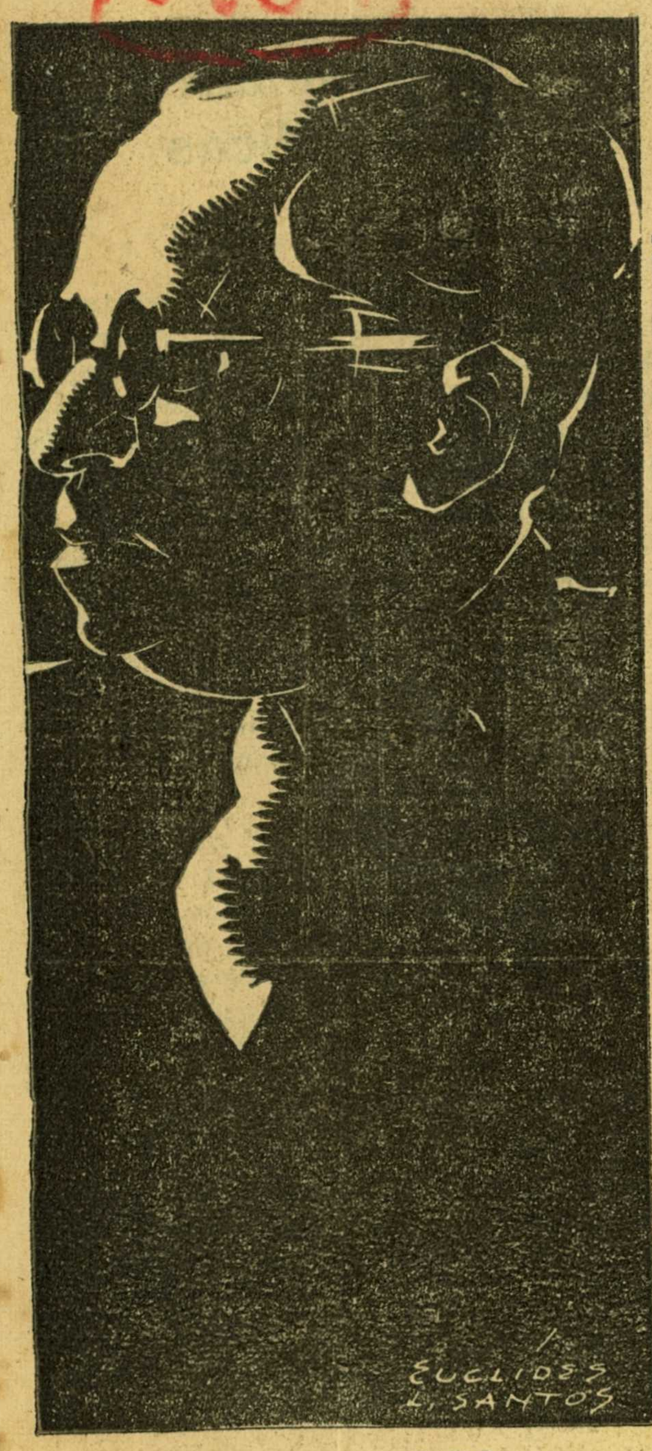
Raizes do Brasil é, pois, um trabalho que, se realmente, offerece margem a restrições idoneas da critica, não deixa, comtudo, de merecer da mesma os justos ecomios a que tem direito como lucubração conscienciosa e sincera, que é, de uma intelligencia moça voltada para a interpretação dos phenomenos mais intimos e mais serios da formação nacional.

58

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 178
TEL. 43-5422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1240 — S. PAULO

VAMOS LER
Rio de Janeiro
24 DEZ. 1936

PANORAMA



GILBERTO AMADO

Gilberto Amado é de Sergipe, nasceu em 1887, a 7 de maio, numa cidade perdida do interior: Estancia.

Soffreu desde cedo a predestinação de alguns outros grandes homens já saidos de seu Estado: a fascinação do Recife. Formado em Direito, em pouco tempo fazia concurso para a Faculdade do Recife e era nomeado lente.

A politica desde cedo o tentou. De deputado federal passou a senador, e sua actuação na chamada Primeira Republica nunca deixou de ser brilhante e proficua ao paiz.

Com a revolução de 30, considerando-se incompatibilisado com o espirito dos novos capitães outubristas, Gilberto Amado transferiu-se da Faculdade de Direito do Recife para a da Universidade do Rio de Janeiro, onde leccionou alguns annos na cathedra de Direito Criminal. Como acontecera na Primeira Republica, os homens da Republica Nova não tardaram em chamal-o para o desempenho de importantes missões no Exterior. Assim, em Montevidéo, por occasião da conferencia Pan-Americana, pôde Gilberto Amado defender theses internacionaes com segurança de dominio que mais elevou ainda o seu prestigio no continente. Foi escolhido recentemente para o cargo de embaixador do Brasil em Santiago do Chile, onde actualmente se encontra.

O papel de Gilberto Amado na cultura brasileira é antes de tudo o de alguem que traz comsigo uma missão de alta responsabilidade do espirito. Mestre da juventude, por excellencia, tem alguns livros em prosa e em verso onde ha, condensados sob fórma deliciosa e escorreita, alguns conceitos definitivos sobre os altos problemas da vida politica e social do Occidente. Saturado da cultura européa, Gilberto sabe melhor que ninguem applicar ao Brasil as soluções do espirito que viu e viveu no Velho Mundo.

Assim, os seus ultimos livros reflectem estados de pensamento de elevada significação para os rumos do nosso povo. São elles: "Espirito do Nosso Tempo", "Dias e Horas de Vibração" e "A Dansa sobre o Abysmo". Puro na forma e no conceito, limpido na descripção e segurissimo no raciocinio, Gilberto Amado é um prosador de força de quem o Brasil e principalmente as novas gerações ainda esperam muitos livros succulentos e disciplinadores.

LITERATURA BRASILEIRA
O que se publica:

Os livros de sociologia brasileira começam a multiplicar-se, depois da iniciativa de Gilberto Freyre, que, em "Casa Grande & Senzala", lançou um novo methodo de estudos de muitos dos nossos problemas.

O Sr. Affonso Arinos de Mello Franco dá-nos no "Conceito de Civilisação Brasileira" (Companhia Editora Nacional, São Paulo) uma synthese dos pontos culminantes da nossa formação social e politica, e uma visão de conjunto sobre as regras fundamentaes que deverão orientar o nosso futuro.

Do mesmo genero é o "Panorama do Brasil" do sr. José [illegible]ria Bello (Livraria José Olympio, Rio de Janeiro). Ainda um estudo de conjunto, o "Panorama do Brasil" analysa as phases de nossa formação politica, até aos ultimos tempos. Accentua-se o valor inestimavel das paginas dedicadas, nesse livro, á genese do movimento de 1930.

Quanto ás "Raizes do Brasil", do Sr. Sergio Buarque de Hollanda, não podemos deixar de ver em suas paginas uma comprehensão lucida e imparcial dos alicerces humanos e physiographicos do edificio brasileiro. O volume (Edição José Olympio, Rio de Janeiro), revela um novo sociologo, forte e cultissimo, capaz de nos dar ainda muitos outros livros no mesmo genero, accrescidos sempre em materia de cultura e em clareza de estylo.

***

Ao que accentuou um dos nossos criticos literarios, o "Canto da Hora Amarga" do Sr. Emilio Moura é realmente uma resposta perfeita, convincente, a quantos andam affirmando que a "Poesia morreu". O Sr. Emilio Moura, que não é, aliás, um estreante (a sua "Ingenuidade" ainda está muito viva na memoria dos leitores de poesia modernista), conseguiu estampar um volume equilibrado, de notaveis composições lyricas, algumas de accentos sobrehumanos. Traços mysticos e notas de dolorosos dramas interiores agitam o "Canto", das primeiras ás ultimas paginas. Que venham, com essa mesma frescura de inspiração, com essa mesma doce suavidade lyrica, os novos livros de versos desse grande poeta do Brasil.

***

O anno de 1936 teve o seu Natal enriquecido com dois grandes livros para a meninada.

O primeiro delles era esperado ha algum tempo, e todos os garotos do Brasil já sabiam que se trataria de volume de estrondo: as "Memorias da Emilia", de Monteiro Lobato, editadas pela Companhia Editora Nacional, da Paulicéa.

O segundo, porém, era mais esperado pela gente graúda, pelos literatos e pelos criticos: as "Historias da Velha Totonia", de José Lins do Rego.

Não se pode occultar que o inconfundivel romancista do "cyclo da canna do assucar" encontrou com rara felicidade um novo caminho para a sua ficção: a arte de contar historias para creanças.

Já agora, em todo o Brasil, ás margens do Rio Negro, nos planaltos do Nordeste, no valle do Parahyba e nas pradarias do Rio Grande os garotos e as meninotas estão lendo as "Historias da Velha Totonia", com um prazer sem medida, e com uma curiosidade que mostra todos os dentes em risos gostosos e duradouros.

Tanto mais quanto o volume de Lins do Rego foi apresentado numa edição magnifica da Livraria José Olympio, com illustrações de Santa Rosa, em preto e a côres, illustrações dignas de figurar em qualquer grande montra de arte, mas capazes de allucinar os sentidos jovens de todos os meninos do Brasil, fazendo com que elles acompanhem o macaco Felisberto e a cobrinha do mar nas peregrinações fantasiosas que surgiram do cerebro daquella negra velha de engenho, de modos pacatos e imaginação coruscante...

***

As reedições se succedem. Muitos dos livros lançados recentemente ahi estão nas montras das lojas de Bibliopolis sob novos formatos, envoltos em novas capas.

Dos romances, "A Bagaceira" do Sr. José Americo de Almeida entrou em 6.ª impressão; "O Moleque Ricardo" de José Lins do Rego, esgotado os 4.000 exemplares da primeira tiragem, entra em segunda tiragem victoriosa; "O Estrangeiro", que foi, em 1929, a grande revelação literaria do Sr. Plinio Salgado, entra em 3.ª edição; do mesmo autor, o volume "O Esperado", em segunda estampa; da Europa, chegam novas impressões dos romances cyclicos do Sr. Matheus de Albuquerque.

Das traducções, o "Ciume", de René Albert Guzman, traduzido por Gastão Cruls, vae entrar em 5.ª edição; fóra do romance, alcançam reedição, na "Bibliotheca Classica" da Athena Editora, o "Discurso sobre o Methodo", de Descartes, e o "Elogio da Loucura", de Erasmo.

"Na Planicie Amazonica", de Raymundo Moraes, entra em 4.ª, na "Brasiliana" de São Paulo. Na mesma série succedem-se as reimpressões dos volumes de Oliveira Vianna, Taunay, Pedro Calmon, Roquette-

LUX JORNAL
RUA PASSOS 178
TEL. 43-8422 - RIO
ESCRITORIO EM SANTOS
EDIFICIO M. RIVABELLI - 15º
TEL. 5-1740 - S. PAULO

Folha de Minas
BELLO HORIZONTE
Minas Geraes

17. JAN. 1937

1% AO MEZ
E SEM OUTRAS DESPESAS
A CAIXA ECONOMICA
EMPRESTA SOB PENHOR
DE JOIAS

A Alma dos Livros

Oscar MENDES — Especial para FOLHA DE MINAS

Um dos efeitos da revolução de 1930 foi chamar a atenção dos nossos intelectuais para o estudo de problemas caracteristicamente brasileiros.

Começaram a prestar olhos ao que se passava no terreiro de casa, em vez de ficarem de ôlho comprido para o que se desenrolava lá pelas Europas e Américas.

Certo é que, antes daquele movimento revolucionario, sociólogos e historiadores vinham já desbastando a **selva selvaggia** das nossas origens, das nossas instituições, dos nossos usos e costumes, do nosso caráter e da nossa civilização.

Mas eram raros e não conseguiam ser lidos pelo grande publico. Só os especializados em certos assuntos os procuravam e liam.

Agora, porém, as cousas se modificaram. O interêsse por êsses estudos de caráter sociológico aumentou extraordinariamente.

Demonstra-o o aparecimento de coleções de livros, cujo tema é o Brasil, nos seus mu'tiplos aspectos geográficos e politicos. A **Brasiliana** da Companhia Editora Nacional já anda perto duma centena de volumes e outras coleções deste gênero se anunciam.

Entre estas, se realiza agora, com o seu volume inicial, a de **Documentos Brasileiros**, da Livraria Editora José Olimpio. Dirige-a esse investigador da nossa vida social, minucioso e diligente, que é o sr. Gilberto Freyre, e anuncia uma farta série de livros sôbre os mais variados assuntos brasileiros, desde a biografia, as memórias, as viagens, até os estudos mais arduos da etnografia, do folk-lore, da antropologia e da sociologia.

Coube a estréa ao sr. Sérgio Buarque de Holanda, um dos espiritos mais interessantes e mais vivos da geração que fez o movimento modernista de nossas letras.

RAIZES DO BRASIL — Sérgio Buarque de Holanda — Coleção Documentos Brasileiros — vol. 1 — Livraria Editora José Olimpio — Rio — 1936.

Neste livro de critica social, procura o sr. Sérgio Buarque de Holanda traçar novo "retrato do Brasil", buscando para isso os traços ancestrais, que portugueses, indios e negros nos herdaram.

Mostra as heranças morais que nos legaram os iberos e as caracteristicas e costumes que nos vieram dos tempos coloniais, apurados e estratificados no longo periodo da nossa vida agrária até a época da mudança do nosso sistema econômico-social, em 1888, bem como analisa o nosso caráter, mais os defeitos que as qualidades, tentando explicar o verdadeiro sentido de nossas agitações.

Conquanto o titulo possa fazer esperar um estudo mais sólido e mais profundo das nossas caracteristicas essenciais trata-se de um livro de ensaios, de observação aguda, é certo, mas que apenas aflora certos temas, sem os necessarios mergulhos até as "raizes". Porisso é que não faltam contradições de pensamento e choque de afirmações.

Acha que a gente hispanica é demasiado idealista, sem o "culto á atividade utilitária", gostando mais do ócio do que do negócio preferindo a contemplação á atividade produtora. Entretanto, mostra-os depois bem diversos, e por tugueses e espanhóis, aqueles "bem assentes no sólo", sem "exigências mentais muito grandes", parecendo-lhes o céu, "uma realidade excessivamente espiritual, remota, póstuma, para interferir nos seus negócios de todos os dias", e os espanhóis, caracterizando sua colonização na Américrica, "por uma aplicação insistente em assegurar o predominio militar, econômico e politico da metrópole sôbre as terras conquistadas, mediante a criação de grandes nucleos de povoação estáveis, permanentes e bem ordenados".

Ao analisar os nossos defeitos, escreve que "somos notoriamente avessos ás atividades morosas e monótonas — desde a criação estética até ás artes servis — em que o sujeito se submete deliberadamente a um mundo distinto dele: a personalidade individual dificilmente suporta ser comandada por um sistema exigente e disciplinador. E' frequente entre os brasileiros que se presumem intelectuais, a facilidade com que se alimentam, ao mesmo tempo, de doutrinas dos mais variados matizes e com que sustentam simultaneamente as convicções mais dispares. Basta que tais doutrinas e convicções se possam impor á imaginação por uma roupagem vistosa — palavras bonitas ou argumentos sedutores. A contradição que porventura possa existir entre elas parece-lhes tão pouco chocante, que alguns se alarmariam e se revoltariam, sinceramente, quando não achássemos legitima a sua capacidade de aceitál-as com o mesmo entusiasmo. Não há talvez nenhum exagêro em dizer-se que quasi todos os nossos homens de grande talento são um pouco dessa especie.

Mas logo adiante, êsse ecletismo nosso é negado, quando affirma que um dos aspectos "mais constantes e significativos do caráter brasileiro" é o "amor pronunciado pelas formas fixas e peles leis gerais, que circunscrevem a realidade complexa e dificil dentro do ambito dos nossos desejos. Essas construções da inteligência constituem um repouso para a imaginação, comparável á exigencia de regularidade a que o compasso musical convida o corpo do dansarino. O prestigio da palavra escrita, da frase lapidar, do pensamento inflexivel, o horror ao vago, ao hesitante, ao fluido que obrigam á colaboração e ao esfôrço, assim a certa dependencia e mesmo abdicação da personalidade têm determinado assiduamente nossa formação espiritual. Tudo quanto dispense um trabalho mental continuo e fatigante, as idéas claras, lu'cidas, definitivas, que favorecem uma especie de atonia da inteligência, parecem-nos constituir a verdadeira essência da sabedoria".

Não precisa o seu pensamento quando diz: "erram profundamente aqueles que imaginam na volta á tradição, a certa tradição, a u'nica defesa possivel contra a nossa desordem".

Qual é essa tradição? Quais são os seus preconizadores? Ataca-os vagamente, sem que a gente fique sabendo quais são eles, afim de verificar si há razão no ataque, se o adversario é mesmo fraco ou se tudo não passa de uma fácil vitória verbal do autor sôbre um inimigo que nem chegou a comparecer pessoalmente ao debate.

Conquanto não repita certos lugares comuns sôbre a Idade Média mostra não ter penetrado o sentido intimo da época medieval.

Para ele, " a obediência como principio de disciplina parece uma fórma caduca e impraticável", mas afirma que "não existe para os povos ibéricos outra sorte de disciplina concebivel, além da que se funde na excessiva centralização e na obediencia" o que poderia fornecer excelente argumento para os que defendem a necessidade de um regimen fascista para estabilizar "a instabilidade constante de nossa vida social".

Mas o próprio autor não crê nas virtudes regeneradoras dos regimens daquela espécie, como o demonstra nas restricções e criticas que faz ao movimento integralista brasileiro.

Como os modernos sociólogos brasileiros da escola, que eu chamarei "nigrófila", atribue grande importancia á influência do negro na nossa sociedade. A êle se deve essa "suavidade dengosa e açucarada" que invadiu "as esferas da vida colonial" e a "moral das senzalas". "contemporizadora e narcotizante de qualquer energia realmente produtiva".

Entretanto, o que temos ainda de sólido nos veiu de herança de nossos antepassados, e ao apreciar o Estado entre nós, mostrando que êle "não precisa e não deve ser despótico", pois "o despotismo condiz mal com a doçura do nosso gênio", traça o esquema desse Estado ideal para nós: "necessita de pujança e de compostura, de grandeza e de solicitude, ao mesmo tempo, se quiser adquirir alguma força e também essa respeitabilidade que os nossos pais ibéricos nos ensinaram a considerar como a virtude suprema entre todas. Ele pode conquistar por êsse meio, e só por êle, uma fôrça verdadeiramente assombrosa em todos os departamentos da vida nacional. Mas é indispensavel que as peças de seu mecanismo funcionem com certa harmonia e garbo. **O Império brasileiro realizou isso em grande parte.**" (O negrito é nosso).

Precisamente o Império, em que a "moral das senzalas predominava, "narcotizante de qualquer energia produtiva".

Mais equilibrada e coerente é sua apreciação sôbre a colonização holandeza em Pernambuco: "O esforço dos conquistadores batavos limitou-se a erigir uma grandeza de fachada, que só aos incautos podia mascarar a verdadeira, a dura realidade econômica em que se debatiam".

Estudada a predominancia da vida rural sôbre a vida citadina e consequentemente o aspecto tipico de nossa sociedade, decorrente dessa preponderancia, mostra o sr. Sérgio Buarque, como o espirito de familia predomina ainda hoje especialmente na vida politica, em detrimento, muitas vezes, do espirito da coletividade.

São bem interessantes, agudas e justas as observações que faz acerca de nossa cordialidade congênita, bem diversa da polidez das civilizações egoistas e insinceras; da nossa familiaridade, do nosso horror ás distancias, que nos levam a tratar logo com intimidade, pessoas mal conhecidas, autoridades, superiores, e até mesmo os santos e o próprio Deus, numa camaradagem que deixa muitas vezes de ser irreverente porque é natural e ingênua.

Neste ponto o A. se refere á nossa aversão ao ritualismo e á nossa tendência a "democratizar" a religião. Diz, não sem alguma razão, que "foi justamente o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade, "democrático", um culto que dispensava no fiel todo esfôrço, toda diligência, toda tirania sôbre si mesmo, o que corrompeu, pela base, o nosso sentimento religioso".

Dai o fato de haver, no século passado, o grande bispo pernambucano D. Vital, escandalizado a gente do Império, porque se insurgiu contra a mistura e a tibieza que reinavam no seio do catolicismo brasileiro, sendo atacado até mesmo por alguns catolicos que condenavam o seu "excesso de zêlo".

A sua critica da nossa religiosidade de superficie, do nosso desconhecimento do sentido profundo e litu'rgico das cerimonias religiosas, da nossa tolerancia, da nossa transigência, sempre pronta a acordos, do nosso culto, mais de sentimentos e de sentidos, que de razão e de vontade, que explicam perfeitamente o sermos aquela "maioria inoperante" de que falou o cardial D. Leme e que permitiu que a Republica fôsse feita por positivistas e a Independencia por maçons, concorrendo para essa mixordia ideológica que é a caracteristica mais lamentável da quasi totalidade de nossos politicos, essa critica é, sob vários spectos, bem pertinente e justa.

Pena é que o A. se mostre desconhecedor da fôrça de renovação e de rebroto perene que anima o espirito divino da Igreja, que vem justamente agora saneando o ambiente religioso, integrando-o no seu espirito autêntico, libertando-o da sarna liberalista e preparando novas gerações de católicos, em que devoção não é beatismo, mas convicção e flor de vida espiritual, em que religião não é apenas sentimento mas também razão, em que a fé não é méra afirmação ingênua de carvoeiro, mas fruto de conhecimento, afirmação da inteligência que reconhece os seus limites humanos e se curva diante da Infinita Sabedoria.

Bem interessantes são as observações que faz a propósito do liberalismo entre nós, do nosso espirito liberal, tão achadiço na boca de oradores e nos escritos de folicularios.

Diz êle: "A ideologia impessoal e anti-natural do liberalismo democrático, com as suas maiusculas impressionantes e com as suas fórmulas abstratas, jamais se naturalizou entre nós. Só assimilamos efetivamente êsses principios, até onde êles coincidiram com a negação pura e simples de uma autoridade incômoda, confirmando o nosso instintivo horror ás hierarquias e permitindo tratarmos com familiaridade os governantes. A democracia no Brasil foi sempre um lamentavel mal-entendido".

E mostra como foi o liberalismo um dêsses tantos gêneros ideológicos que importamos e procuramos adaptar aos nossos costumes e ao nosso caráter, á custa muitas vezes do que existe realmente em nós de nosso e de necessitado de expansão.

Seu ataque á mania de "alfabetização", que é o "já-começa" de muitos dos nossos "salvadores", desgostará a muito crente nas excelências das "campanhas nacionais de alfabetização". E sua análise de nossa vida politica, especialmente do personalismo dominante em todos os setores dela, é das mais justas e verdadeiras.

O livro do sr. Sérgio Buarque é, como se vê, dêsses que suscitam criticas e reações de varios géneros. Cheio de idéas e contraditções, é um provocador de debates. E representa o pensamento das gerações moças, que buscam prescrutar os segredos da nossa alma coletiva.

Mas tem uma grande falha. Não conclu'e. Não resume numa sintese forte e clara o seu julgamento sôbre o material recolhido, nem organiza um corpo de doutrina capaz de levar o Brasil a uma renovação de valores e a uma vida mais equilibrada e mais ordenada.

Expõe as "raizes", apontando de preferencia os parasitas que as sugam, os defeitos que as entortam, as substancias deletérias que as dessoram e enfraquecem. Mas não aconselha remédios, não acceita adubos que as restaurem e vivifiquem.

Seu trabalho é mais negativista, mais céptico, mais dubitativo, que restaurador e construtivo. Não diz o que quer e o que acha conveniente e aconselhavel, obrigando a gente a formular uma grande interrogação.

Será o sr. Sérgio Buarque um daqueles intelectuais "que se alimentam, ao mesmo tempo, de doutrinas dos mais variados matizes", sustentando, "simultaneamente, as convicções mais dispares"? Ou terá alguma "raiz" mais vigorosa para suster a árvore, ou pretende revigoraá-la, infundindo-lhe seiva nova, com um "galho" estrangeiro, prudente ou violentamente enxertado? A disponibilidade gideana é chocante em que critica os que buscam no trabalho "a própria satisfação" e não uma finalidade, fazendo do exercicio da inteligência e da utilização da cultura não um **finis operis**, mas mero **finis operantis**.

RECEBIDOS:

— A guerra secréta pelo petróleo — Anton Zischka.

— Problemas de governo — Pandiá Calógeras.

— O turbilhão — Petrarca Maranhão.

—Método moderno da limitação dos filhos — Dr. Thurston Scott Welton.

—Arquivos de medicina legal e identificação — vol. 13.

— A côrte no Brasil — A. C. d'Araujo Guimarães.

— A luta das caravanas — Zane Grey.

— Old Surehand — 2.º vol. — Karl May.

60

ESTADO DE MINAS

24 JAN. 1937
BELLO HORIZONTE
MINAS GERAES

CHRONICA LITERARIA

Jayme de BARROS — Para o ESTADO DE MINAS

"RAIZES DO BRASIL." — Sergio Buarque de Hollanda — Livraria José Olympio — Editora — Rio — 193.

Um dos aspectos mais confortadores da vida intellectual no Brasil de hoje é o accesso procura obstinada da verdade em todos os problemas que nos assaltam e asphyxiam.

Ver com os proprios olhos é uma das caracteristicas dos escriptores novos, que pesquisam, indagam, analysam, empenhados em trazer á luz todo esse material, virgem e bruto, a que se refere o sr. Gilberto Freyre, no prefacio de "Raizes do Brasil".

Não foi outra, nesse livro, que inaugura a Collecção "Documentos Brasileiros" a preoccupação do sr. Sergio Buarque de Hollanda, que nos deu um dos trabalhos melhor construidos e meditados de interpretação do nosso passado.

E' fóra de duvida que estamos deante de uma obra notavel sobre as nossas origens.

Desvenda-se, esclarece-se, em suas paginas, uma grande parte do mysterio da nossa confusa e tumultuaria existencia.

O sr. Sergio Buarque de Hollanda comprehendeu que a historia do grupo social brasileiro começa em Portugal, e na Hespanha, muito antes do descobrimento. Por isso, não iniciou o seu inventario pelos frutos, nas folhas, nos galhos, nem mesmo pelo tronco ou pelo sólo: desceu ás raizes, antes da transplantação.

O seu livro é um roteiro intellectual para a verdadeira descoberta do Brasil

Começa, pois, sob os melhores auspicios, a collecção com que o editor José Olympio abre aos sociologos campo identico ao que offereceu aos romancistas novos, que afinal integraram na nossa literatura o meio physico e social em que vivemos.

O autor de "Raizes do Brasil" não emprosta demasiada importancia á influencia do meio, sem duvida poderosa.

Logo na primeira pagina do livro encontramos a seguinte advertencia: "Podemos construir obras excellentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar até á perfeição o typo de cultura que representamos; o certo é que todo fructo de nosso trabalho ou de nossa preguiça participa fatalmente de um estylo ou de um systema de evolução naturaes a outro clima e a outra paysagem".

Affirma-se, ahi, a supremacia da lei da hereditariedade no formação do nosso agrupamento social, sujeito embora ás surprezas de todas as transformações e ao milagre dos aperfeiçoamentos.

Não é outro o ponto de partida da obra pessimista da Capistrano de Abreu e do sombrio "Retrato do Brasil", de Paulo Prado.

Tal conceito, para não ser demasiado audaz em suas previsões, deveria admittir a eliminação lenta, mas constante de todos esses pesados e entorpecentes residuos da nossa formação.

Entretanto, só na apparencia elle contraria a esse outro, de Oliveira Vianna, enunciado na "Evolução do Povo Brasileiro": "Nenhum erro maior do que o daquelles que, partindo de uma supposta identidade entre nós e outros grandes povos civilizados (porque temos a mesma civilização) julgam-se dispensados de estudar o nosso grupo nacional em suas peculiaridades".

E', precisamente, para estudar essas "peculiaridades" que o sr. Sergio Buarque de Hollanda desce ás dos povos que mais intimamente influiram na formação do Brasil.

Assim, assignala a posição singular de Portugal e da Hespanha no continente europeu e as caracteristicas psychologicas desses dois povos aventureiros e individualistas, a vida de um e de outro se processa e se funde ao calor das paixões, alimentase do sonho da descoberta de novos mundos e de ansia de riquezas faceis.

A consequencia são os frouxos élos de organização, de associação, de perseverança, de disciplina.

Cada homem cuida trazer comsigo a chave do seu destino.

Só a idéa, o sentimento, a paixão conseguem unil-os, para desaggregal-os em seguida: "A falta de cohesão em nossa vida social — escreve o sr. Sergio Buarque de Hollanda — não representa, assim, um phenomeno moderno".

Sobra-lhe razão quando conclue, logo após, que é um erro pensar que poderemos fugir á nossa desordem regressando á tradição.

Poderia, porém, accrescentar avançando uma solução — faltam sempre as soluções no seu livro, de pura exposição e de minudente analyse — que todo o nosso esforço deve convergir para auxiliar e precipitar, se possivel, a eliminação dos males que herdamos.

E' o que temos feito. O Brasil de hoje não é mais o que sahiu do Brasil de Capistrano e de Paulo Prado.

Convém não levar a investigação do passado ao extremo de lhe dar tal vida e tamanha força que acabe se impondo mais do que o presente. E' tão absurdo antecipar para hoje o dia de amanhã como voltar ao passado. A meu vêr, um dos mais graves erros dos investigadores do valor do sr. Sergio Buarque de Hollanda é levar ao extremo a velha formula: "O melhor meio de prever o futuro é olhar para o passado".

Na realidade, os agrupamentos humanos estão sujeitos a modificações constantes, em que intervêm factores novos e imprevistos. Se considerarmos o caso particular do Brasil, observaremos exactamente isto. Não fosse assim e, com os dados recolhidos sobre sua formação, seria difficil explicar a nossa evolução e até a nossa sobrevivencia como Nação, em tão vasto territorio. Afinal, se tal succedeu, apesar de tudo, é porque uma força poderosa assegura o nosso desenvolvimento.

Nem seria admissivel que, na concurrencia de tantos factores diversos, internos, predominassem apenas alguns externos, já bastante diluidos no curso dos seculos.

Embora os portuguezes marquem o fundo da alma nacional, esta dia a dia se modifica, sob influencias multiformes.

Resta saber se esses factores internos, longe de neutralizarem a nocividade dos externos, a aggravam.

Sem duvida, a principio, assim foi. Mas, pouco a pouco, o quadro vae mudando, á proporção que adquirimos uma physionomia propria, á medida que se diluem e se apagam os traços dos nossos antepassados de além-mar.

O "organismo amorpho e invertebrado", de que fala o sr. Sergio Buarque de Hollanda, adquire contornos nitidos, orgão de funccionamento precario, mas proprios, articula-se, apruma-se, move-se.

Houve um Brasil Colonia, um Brasil Imperio e existe hoje um Brasil republicano — federativo, com suas massas humanas a crescerem, sempre em marcha, procurando attingir ao estagio superior de uma civilização a cujo convivio chagamos tarde.

O nosso caso é de adaptação a um mundo para cuja evolução não concorremos, que representa uma phase natural da nossa vida.

A necessidade de colher todos os beneficios e de soffrer todos os onus dessa ordem de coisas nos impoz um artificialismo inevitavel. Lembra-se o sr. Sergio Buarque de Hollanda que todos os movimentos da nossa historia — a Independencia, a Abolição, a Republica — se fizeram de cima para baixo. Isto significa que não constituiram uma evolução, não se processaram por força de imperativos organicos da vida nacional.

Mas que mal houve em semelhante facto?

O autor de "Raizes do Brasil" parece insinuar apenas o erro economico da Abolição da escravatura, processada sem um preparo seguro.

Ora, problemas dessa ordem nunca foram resolvidos racionalmente. Nos Estados Unidos a libertação dos escravos custou uma guerra, que nem por isso impediu o seu crescimento harmonico.

São dos mais interessantes, no livro do sr. Sergio Buarque de Hollanda, que encerra, em poucas paginas, material immenso e preciosissimo, os parallelos entre os processos de colonisação dos portuguezes, dos hollandezes e dos hespanhóes.

Mostra que nada lucrariamos com o dominio definitivo dos hollandezes e assignala as divergencias dos methodos dos colonizadores portuguezes e hespanhóes, aquelles presos á faixa littoranea, estes penetrando para o interior e desbravando desde logo o sertão.

Não lhe escapou tão pouco o caracter de pilhagem de que se revestiu por historiadores e sociologos. E' evidente que os portuguezes, ao contrario dos hespanhóes, que desde os primeiros tempos procuraram edificar sobre as terras do Novo Mundo uma nova civilização, transformaram o Brasil em simples campo de exploração de riquezas. Os seus actos, a legislação ao donativos, dos governadores geraes e do Reino, até 1822, o demonstram.

"Raizes do Brasil" abre largos horizontes ao debate de assumptos de uma importancia decisiva para o conhecimento da nossa psychologia social, nos seus traços mais caracteristicos. E' um livro que figura ao lado daquelles que penetraram no nosso passado e melhor illuminaram os desvãos obscuros da historia da formação nacional.

61

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 178
TEL. 43-5422 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10°
TEL. 2-1740 - S. PAULO

Diario da Tarde
FLORIANOPOLIS
Sta. Catharina
22 JAN. 1937

É O JURO
QUE A
CAIXA ECONOMICA
PAGA AOS SEUS
DEPOSITANTES EM C/C ATÉ
20:000$000
DEPOSITOS
DESDE

"Raizes do Brasil" -- Sergio Buarque de Hollanda -- Editora José Olympio

10$

Acaba de apparecer o livro n' 1 da colleção: «Documentos Brasileiros», Creada pela Livraria José Olympio Editora, sob a direcção de Gilberto Freyrs, o sociologo que todo o Brasil conhece e admira. Esse livro é da autoria do conhecido escriptor paulista Sergio Buarque de Hollanda, tendo o titulo de «Raizes do Brasil». Trata-se de um estudo muito serio das nossas origens, dos aspectos mais significativos da nossa formação, e da interpretação desses factos de origem e os seus effeitos em nossa actualidade. Poucos conseguiriam dar a esse trabalho a amplitude, a profundidade e o brilho que soube lhe dar o autor de: «Raizes do Brasil». Realmente poucos possuam como o jovem escriptor capacidade tão lucida de ensaista, servida por uma solida cultura, o que lhe faculta a interpretação logica dos motivos que estuda. Assim vemos nesse livro que acaba de apparecer um panorama do Brasil, desde os factos de seu descobrimento, colonização, influencias monologicas, factores economicos, factores politicos, actuando todos dentro dos seus circulos, para o conjuncto geral, para dar o aspecto que hoje tem a nossa nacionalidade, muitas vezes desconcertantes. para os que não teem o justo conhecimento das suas causas.

No livro de Sergio Buarque de Hollanda não ha affirmação que não esteja firmemente documentada. O autor não divaga, não arrisca conclusões. Regista o facto, exhibe e documento e conclue com segurança, com logica, com clareza. Isso feito com methodo, com precisão, dá ao seu trabalho uma autoridade que não pode ser discutida.

E' assim, uma grande realização da nossa cultura o livro: «Raizes do Brasil».

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 176
TEL. 43-5422 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-1740 - S. PAULO

A OFFENSIVA

Rio de Janeiro

3 de Fevereiro 1937

62

Raizes do Brasil

(165)

ALBERTO B. COTRIM NETTO

Os máos livros sempre foram vehiculos de perniciosas propagandas. No emtanto, pêores que os máos livros o são aquelles que surgem estrepitosamente, sob a capa de "preciosidade", embandeirados em arco de prefacios laudatorios e publicidade bem urdida.

Esse é o caso de um trabalho que o sr. Sergio Buarque de Hollanda acaba de dar á lume, prefaciado pelo autor de "Casa Grande & Senzala", e ao qual a critica "camarada" recebeu em festas.

E' de pasmar, porém, aos que se detenham na sua leitura, a vacuidade das theses que o autor desenvolve, quasi sempre com o objectivo de contrariar conclusões ha muito estabelecidas e que trazem a chancella dos nossos grandes sociologos, principalmente de Oliveira Vianna.

Não podemos explicar a razão por que o sr. Buarque de Hollanda gosta tanto de contestar Oliveira Vianna e de falar na indole anarchica, individualista e irreligiosa do nosso povo...

Que o estreante literato queira negar a influencia de Aristoteles na philosophia thomista; que negue a grandeza da Idade Media; que affirme, contra todo o senso de observação, que as grandes épocas não foram tradicionalistas, está certo, porque a constituição permitte a liberdade de proferir ou de escrever sandices.

Onde, no entretanto, não podemos permittir que o sr. Hollanda se manifeste impunemente contra a verdade historica é quando elle diz que "os nossos gremios e corporações coloniaes nunca passaram de organizações incipientes e mais ou menos ephemeras, "foram um artificio", ou contra a doutrina do Estado Totalitario (na qual elle intenta envolver o Integralismo) ao proclamar o professor Carl Schmitt, da Universidade de Berlim seu theorizador.

Para que o autor de "Raizes do Brasil" não continue ignorando lamentavelmente a existencia de corporações no periodo de nossa formação historica aconselhamos apenas a leitura instructiva e agradavel de Affonso De Taunay, de Capistrano de Abreu, ou de Rocha Pombo, já que talvez lhe não seja interessante (o que se infere da leitura do livro em referencia) a pesquiza das fontes dos archivos.

Agora, para que o sr. Buarque de Hollanda não venha empregar com tanta facilidade a expressão "theorizador do Estado Totalitario" aconselhamos-lhe a leitura facil do livro recente de Tichtemberger — "L'Allemagne Nouvelle", onde encontrará referencias aos "theorizadores" do Estado Totalitario a que elle se referiu, o Nacional-Socialista.

Outro ponto para o qual desejo chamar a attenção do escriptor de "Raizes" é o das alfinetadas que elle com tanta falta de opportunidade, forçando a orientação do seu estudo, pretende dar no Integralismo.

Como já assignalamos acima, o sr. Buarque de Hollanda parece não ter grandes inclinações para o estudo do Direito Publico, pois senão, além dos erros que assignalei, não teria tão lamentavelmente confundido Integralismo com Fascismo, assumpto cuja tecla o Chefe Nacional, Barroso, Reale, e tantos e tantos camisas-verdes têm tocado insistentemente.

Saiba o sr. Hollanda: Estado Fascista não é Estado Integralista; se um e outro são Estados Corporativos, são Estados Fortes, a Corporação Integralista assenta em outras bases; o Integralismo organizará o Brasil differentemente da forma porque o Fascismo organizou a Italia centralizando em Roma a vida administrativa e politica do paiz, ao passo que nós objectivamos descentralizal-a o mais possivel, até aos municipios.

Isto para nós é disco velho, que já nos enfada. Lamentamos ter que indical-o ao sr. Sergio Buarque, que nos parece um moço esforçado.

Chegamos ao fim do livro e, se nos permittirem os leitores desta modesta critica, aconselhamos ao escriptor de "Raizes do Brasil" que estude um pouquinho mais, não o allemão que elle cita com frequencia (é curioso estudar as "raizes do Brasil" nos escriptores alle mães...) mas, a par do vernaculo, sociologia, muita sociologia de verdade.

Aproveito tambem a opportunidade para, em nome de um milhão de "fascistas", "dessa variedade brasileira", agradecer ao sr. Sergio de Hollanda, o ter sido tão benevolo para comnosco, tirandonos da lista negra dos "extremistas".

Ser uma "doutrina accomodaticia" sempre é preferivel a ir para a "extrema direita", posição perigosa quando vigora um estado de guerra...

Sergio Buarque de Hollanda — RAIZES DO BRASIL — Liv. José Olympio — Rio

COM este volume é iniciada a collecção denominada *Documentos brasileiros*. A editora informa que será uma série de estudos das nossas origens e da nossa formação social, não só do ponto de vista propriamente historico, mas do etnographico, do folklorico, do anthropologico, do sociologico, etc. Tambem incluirá memorias e biographias de figuras que melhor tenham encarnado as phases mais

Mario

"Tom-Tom"

(Rio)

de

27-2-1937

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 176
TEL. 43-5422 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 16º
TEL. 2-1740 - S. PAULO

A TARDE
BAHIA
13 MAR 1937

1% AO MEZ
E SEM OUTRAS DESPESAS
A CAIXA ECONOMICA
EMPRESTA SOB PENHOR
DE JOIAS

64

Meu Film...

"RAIZES DO BRASIL"

Ha muito que se nota que a preocupação lirica da literatura de novelas e sonetilhos está cedendo o logar a cerebros bem organisados de estudiosos. A Historia do Brasil emancipa-se, dia a dia, dos compendios de quasi analfabetos, copiadores de efemerides.

Da geração nova de pensadores, brasileiros, resaltam as figuras de etnografos de Arthur Ramos e Gilberto Freyre.

Aquele, de formação espiritual bahiana, apaixonou-se pela obra do preclaro mestre Nino Rodrigues e a vem continuando, ampliando-se á luz da ciencia, que evoluiu. O seu ultimo livro, "O Negro Brasileiro" é notavel de erudição, de estudos profundos sociaes e religiosos dos africanos importados, e cujos maiores continuam representados pelos seus descendentes, nos paes de santo, nos candomblés, um pouco diferente o ritual, mas com os mesmos idolos de Oxum, de Oxumaré, com a mesma cerimonia cabalistica do culto da Mãe d'Agua. Depois de uma longa observação e registo dos terreiros da Bahia, Artur Ramos foi completa-los no Rio com uma pertinacia de cientista curioso da verdade até nos pormenores, comparando o que aprendêra e fixará com as revelações dos escritores do genero, relativamente ao colono da Costa d'Africa em Cuba, em São Domingos, em Haity e outros nucleos humanos, no povoamento do continente.

Não é menos profundo o trabalho a respeito do brilhante pernambucano, Gilberto Freyre. Deve-se-lhe o primeiro Congresso Afro-Brasileiro, no Recife, a que se seguiu ultimamente o da cidade do Salvador, com documentação notavel e orientação filosofica aprofundada, para o conhecimento, mais perfeito possivel, das origens da nossa nacionalidade. infelizmente, os nossos governos sem programa ou com o unico programa da oligarquia dos seus titulares não prestigiaram, não ampararam esse movimento coordenador da familia nacional na sua verdadeira genesis. O Congresso da Bahia não teve a repercussão, que impunha. Não foram recebidos hospitaleiramente os seus membros e nem siquer se franqueou a tipografia oficial, ás respetivas monografias, mais brilhantes e oportunas.

O pensador não repousa, apezar disso. A benemerita livraria editora José Olimpio iniciou, agora, a "coleção de documentos brasileiros" sob a direção de Gilberto Freyre, já consagrado mestre de sociologia e etnografia. O primeiro livro desses estudos, de Sergio Buarque de Hollanda, é RAIZES DO BRASIL, de que acabo de receber um exemplar da gentileza da Editora Bahiana. E' o indice de uma mentalidade superior, em quem o pensamento alto e o senso cientifico da realidade preponderam. Não é historia romantizada, nuga sonora de fantazia, mas austera lição, projeção luminosa de catedra.

K.

65

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES. 178
TEL 43-5422 - RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI - 10º
TEL. 2-174

O NORDESTE
FORTALEZA
Ceará
19 ABR. 1937

LIVROS NOVOS

"RAIZES DO BRASIL — *Sergio Buarque de Hollanda.* Liv. José Olimpio ,editora — Rio — 1936

A Livraria José Olimpio iniciou a sua "collecção de documentos brasileiros", dirigida por Gilberto Freire, com o estudo do sr. Sergio Buarque de Hollanda, sobre as "Raizes do Brasil".

Nesse livro, em que, realmente, ha observação embora algum exagero nalguns pontos ou certa unilateralidade em outros, encontramos um bem elaborado estudo da sociedade brasileira em varios dos seus aspectos. As apreciações a proposito da formação religiosa da nossa gente é digna de attenção pois explica a nossa aversão ao ritualismo, conjugada, embora de forma imperfeita, a um sentimento religioso verdadeiramente profundo e consciente. Por isso, "a pouca devoção de brasileiros e ate' de brasileiras é coisa que se impõe aos olhos de todos os viajantes estrangeiros, desde os tempos do padre Fernão Cardim, que dizia das pernambucanas quinhentistas serem ellas muito senhoras e não muito devotas, nem frequentam as missas, pregações, confissões, etc". Saint Hilaire, que visitou a cidade de São Paulo pela semana santa de 1822, conta-nos como lhe doia a pouca attenção dos fieis durante as solennidades religiosas. Ninguem se compenetra do espirito das festas, observa o naturalista francês. Os homens mais distinctos nellas tomam parte pele força do habito e o povo como em um grande divertimento. As ruas viviam cheias de povo, que corria de igreja em igreja, mas apenas para vêlas, sem a menor devoção". No Rio de Janeiro notava Freycinet que as mulheres iam a igreja vestidas com maior elegancia que modestia, quasi como fariam para o baile ou para a opera, "o que tornava crivel o partido que as intrigas de amor, ao que dizem, tiram dessa reuniões".

Aos estudiosos das coisas do Brasil e capazes de distinguir as criticas verdadeiras das impressões pessoaes este livro é digno de folheado e apreciado.

O Oeste Paulista
SANTO ANASTACIO,
11 DE JULHO DE 1937

Estado
das c
ros
em
a Ca
gar
epó
Depósitos de 5$0

Livros

Da "Editora José Olimpio" acabamos de receber dois interessantes volumes: "Raizes do Brasil", de Sergio Buarque de Holanda, e "Histórias da Amazônia", de Peregrino Junior.

O livro de Sergio Buarque de Holanda é o primeiro da coleção "Documentos Brasileiros" creada por aquela editora, e dirigida pelo sociólogo Gilberto Freyre. No volúme em apreço o brilhante ensaista estuda a nossa evolução, desde os fenômenos caracteristicos do descobrimento e colonização até o momento atual condús nêsse Inferno Verde, onde um espírito menos ágil cairia no torvelinho do cenário imenso e asfixiante.

A "Editora José Olimpio" soube dár a êstes dois volúmes aquele apuro gráfico que é caracteristico ás obras por si editadas.

"O Oéste Paulista"
(Santo Anastácio)
de 11-7-1937

61

Raizes do Brasil

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 178
TEL. 43-8422 — RIO
SUCCURSAL
EDIFICIO MARTINELLI — 10º
TEL. 2-1740 — S. PAULO

Folha de Minas
BELLO HORIZONTE
Minas Geraes
14 MAIO 1937

POVOAMENTO DO BRASIL

Octaviano DOMINGUES — Esp. para FOLHA DE MINAS

No seu livro *"Raizes do Brasil"*, o sr. Sergio Buarque de Hollanda diz uma coisa acertada. São as primeiras linhas do segundo capitulo: "Trabalho e aventura".

"Pioneiros da conquista do tropico para a civilização, tiveram os portuguezes, nessa proeza, a sua maior missão historica" (pag. 19).

E o decorrer do capitulo, aborda a questão da "plasticidade social dos portuguezes", e "como se adaptavam ao ambiente" por via de sua mestiçagem, já na metropole, e a seguir, intensamente, na colonia.

Em suas palavras finaes ha uma affirmação clara, a esse respeito: "Além dessa vantagem inestimavel, tinham os portuguezes por si a ausencia já alludida de qualquer orgulho de raça, e, em consequencia disso, *a mestiçagem, que foi, sem duvida, um notavel elemento de fixação ao solo tropical,* não representou, entre elles um phenomeno esporadico, mas antes um processo normal. Graças a esse processo, em grande parte, puderam, sem esforço sobrehumano, construir uma nova patria, longe da sua" (pag. 39).

Na verdade, assim é. O povoamento do Brasil só poderia ser operado por uma raça typicamente mesclada, como a de Portugal. Aos portuguezes não era estranho o mestiçamento. Mesmo o mestiçamento mais raro, aquelle entre o branco e o negro.

A formação do mestiço, seja entre o elemento europeu e o afro — seja entre aquelle e o amerindio, — foi que permittiu, ou para não ser exaggerado, foi que facilititou o apparecimento de um novo typo humano, mais proprio para viver na zona tropical.

O sr. Buarque de Hollanda não disse, entretanto, por que razão tal plasticidade do mestiço é que facilitou essa "construcção de uma nova patria", por via de uma acclimação facil. Não disse, e é possivel uma interpretação inexacta, a respeito dessa maleabilidade do mestiço, maleabilidade que tem tomado, em certos escriptores, um sentido falso.

Pensar que entre um branco puro (no sentido relativo) e um mestiço ha differenças ethnicas, que possam ser resaltadas ou summariadas numa ausencia ou presença de maleabilidade — é ignorar por inteiro o phenomeno bio-genetico que se passa.

Demais que maleabilidade é essa? Maior facilidade em mudar de clima? Possibilidade de viver, tanto num clima temperado, como num clima quente?

Aqui é que está o equivoco. Pelo facto do animal ser oriundo de dois plasmas germinaes differentes, isso não quer dizer que elle fatalmente apresente essa maleabilidade de adaptação, esse conformismo ao meio tellurico, essa variação, individual, nas suas relações com o ambiente.

O mestiço-individuo não é o maleavel. A maleabilidade está nas gerações mestiçadas, que surgem; na população de mestiços, em conjunto considerados é que se verifica essa grande variabilidade de formas, entre as quaes ha umas tantas, que se adaptam bem ao novo meio tropical.

Nas raças mais puras essa variabilidade é mais difficil, e quando se verifica, sua amplitude é reduzida, de pequena oscillação. Dahi a apparencia de rigidez da raça, a falta daquella maleabilidade de que se fala. E' como se, num caso, uma fabrica fizesse roupas para pessoas de todos os tamanhos, e no outro, só o fizesse para alturas compreendidas entre 1,30 e 1,50. O espectador veria grande "maleabilidade" no primeiro caso, e nenhum, neste.

Mas, por que as gerações mestiçadas são maleaveis? Porque são constituidas de uma verdadeira gama de individuos, nos quaes se uniram em proporções differentes, as heranças das fontes ethnicas de onde descendem. Cada grupo de individuos mestiços apresenta formulas hereditarias differentes.

No caso de raças mais puras, nas quaes não ha um mestiçamento recente e intenso, as heranças biologicas a serem distribuidas entre elles são mais ou menos semelhantes. Dahi a uniformidade da população.

As populaçoes mestiçadas não apresentam, por isso, nenhuma uniformidade. São constituidas de individuos onde ha uma dissemelhança flagrante. Defeito, isso? Não, para o caso do povoamento de uma nova região, de clima differente. Um novo meio só pode ser povoado por novas formas de vida — isso é axioma em biologia. Por isso, para manutenção de certas caracteristicas raciaes, de determinada população, torna-se necessaria a collaboração indispensavel do meio. Modificando-se, este, novas formas devem povoal-o.

A explicação da maleabilidade apresentada pelos povoadores do Brasil, e por seus descendentes, mais ainda, — só pode ser encontrada examinando-se a questão sob o prisma bio-ethnologico. Trata-se de uma questão de biologia genetica. E' quando o sociologo tem de se soccorrer da biologia. Assim, Augusto Comte continúa com a razão: a sociologia só pode ser bem feita quando ajudada pelos elementos de fonte biologica.

O povoamento do Brasil só poderá ser explicado, pois, ou pelo anthropologo, ou pelo ethnologista, ou ainda pelo sociologo armado, este, da biologia genetica. Fóra disso ficaremos no dominio das affirmações.

Mas estas, mercê de Deus, vêm sendo agora justas e acertadas; perderam aquella sombra de insegurança, que se nota em todas as creações geradas fóra da realidade.

E é digna dos melhores elogios a intuição dos novos sociologos brasileiros ao compreenderem, emfim, que, em face do nosso mestiçamento — real, indiscutivel — só ha uma attitude intelligente: estudal-o. E' estudal-o com sympathia, ou pelo menos com imparcialidade. Nunca com o espirito preconcebido pela idéa de que misturar raças é estabelecer uma fonte de degeneração ethnica. Falta a essa idéa, desde cedo assimilada pela nossa intellectualidade, certo fundamento scientifico que seja, pelo menos, conforme e adequado aos proprios elementos do problema, posto em equação.

Os defeitos, que, por ventura, apresenta o nosso povo, não serão em maioria num balanço que se fizer com as nossas qualidades, convindo lembrar que, graças a estas, foi que transplantamos ou creamos uma civilização em pleno dominio tropical. E só este facto bastaria, por certo, para que fossem relevados aquelles defeitos, num julgamento imparcial do que somos e do que podemos valer.

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
A. BUENOS AIRES, 176
TEL. 43-3422

Diario da Tarde
RECIFE
Pernambuco
12 NOV. 1937

CONVERSA SOBRE "RAIZES DO BRASIL"

(Para o DIARIO DA MANHÃ)

Luiz Pandolfi

AO observador menos attento, não pode passar desapercebido, o interesse que hoje ja se toma aqui no Brasil, pelos ensaios litterarios ou politicos, pelas pesquizas sociologicas, pelas interpretações historicas. E o que é importante observar é que tudo isso começa a ser feito, sem nenhum pedantismo, sem essa linguagem intrincada, tão ao gosto dos medalhões, dos eruditos, dos techinicos. Hoje os nossos melhores escriptores escrevem de uma maneira facil, despretenciosa.

E' o que sucede com "Raizes do Brasil" de Sergio Buarque de Hollanda. E' um livro que mesmo sem nenhuma poesia, secco até, se lê com prazer porque Sergio Buarque escreveu tudo com simplicidade, sem nenhuma rigidez. Não tomou ar serio para dizer o que queria. Quasi que não quis sober de nomes, de datas, de estatisticas; e mais de que tudo isso soube dar interesse humano ao seu livro, cousa tão difficil de se encontrar antigamente em livro que tratasse de historia do Brasli.

"Raizes do Brasil", como o nome tão bem suggere, procura mostrar as origens e formação do Brasil; todo o seu fundamento historico. Porem esse livro, não é só um trabalho de puras pesquizas historicas, sociologicas e até antropologicas. Não. Sergio Buarque botou no seu livro muitos de seus raciocinios, muitas de suas observações pessôais.

Dahi, vez ou outra podermos discordar plenamente de suas apreciações.

Procurando os elementos mais expressivos de nossa formação, Sergio Buarque, tudo expôz numa analise agil e mostrando um grande senso de introspecção social.

Começa Sergio Buarque, mostrando que o Brasil constitui um dos raros exemplos em que a transplantação de uma cultura européa, a portugueza, realizou-se de uma maneira admiravel.

Hoje em dia, pelos fortes estudos que ja fizeram em torno de nossa formação social, os de Gilberto Freyre por exemplo, ninguem pode negar a grandiosa capacidade colonizadora do portuguez. E Gilberto Freyre em "Casa Grande e Senzala" é quem diz "o certo é que os portuguezes triunpharam onde outros europeus falharam".

Admiravel conhecedor de nossa formação Sergio Buarque apresenta suas melhores paginas nos dois capitulos "O passado agrario", em que mostra o predominio da vida rural, sobre a vida urbana, até quasi o fim do Imperio. Como elle diz "toda a estrutura de nossa sociedade teve sua base fora das cidades".

A sociedade colonial do Brasil, se desenvolveu toda ella, no interior, nas regiões agricolas, nos engenhos, nas casas grandes e sensalas. Havia um grande amor pela vida rural e nenhuma affeição ás cidades. Nos dominios rurais é que vamos encontrar o que ha de mais significativo em nossa formação.

Não escapou a arguta observação de Sergio Buarque de Hollanda, uns traços psicologicos propios do brasileiro. E' quando diz " é frequente entre os brasileiros que se presumem intellectuais a facillidade com que se alimentam ao mesmo tempo de doutrinas dos mais variados matizes com que sustam as convicções mais disparem". E' bem certo isto. Qualquer um de nós pode reparar que geralmente o brasileiro é de uma estrondosa anarquia intellectual. Admitte ao mesmo tempo, idéas as mais oppostas, sistemas filosophicos ou drotinas que se chocam. Parece que não sente os limites que separam tal doutrina de uma outra.

Erra redondamente, o autor de "Raizes do Brasil" quando diz no capitulo o "homem cordial" não existe entre o circulo familliar e o Estado uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma opposição.

Para não tornar esta conversa muito longa deixo de apresentar os argumentos contrarios.

Tristão de Athayde nos falla muito bem desse assumpto no seu livro "Politica", apresentando argumentos seguros contra tal erro.

Ha tambem exagero, do sr. Sergio Buarque, quando diz que no Brasil, durante a fase colonial, exceptuando os jesuitas, houve falta de bons clerigos.

Apesar desses cochilos, Sergio Buarque de Hollanda escreveu um agradavel e bom livro sobre a nossa formação social, sobre as raizes do Brasil.

turais ou ainda por motivos difíceis de compreender: por exemplo, para impedir a exportação de caracóis, como no presente caso!

Poder-se-ia pensar que, na qualidade de representantes dos interêsses dos consumidores, as cooperativas deviam ser favoráveis a tais medidas, mas não esqueçamos que elas, muitas vezes, provocam interdições recíprocas. Se, portanto, decretadas em França, podem, por vezes, servir os interêsses dos consumidores nacionais — em detrimento dos consumidores estrangeiros — a situação pode inverter-se se é o estrangeiro que impede a exportação.

Por outro lado, se êste proteccionismo às avessas é inofensivo quando se trata de caracóis, deixa de o ser uma vez aplicado a matérias primas. É entrar, como já disse, num caminho perigoso sob o ponto de vista da paz futura, quando um Estado pretende reservar-se o monopólio da terra que ocupa e das respectivas riquezas naturais, para excluir os outros.

Eis porque alguns cooperadores, principalmente Poisson, secretário da Federação francesa das Sociedades de Consumo, e Alberto Thomas, director da Repartição Internacional do Trabaiho, mas também cooperador militante, vão até o ponto de pedir um contrôlo internacional para a distribuïção de matérias primas entre as diversas nações. Tal solução seria bastante aceitável e realizar-se-ia mesmo espontaneamente na hipótese já prevista de um Armazém por Grosso Internacional englobando todo o movimento de trocas entre as diferentes nações. Mas, na sua falta, bastaria uma Repartição supernacional, armada com o direito formidável de requisitar — é preciso ir até aí — as matérias primas do mundo inteiro: carvão, petróleo, ferro, cobre, trigo, algodão, rádio — para distribuí-las segundo as necessidades das diversas nações. Ora, não é muito natural que, emquanto houver nações autónomas, elas consintam em entregar tudo o que uma autoridade estrangeira julgue constituir um excedente não indispensável às suas necessidades (1).

Seria necessário, portanto, recorrer a medidas coercitivas — como as tomadas pelo govêrno soviético contra os camponeses russos e que, aliás, tiveram de ser abandonadas por impotentes.

CARLOS GIDE
(Tradução de J. N. S.)

(1) Alberto Thomas limita-se a preconizar «uma distribuïção mais equitativa das matérias primas e a instituïção dum rigoroso contrôlo dos monopólios e dos *trusts*. (*Relatório do Congresso de Basileia de 1921*). Mas Poisson é mais preciso: «A Repartição Internacional conheceria os recursos do mundo, o Comité Internacional distribuí-los-ia por todos os países segundo as respectivas necessidades.» (*Boletim Cooperativo Internacional*, Março, 1922).

◆ ◆ ◆ ◆ ◆

LIVROS E PERIÓDICOS

Raizes do Brasil de SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA.

Êste óptimo trabalho é a sinfonia de abertura da Colecção *Documentos Brasileiros*, dirigida pelo autor da *Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mucambos*, *Nordeste*, o infatigável trabalhador Gilberto Freire.

«Os organizadores dêste documentário, escreve com justificada complacência o director da Colecção, foram felizes podendo fazer do trabalho de Sérgio Buarque de Holanda o seu volume n.º 1. O escritor paulista é uma daquelas inteligências brasileiras em que melhor se exprime não só o desejo como a capacidade de analisar e o gôsto de interpretar, a alegria intelectual de esclarecer. Quando apareceu, há dez ou doze anos, ao lado de Prudente de Morais, neto (Pedro Dantas) — talvez a vocação mais pura de crítico que surgiu entre nós — foi logo revelando as qualidades e o gôsto, que agora se afirmam vitoriosamente.»

Depois de apresentar o autor do presente trabalho, Gilberto Freire anuncia alguns números da Colecção, que o editor, José Olímpio, já tem na mão: memórias de um diplomata e de um senhor de engenho, de Oliveira Lima e de Júlio Belo, que «documentam uma fase e iluminam um aspecto característico da formação nacional»; livros de viagens, autobiografias, «simples livros de assentos», para os que procuram conhecer o passado brasileiro na sua maior intimidade; biografia de Frei Vital, bispo de Olinda, «que enfrentou, com tanto ardor ortodoxo, as doutrinas regalistas dos estadistas do Império (esta última ainda só prometida ao editor, mas que Luiz Cedro Leão promete não fazer esperar muito)», etc. etc. Ainda se acrescentará a lista com livros de viagens de estrangeiros, como o de Walsh, quási desconhecidos ainda no Brasil e vários cadernos e relatórios simplesmente manuscritos de grande valor e interêsse.

O livro mesmo de Sérgio Buarque de Holanda enche de ufania as «raízes» profundas do Brasil, que são as da velha alma nobre e generosa do nosso Portugal.

«Todo o estudo compreensivo da sociedade brasileira há-de destacar — diz o Autor — o facto verdadeiramente fundamental de constituirmos o esfôrço bem sucedido, e em larga escala, de transplantação da cultura europeia para uma zona de clima tropical e sub-tropical.»

Até nos defeitos, que podem resumir-se no espírito da aventura e do menosprêzo habitual do trabalho, a formação do Brasil nos é demonstrada, neste livro, tìpicamente portuguesa, obra natural e espontânea de portugueses: «Nem o contacto e a mistura com os aborígenes, escreve Buarque de Holanda, fizeram-nos tão diferentes dos nossos avós de além-mar como gostaríamos de sê-lo. No caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda

nos associa à Península Ibérica, e a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir até hoje uma alma comum, a-despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a *forma* actual de nossa cultura; o resto foi matéria plástica, que se sujeitou mal ou bem a essa forma.»

E o Autor analisa a acção e o esfôrço dos portugueses no Brasil, sob a epígrafe «trabalho e aventura»:

«Pioneiros da conquista do trópico para a civilização, tiveram os portugueses, nessa proeza, a sua maior missão histórica»... «a exploração dos trópicos não se fêz por um empreendimento metódico e racionalizado, não emanou de uma vontade construtiva e enérgica: fez-se antes com desleixo e certo abandono.

«Dir-se-ia mesmo que se fêz a-pesar-de seus autores. E o reconhecimento dêsse facto não constitue menoscabo à grandeza do esfôrço português»... «O ideal seria colhêr o fruto sem plantar a árvore. Êsse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a êle em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar êsse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projectos vastos, dos horizontes distantes».

Os colonos portugueses, vistos por Buarque de Holanda, não eram pela «ética do trabalho, adoptaram a «ética da aventura». «Nada lhes parecia mais estúpido e mesquinho do que o ideal de trabalhar.» O espírito de aventura teve «uma influência decisiva na vida nacional do Brasil». «Numa conjunção de factores tão diversos, como as raças que aqui se chocaram, os costumes que nos trouxeram, as condições mesológicas e climatéricas que exigiam longo processo de adaptação, aquêle espírito de aventura foi o elemento orquestrador por excelência. Favoreceu a mobilidade social, estimulou os homens a enfrentarem com denodo as asperezas e as resistências da natureza, criando para êles as condições adequadas a tal emprêsa. E nesse ponto, precisamente, os portngueses e seus descendentes imediatos foram inexcedíveis; procurando recrear aqui o meio da sua origem, fizeram-no com uma destreza que ainda não encontrou segundo na história».

Norton de Matos, reproduzindo no *Primeiro de Janeiro* algumas das exactas e flagrantes notas dêste capítulo das *Raizes do Brasil,* comove-se de ternura e saüdade, comparando-as com as reminiscências de Angola do seu govêrno e experiência: os portugueses não mudaram: os defeitos casam-se ainda, na colonização portuguesa, com as mesmas antigas virtudes. Ainda agora em Angola é o mesmo *não te rales* de romântica e ingénua aventura, a mesma incompreensão de qualquer «moral fundada no culto do trabalho», a mesma «falta de coesão na vida social», a mesma «falta de organização espontânea», mas também o mesmo «sentimento da irracionalidade dos privilégios hereditários», o mesmo «desenvolvimento da personalidade», a mesma «antipatia pelas teorias negadoras do livre-arbítrio».

A parte primeira e maior do livro de Buarque de Holanda trata do Brasil português. Apenas os dois últimos capítulos nos falam do Brasil a frondejar acima das «raízes», do Brasil contemporâneo: do positivismo, do instinto negador, do bacharelismo, do sucesso das oligarquias (num falso liberalismo), do horror à «nossa realidade», assim como, finalmente, dos ensaios mais ou menos nefeibáticos de nacionalização do bolchevismo ou do fascismo: tudo coisas que saíram bastante grotescas no Brasil, por não brotarem das «raízes» e da seiva natural brasílico-portuguesa...

Síntese da História Económica do Brasil
(Curso de férias em Montevideu), por
Afonso Arinos de Melo Franco.

Esta publicação, que nos foi amàvelmente oferecida pela Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, é do Ministério de Educação e Saúde.

Interessantes estas sínteses das várias épocas económicas do Brasil, dominadas sucessivamente pelo pau-brasil, pelo açúcar e tabaco («herva santa»), pelo ouro e o diamante, enfim pelo café.

É óbvio que estas culturas não foram exclusivas em cada época, nem deixaram de ser acompanhadas por outras actividades. A criação de gado, por exemplo, foi de importância transcendente — explica o autor — logo desde o primeiro século da colonização. Mas não deixa de ser característico da exploração portuguesa do Brasil o predomínio de um género peculiar de riqueza para cada época: tivemos primeiro o ciclo do pau-brasil, depois o do açúcar, depois o da mineração, enfim, o do café, que ainda dura e durará, a-pesar-de a introdução da máquina, no século XIX, ter aberto para o Brasil (e para o mundo...) um ciclo novo, que é o industrial.

As sínteses do conferente são um primor de clareza, não só de pensamento, como ainda de linguagem castiçamente portuguesa (o que é raro em livros do Brasil). A história do grande povo nosso irmão, ainda a própria história política, fica mais luminosa para nós com os reflexos que o elemento económico sôbre ela vem projectar.

Os especialistas da Economia folgarão com os dados preciosos, cientificamente (ainda que discretamente) espalhados pelo Autor por estas páginas de vulgarização. E os profanos lerão com avidez e curiosidade satisfeita esclarecimentos de atitudes hoje difíceis de explicar... Por exemplo, as primitivas intransigências dos homens da religião e da moral contra o inocente fumo: é que era afinal, nos índios que nos ensinaram o vício, uma superstição religiosa o fumo da invasora «herva santa» (hoje outra vez em fraco *cheiro de santidade,* mas por motivos mais consistentes e mais bem aferidos pela Ciência Médica).

J. Alves Correia.

OBRAS DO PROF. HENRIQUE DE VILHENA

Ensaios de crítica e de estética	10$00
O Prof. Doutor Francisco Gomes Teixeira. . . .	10$00
O Dr. António dos Santos Rocha (Elogio, Notas, Bibliografia de S. R., notas de bibliografia sôbre Santos Rocha)	10$00
Novos Ensaios	10$00
A Expressão da cólera pela palavra, através de, sumàriamente, bastantes obras-primas e autores literários clássicos (Ensaio de psicologia literária)	6$00
Do bem e do belo.	6$00
Novos ensaios sôbre expressão emocional. . . .	10$00

Pedidos à «Seara Nova»

Travessa da Boa-Hora, 43, 1.º, Lisboa — Tel. 23547

RAÍZES DO BRASIL

por António Amorim

A LIVRARIA José Olímpio Editora, que gostaríamos que servisse de exemplo e modêlo às suas congéneres patrícias, e que nasceu, ao que parece e os factos confirmam, sob os mais ridentes auspícios e fadada, desde logo, a servir de *introdutora diplomática*, na vida literária do país, das figuras mais expressivas da jovem e florescente inteligência brasileira, — como editora acreditada que é de José do Lins Rêgo, Jorge Amado, Lúcio Cardoso, Amando Fontes, José Geraldo Vieira, Plínio Salgado, Menotti del Pichia, Agripino Grieco, Graciliano Ramos, Tristão de Ataíde, Azevedo Amaral, Gastão Cruls, Gustavo Barroso, Gilberto Freire, Afonso Arinos de Melo Franco, Miguel Reale e dezenas de outros —, acaba de lançar a publicação de uma série de estudos, tob a epígrafe deveras sugestiva de *Documentos Brasileiros*, que não é aventura considerar vitoriosa, já pelo nome, por todos os títulos ilustre do eminente sociólogo a que foi confiada a sua direcção, o jovem mas sábio pernambucano, prof. Gilberto Freire, o que é garantia segura e certa de bom êxito; já, também, pelo trabalho inaugural — *Raíses do Brasil*, da autoria de Sérgio Buarque de Holanda, o escritor paulista de quem Gilberto Freire diz «ser uma daquelas inteligências brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analisar, o gôsto de interpretar, a alegria intelectual de esclarecer. Quando apareceu, há dez ou doze anos, ao lado de Prudente de Morais, neto (Pedro Dantas) — talvez a vocação mais pura de crítico que já surgiu entre nós — foi logo revelando as qualidades e o gôsto que agora se afirmam vitoriosamente.»

Mas, antes de dedicarmos alguns comentários, ao livro feliz cujo título nos serve de epígrafe, achamos preferível e conveniente conceder a palavra ao mestre indiscutível e indiscutido de «Casa Grande & Senzala», a obra exaustiva e magnificente que nenhum colonialista português tem o direito de desconhecer, para que êste diga com a sua autoridade e a sua arte, a que vem e o que serão os «*Documentos Brasileiros.*»

«A série que hoje se inicia com o trabalho de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, vem trazer ao movimento intelectual que agita o nosso país, à ânsia de introspecção social que é um dos traços mais vivos da nova inteligência brasileira, uma variedade de material, em grande parte ainda virgem. Desde o inventário à biografia; desde o documento em estado quási bruto à interpretação sociológica em forma de ensaio.»

«O característico mais saliente dos trabalhos a ser publicados nesta colecção será a objectividade. Animando-a, o jovem editor José Olímpio mais uma vez se revela bem da sua geração e do seu tempo. Ao interêsse pela divulgação do novo romance brasileiro êle junta agora o interêsse pela divulgação do documento virgem e do estudo documentado que fixe, interprete ou esclareça aspectos significativos da nossa formação ou da nossa actualidade. Não podia ser mais oportuna nem mais feliz a sua iniciativa.»

«O editor José Olímpio já tem em mãos um grupo de estudos e de inéditos interessantíssimos, que vão aparecer nesta série. Não se trata de uma aventura editorial, mas de uma colecção planejada e organizada com o maior escrúpulo e com todo o vagar, visando corresponder não só às necessidades do estudioso como à curiosidade intelectual de todo o brasileiro culto pelas coisas e pelo passado do seu país.»

«Dois livros de memórias aparecerão breve na colecção: o de Oliveira Lima e o de Júlio Belo. As memórias de um diplomata e as de um senhor de engenho. Cada um dêles documenta uma fase ou ilumina um aspecto característico da formação nacional. Os livros de memórias, as auto-biografias, os diários de viagem, as correspondências particulares, os simples *livros de assentos* teem feito e continuam a fazer uma falta enorme aos que procuram conhecer o passado brasileiro na sua maior intimidade.»

«Também vão aparecer na colecção biografias documentadas, livros de viagens de estrangeiros, alguns quási desconhecidos entre nós, como o de Walsh, por exemplo; velhos cadernos e MSS de relatórios de viagens e expedições científicas; relatórios do valor e do interêsse do de Alexandre Rodrigues Ferreira, que nos deixou flagrantes tão exactos da vida brasileira no século XVIII. A vida de grupos de indígenas no interior. De populações caboclas e mestiças no litoral. Dos pescadores de pirarucú na Amazônia.»

«Outros documentos, MSS e relatórios dignos de publicação amarelecem tristonhamente pelos arquivos, pelas bibliotecas e pelos cartórios dêste vasto Brasil e até de Portugal, da Espanha e da Holanda, à espera do estudioso que lhes dê vida e os junte à história social do brasileiro.»

Tudo isto e muito mais ainda nos promete o admirável sociólogo, graças ao espírito de iniciativa do editor José Olímpio. Mas já é tempo de voltarmos às *Raízes do Brasil*.

Facto que, em primeiro plano, salta à vista de qualquer observador, é a justiça que, em seus estudos, sem discrepâncias de tômo, nos fazem todos os novos historiadores e sociólogos do Brasil, unânimes em assinalar a magnitude do esfôrço que tivemos de dispender neste enorme pedaço da América, e do mesmo passo a doçura do nosso trato para com os arborígenes e os negros, que para aqui trouxemos e com os quais realizamos a mais prodigiosa tarefa de miscigeração que se conhece.

Assim é que Sérgio Buarque de Holanda, nome que recomendamos à simpatia dos portugueses, começa por dizer no seu livro de tanto êxito: «Todo o estudo compreensivo da sociedade brasileira há-de destacar o facto verdadeiramente fundamental de constituirmos o único esfôrço bem sucedido, e em larga escala, de transplantação da cultura europeia para uma zona de clima tropical e sub-tropical. Sôbre território que, povoado com a mesma densidade da Bélgica, chegaria a comportar um número de habitantes igual ao da população actual do globo, vivemos uma experiência sem simile.»

A elegante brochura de cêrca de duzentas páginas (formato 14,5×23.5) em seis capítulos: — *Fronteiras da Europa, Trabalho e Aventura, O Passado Agrário, O Homem Cordial, Novos Tempos e Nossa Revolução.*

No primeiro capítulo estuda e aprecia com lucidez e discernimento o facto de ter o Brasil recebido a cultura europeia através de um dos *territórios-ponte* do continente e as consequências do *fundo* de individualismo que lateja em cada um de nós, da importância que atribuímos ao valor próprio da pessoa humana — à autonomia de cada um dos homens em relação aos seus semelhantes. «Para êles, assinala Buarque de Holanda, o índice do valor homem infere-se, antes de tudo, da extensão em que não precise depender dos demais, em que não necessite de ninguém, em que se baste». (É o caso dos nossos actuais colonos, que não abandonam o ultramar, a despeito das maiores vicissitudes, afrontando a crise e as dificuldades com exemplar e raro estoicismo, enquanto belgas, franceses e outros fogem espavoridos de suas respectivas colónias). «Cada qual é filho de si mesmo, de seu esfôrço próprio, de suas virtudes... — e as virtudes soberanas por essa mentalidade são tão imperativas, que chegam a imprimir o seu sêlo no porte pessoal e até na fisionomia dos homens. Sua manifestação mais completa já tinha sido expressa no estoicismo, a filosofia nacional dos espanhóis desde o tempo de Seneca.»

«Essa concepção espelha-se fielmente em uma palavra bem hispânica — *sobranceria* — palavra que indica inicialmente a idéia de superação. Mas a luta e a emulação que ela implica eram tàcitamente admitidas e admiradas, engrandecidas pelos poetas, recomendadas pelos moralistas e sancionadas pelos governos.»

«É dela que resulta largamento a singular tibieza das fórmas de organização, de tôdas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre êsses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acôrdo colectivo durável, a não ser por uma fôrça exterior respeitável e temida.»

A êsses factos, aliados e conjugados com uma ausência de privilégios e de castas, à falta de hierarquia organizada, à frouxidão da estrutura social e dos preconceitos, porquanto a verdade é que «bem antes de triunfarem no Mundo as chamadas idéias revolucionárias, portugueses e espanhóis parecem ter sentido vivamente a *irracionalidade* específica, a injustiça social dos privilégios, sobretudo dos privilégios hereditários», prevalecendo continuamente — e acima de tudo — nas épocas mais gloriosas das nações ibéricas, o prestígio pessoal, independente do nome herdado; à *inteireza, o ser*, a *gravidade, o têrmo honrado, o proceder seguido*; à circunstância «de jamais se ter naturalizado entre gente hispânica a moderna religião e o culto à actividade utilitária», predominando ainda «a concepção antiga de que o ócio importa mais que o negócio»; à permeabilidade da nossa nobreza, atribue o autor de *Raízes do Brasil* a deficiência entre nosoutros, portugueses e brasileiros, de organização espontânea, tão característica dos povos protestantes; mas em compensacão favoreceram e permitiram, tais factores, o profundo e inegualável sentido humano da colonizacão do Brasil.

No capítulo imediato, abre Sérgio Buarque de Holanda as suas considerações com a seguinte afirmativa: — «Pioneiros da conquista do trópico para a civilização, tiveram os portugueses, nessa proeza, a sua maior missão histórica. E

— *Continua na págna sete* —

Raízes do Brasil

— *Continuação da página seis* —

sem embargo de tudo quanto se possa e se deva alegar contra a sua obra, forçoso é reconhecer que foram não sòmente os portadores efectivos, como os portadores naturais dessa missão.»

E logo adiante, depois de apreciar as determinantes do nosso ímpeto de largada, classificando êsse espírito de aventura como o elemento orquestrador por excelência de factores tão diversos, «como as raças que aqui se chocaram, os costumes que lhes trouxemos, as condições mesológicas e climatéricas que exigiam longo processo de adaptação». Enfim, elemento essencial, que, «favorecendo a mobilidade social, estimulou os homens, além disso, a emfrentarem com denodo as asperezas e as resistências da natureza, criando para êles as condições adequadas a tal emprêsa». E, nesse ponto, precisamente os portugueses e seus descendentes imediatos foram inexcedíveis. Procurando recriar aqui o meio de sua origem, fizeram-no com uma dextreza que ainda não encontrou segundo na história. Onde lhes faltasse o pão de cada dia, aprendiam a comer e a prezar o pão da terra, e com tal requinte, que — afirmava Gabriel Soares — a gente de tratamento só consumia farinha de mandioca fresca, feita no dia. Habituaram-se também a dormir em rêdes, algumas vezes ao ar livre, como os índios. Outros, como Vasco Coutinho, o donatário do Espírito Santo, iam ao ponto de beber e mascar fumo, segundo nos referem os cronistas do tempo. Dos índios tomaram ainda muitos de seus instrumentos de caça e pesca, as leves embarcações que singravam os rios e as águas do litoral, o modo de cultivar a terra e os sistemas de defesa rudimentar, em volta dos grupos de habitações. A casa peninsular severa e sombria, voltada para dentro, ficou menos bisonha sob o novo clima, perdeu muito de sua aspereza, ganhando a varanda externa, — um acesso para o mundo de fora.»

E para terminarmos esta despretenciosa notícia sôbre «Raízes do Brasil», — livro que daqui recomendamos aos portugueses estudiosos —, só mais uma transcrição, e esta acêrca dos holandeses, agora que tanto se fala de Nassau: — «Não há dúvida, porém, que o espírito animador dos holandeses na sua notável emprêsa colonial, só muito dificilmente transpunha os muros das cidades e não podia implantar-se na vida rural do nosso nordeste, sem desnaturá-la e perverter-se. Assim, a Nova Holanda exibia dois mundos distintos, duas zonas artificiosamente agregadas. O esfôrço dos conquistadores batavos limitou-se a erigir uma grandeza de fachada, que só aos incautos podia mascarar a verdadeira, a dura realidade económica em que se debatiam.» Seu generoso empenho de fazer do Brasil uma extensão tropical da pátria europeia sucumbiu desastrosamente, ante a inaptidão que mostraram para fundar a prosperidade da terra nas bases que lhe seriam naturais.»

Muito mais poderíamos dizer sôbre tão substancioso estudo. O que dissemos, porém, nos parece suficiente como singela notícia. Possam os nossos leitores apreciá-lo como merece.

"Raizes do Brasil"

LIMEIRA TEJO

Muito tempo se acreditou no Brasil que a historia fosse um ramo da apologetica. O que deveria interessar aos historiadores era o facto em si. E, não sómente isso, mas determinados factos, cuja enumeração désse uma sensação de brilhantismo, de vida gloriosa, de acção extraordinaria. Pura celebração de grandezas e de heróes. Nem poderia ser de outra maneira o comportamento de intellectuaes que pertenciam a gerações cuja existencia decorria no melhor dos mundos da lua, sem nenhum problema do immediato, sem a mais leve sombra das tragedias armadas por difficuldades ostensivas. Nada obrigava essa bôa gente a olhar de frente a vida como a um dragão que fosse preciso combater. A escola era risonha e franca e mesmo as idéas importadas de um mundo cujo pensamento já estava a serviço de uma luta historica, só haveriam de servir entre nós a um ingenuo pedantismo politico, muito mais de poetas do que de homens arrastados á batalha. Tudo se passava na superficie de um manso lago azul. A lama do fundo não vinha á tona e nenhuma circumstancia exigia um mergulho na sujeira. A sociedade estava dividida em dois compartimentos estanques. Não havia confusões, apesar da intensa polygamia das senzalas. E foi quando esse intercurso sexual adquiriu amplitude social que a nossa vida se complicou na luta individualista por um lugar ao sol.

•

A democratização da sociedade brasileira era uma exigencia historica em um pais de formação tão hecterogenea e num mundo já todo liberal. Essas duas forças coincidiram no momento republicano — uma vinda de fóra, outra surgindo do recésso de nossa vida. O papel da Republica teria de ser o de harmonizadora de uma situação que estava na resultante daquella coincidencia. Mas o espirito daquella sociedade de limites tão definidos continuaria existindo por muito tempo como uma influencia poderosa. E sómente com a crescente complexidade que as coisas foram adquirindo, por força da propria transformação do ambiente historico, foi que a vida se impoz a uma consideração menos abstracta e que, no dominio intellectual, traduz-se por esse intenso interesse de investigação das suas causas. Agora é que nos chegou disposição e animo para olhar menos romanticamente o que ficou atraz. Agora é que estamos tendo coragem para olhar o panorama sem vidros côr de rosa. E, o que é mais importante, hoje é que já não nos envergonhamos de nossas origens misturadas, da nossa physionomia de sub-raça. Até pelo contrario, estamos descobrindo nisso tudo que tanta nausea causou aos que nos precederam, a grande opportunidade de edificação social e politica do Brasil. Mergulhamos, porque já não é nem mansa nem azul a superficie do nosso lago. Estamos revolvendo a lama do fundo. E, si a agua, em consequencia, adquiriu uma coloração mais turva, é porque toda media que se tira de varias differenças de niveis só o póde ser em prejuizo do mais alto. Em historia, tambem é assim.

•

Explica-se desse modo, por essa necessidade de encontrar solução para o seu proprio problema social, que a nova geração de historiadores procure fazer historia de verdade e não se limite, como as anteriores, a exaltar feitos e alinhar datas solennes. Não é mais a historia dos dirigentes, a que se está fazendo actualmente. E' a identificação do seu processo, é a articulação dos seus factores de base com a physionomia da superestructura. E' aquella historia apagada do quotidiano que tanto preoccupou Capistrano e que se demonstra nos habitos, no folk-lore, na corrupção da linguagem, nos annuncios de jornal, nos testamentos, nas relações de producção e em toda a velha papelada dos mil e um archivos guardados nas sachristias das igrejas seculares, das bibliothecas abandonadas, dos cartorios e das camaras municipaes. Nella é que vamos encontrar o elemento para destruir toda a falsidade de nossa existencia e que ainda pesa sobre nossos hombros como uma herança funesta.

E parece que estamos correspondendo á importancia da missão. O que já se fez nesse terreno representa um esforço mais do que notavel. Dia a dia surgem novos estudos e todos elles de um grande interesse e de uma maior opportunidade. Agora mesmo acaba de ser lançado um trabalho de Sergio Buarque de Hollanda que é uma critica admiravel da nossa formação, em funcção do nosso comportamento politico e de nossas attitudes sociaes. Não é "Raizes do Brasil", como poderia parecer pelo seu assumpto, um ensaio desses tão ao gosto de escriptores sentimentaes, que tanto podem ser negativistas impenitentes, como "ufanistas" lamentaveis. Seu raciocinio é simples, sem appellos a abstracções, desenvolvendo-se com uma perfeita logica historica. A argumentação remonta ao tronco iberico, estuda as reacções do meio americano á mentalidade do colonizador, descreve a marcha da adaptação desta áquelle, segue-lhe passo a passo a transformação até o arremate na psychologia media do homem brasileiro de hoje. Traça-se no livro um retrato justo do Brasil.

•

Na rapidez de um ensaio de apenas quasi duzentas paginas, o autor realizou um verdadeiro milagre de objectivação e de synthese, sem nenhum prejuizo para o conhecimento pleno da materia e sem incorrer em precipitações muito naturaes a quem se aventura em terreno tão complexo. E' que Sergio Buarque de Hollanda se ateve sempre a um campo historico, sem pedantismos culturaes ou divagações philosophicas. Não expõe nenhuma theoria da formação brasileira. Surprehende seus diversos aspectos, relaciona-os entre si e entre suas causas. Articula as pecas dispersas de um mundo ainda nebuloso. Mesmo quando aborda questões de nossa psychologia collectiva, onde tudo tenta á aventura dos conceitos mais vagos, o autor de "Raizes do Brasil" não abandona a intimidade com a vida. E' despretencioso, claro, photographico. Não se deixa ficar no alto, fazendo reluzir a cupola dourada de um edificio condemnado. Desce aos alicerces, descobre-lhe as falhas, expõe as paredes truncadas. Demonstra os erros de visão dos reformadores imbuidos excessivamente de espirito occidental, preconceituósos e romanticos.

"Raizes do Brasil" é, por todos os motivos, um trabalho digno da época presente. E'poca de franqueza, de sinceridade, de rompimento com todas as fórmas artificiaes da existencia. E' um livro digno dessa geração sacrificada que não se pode permittir mais ao luxo de viver num mundo de imaginação delirante. Uma geração que foi forçada a olhar para baixo e descobrir que tinha pés de pavão.

dade material, em grande parte ainda virgem.

Desde o invento á biographia; desde o documento em estado quasi bruto á interpretação sociologica em forma de anseio.

O caracteristico mais saliente dos trabalhos a ser publicados nesta collecção será a objectividade.

Animando-a, o jovem editor José Olympio mais uma vez se revela bem de sua geração e de seu tempo.

O interesse pela divulgação do novo romance brasileiro elle junta agora o interesse pela divulgação do documento virgem e do estudo documentado que fixe, interprete ou esclareça aspectos significativos da nossa formação ou da nossa actualidade.

Não podia ser mais opportuna nem mais feliz a sua iniciativa.

Quando os organisadores desta collecção foram ainda felizes podendo fazer do trabalho de Sergio Buarque de Hollanda o seu volume numero 1.

O escriptor paulista é uma daquellas intelligencias brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analysar, o gosto de interpretar, a alegria intellectual de esclarecer.

Quando appareceu, ha dez ou doze annos,, ao lado de Prudente de Moraes, neto (Pedro Dantas) — talvez a vocação mais pura de critico que já surgiu entre nós — foi logo revelando as qualidades e o gosto, que agora se affirma victoriosamente.

O editor José Olympio já tem em mãos um grupo de estudos e de ineditos interessantissimos, que vão apparecer nesta serie.

Não se trata de uma aventura editorial, mas de uma collecção planejada e organisada com o maior escrupulo e com todo o vagar, visando corresponder não só ás necessidades do estudioso como á curiosidade intellectual de todo o brasileiro culto pelas coisas e pelo passado de seu paiz.

Dois livros de memorias apparecerão breve na collecção: o de Oliveira Lima e o de Julio Bello.

As memorias de um diplomata e as de um senhor de engenho.

Cada um delles documenta uma phase ou limita um aspecto caracteristico da formação nacional.

Os livros de memorias, as auto-biographias, os diarios de viagem, as correspondencias particulares, os simples "livros de assentos" tem feito e continuam a fazer uma falta enorme aos que procuram conhecer o passado brasileiro na sua maior intimidade.

Já é tempo de se animar a publicação desse genero de documentos.

Tambem vão apparecer na collecção biographias documentadas: uma dellas, a do grande estadista da Regencia que foi Bernardo Pereira de Vasconcellos — trabalho de Octavio Tarquino de Souza.

E pela biographia de Dom Frei Vital, o bispo de Olinda, que enfrentou com tanto ardor orthodoxo as doutrinas regalistas dos estadistas do Imperio, Luiz Cardoso Carneiro Leão promette não fazer esperar muito.

A collecção Documentos Brasileiros se encarregará tambem de divulgar livros de viagens estrangeiros, alguns quasi desconhecidos entre nós.

O de Walsh, por exemplo. E ainda: velhos cadernos e MSS de relatorios de viagens e expedições scientificas.

Relatorios de valor e do interesse do de Alexandre Rodrigues Ferreira, que nos deixou flagrantes tão exactos da vida brasileira no seculo XVIII.

A vida de grupos indigenas no interior. De populações caboclas e mestiças do littoral.

Dos pescadores do pirarucú na Amazonia.

Para a boa organisação de material tão valioso, que será publicado com as suas illustrações mais caracteristicas, o director da serie já solicitou a collaboração intelligente da professora Heloisa Alberto Torres, do Museu Nacional e da Universidade do Districto Federal; e vai solicitar a de Carlos Estevão de Oliveira, do Museu Goeldi.

Outros documentos MSS e relatorios dignos de publicação amarelecem tristonhamente pelos archivos, pelas bibliothecas e pelos cartorios deste vasto Brasil e até Portugal, da Hespanha e da Hollanda, á espera do estudioso que lhes dê vida e os junte á historia social do brasileiro.

A nova collecção do editor José Olympio procurará publicar com annotações de entendidos ou sob a direcção de especialistas — os Taunay, os Theodoro Sampaio, os Pirajá da Silva, os Rodolpho Garcia, os Alberto Rangel, os Noronha Santos, os Alcides Bezerra — o maior numero possivel de documentos desse genero, ajustando-lhes illustrações da epoca e divulgando gravuras antigas, que, por sua vez, documentam phases ou aspectos da nossa formação: a agricultura colonial, a industria do assucar nos primeiros seculos de colonização, o vestuario dos colonos, os estylos de transporte e de moveis do tempo do Imperio, a velha architectura patriarchal e de igreja.

Tambem documentos e estudos sobre os varios traços de influencia estrangeira — franceza, hollandeza, ingleza, allemã — que se encontram em nossa formação social e ethnica.

Serão inda incluidos na collecção de estudos documentados sobre as nossas populações actuaes.

Quer do ponto de vista anthropologico e ethnographico, quer do ponto de vista sociologico, economico, pedagogico.

Inqueritos, pesquizas, sondagens investigações, mappas, perfis sociaes que sirvam á documentação exacta á technica de trabalho, ao genero de habitação, á dieta, aos estylos de vida, ao modo de falar, ao desenvolvimento physico e mental do brasileiro de hoje — o das cidades, o das praias, o dos sertões, o caboclo do extremo Norte, o mestiço, o paulista, o adulto, o escolar, a criança.

Para a apresentação do material dessa natureza contamos com a boa vontade e a collaboração dos nossos pesquizadores mais capazes, todos interessados na maior divulgação de dados colhidos em regiões diversas do Brasil, e sob criterios differentes, mas que esclareçam ou fixem problemas de interesse geral para o nosso paiz e para o nosso tempo.

Estudos como o de Oliveira Vianna sobre os typos ethnicos do Brasil, o professor Mario Marroquim sobre a lingua do Nordeste, o de Olivio Montenegro sobre as tendencias do romance brasileiro, o de Affonso Arinos de Mello Franco sobre o indio.

Inqueritos como o do professor Paula Souza e seus collaboradores Ulhôa Cintra e Pedro Egydio sobre a alimentação em São Paulo.

Investigações como as de Cunha Lopes e de Ulysses Pernambuco sobre os mestiços do Rio de Janeiro e de Pernambuco, do ponto de vista psychiatra.

Como os de Arthur Ramos, Nobrega da Cunha e Edson Carneiro sobre as sobrevivencias africanas na religião do brasileiro da Bahia e do Rio.

Como as de Carlos Estevam de Oliveira sobre a cultura do tapuya.

Como as de Luiz Robalinho sobre o ainhum.

Como as de Bernardelli, as de Leonidio Ribeiro, as de Estevão Pinto.

As do major Alvaro Ferraz, na Brigada Militar de Pernambuco.

As de Ruy Coutinho sobre a alimentação nos internatos do Rio de Janeiro.

As de Luiz Camillo nos archivos mineiros.

As de Severino Sombra nos archivos de Lisboa.

Como as de varios outros pesquisadores conscienciosos.

Alem de traducções de livros de antigos viajantes estrangeiros a que já nos referimos, impõem-se traducções de obras de estrangeiros como Nash, Kock-Grunberg, Guenther, Normano, Deffontaines, Martins, que vêm se occupando do nosso paiz do ponto de vista sociologico, economico, ethnographico, folklorico, ecologico.

E não só utilisando-se das technicas mais modernas nesses differentes estudos, como documentando-os com material escolhido nos archivos ou atravez de difficeis pesquisas de campo.

Ainda neste anno, ou no começo do anno proximo, deve apparecer o estudo sobre o Brasil do pesquizador allemão Rudiger Bilden — trabalho digno de todo o nosso interesse.

Digno de traducção immediatata.

Como digno de traducção immedita será o trabalho do professor Donald Pierson, da Universidade de Chicago, que actualmente estuda problemas de relações de raças e de cultura na Bahia.

Ou o de M. S. Cardoso sobre aspectos da administração colonial do Brasil.

E' com o fim de procurar revelar material tão rico e de um valor tão evidente para a comprehensão e a interpretação do nosso passado, dos nossos antecedentes, da nossa vida em seus aspectos actuaes mais significativos, que apparece esta collecção.

RAIZES DO BRASIL

Por NORTON DE MATOS

Sob êste sugestivo título acabo de lêr um precioso livro do escritor brasileiro Sergio Buarque de Holanda, que, com uma penhorante dedicatória do seu autor, me chegou ás mãos por amiga intervenção da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro.

Pode êste livro considerar-se dividido em duas partes: a maior, que trata do passado em admiráveis quadros—«fronteiras da Europa», «trabalho e aventura», o «passado agrário», o «homem cordial»; a menor, quási escrita a fugir, que nos apresenta o sentir político do Brasil contemporâneo e actual. Todo o meu interêsse se fixou naquêles capítulos que nos descobrem com mão de mestre as «raíses do Brasil», aquilo que até hoje há de eterno na formação e na vida da grande nação sul-americana. O resto—o bacharelismo, os positivistas brasileiros, o romantismo, a mentalidade livresca, o liberalismo, as recentes manifestações fascistas, são coisas que passarão sem deixar vestigios, tacteamentos para encontrar a grande manifestação de vida moderna, que já se advinha no Brasil de hoje.

O que o escritor inclue no capítulo «Nossa Revolução», com o sub título «Transformação da Vida Agrária: a Abolição», quer-me parecer que são coisas do passado, devidas a influências puramente portuguesas e que estavam inteiramente contidas no acto da Independência, ainda que por motivos conhecidos só dezenas de anos depois tiveram a sua consagração legal.

*

Abre o livro com estas para mim tão consoladoras palavras: «Todo o estudo compreensivo da sociedade brasileira há-de destacar o facto verdadeiramente fundamental de constituirmos o esfôrço bem sucedido, e em larga escala, de transplantação da cultura europeia para uma zona de clima tropical e sub-tropical».

Não é esta a obra de Angola?

Todo êste capítulo—«Fronteiras da Europa»—é luminoso na sua forma e na sua essência. Destacam-se no quadro eximio as caracteristicas essenciais que os colonos portugueses levaram para o Brasil: o «desenvolvimento em extremo da cultura da personalidade»; a «impossibilidade de um acôrdo colectivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida»; a «falta de coesão na vida social»; o «vivo sentimento da irracionalidade especifica, da injustiça social dos privilégios, sobretudo dos privilégios hereditários»; o «prestígio pessoal, independente do nome herdado»; a «antipatia pelas teorias negadoras do livre arbítrio»; a falta de espírito de organização expontânea» e consequentemente, a «necessidade de governos que representassem o princípio unificador»; a incompreensão de «uma moral fundada no culto do trabalho».

E o capítulo termina com as seguintes palavras que se ligam às primeiras:

«Nem o contacto e a mistura com as raças aborijenes fizeram-nos tão diferentes dos nossos avós de além-mar como gostariamos de sê-lo. No caso brasileiro, a verdade, por

(Continua na 3.ª página)

RAIZES DO BRASIL

(Continuado da 1.ª página)

menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda nos associa à Peninsula Ibérica, e a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir até hoje uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a **forma** actual de nossa cultura; o resto foi matéria plástica, que se sujeitou mal ou bem a essa forma».

*

Analisa seguidamente o escritor a acção e o esfôrço dos portugueses no Brasil, sob a epigrafe de «trabalho e aventura». Gostoso me seria dar larga conta dêste delicioso capítulo, mas não me sobra o espaço para fazê-lo.

«Pioneiros da conquista do trópico para a civilização, tiveram os portugueses, nessa proeza, a sua maior missão histórica»: eis o têma desta grandiosa sinfonia.

Vem primeiro a afirmação justa, e que tanto me comove pelas recordações que me desperta, de que «essa exploração dos trópicos não se fez por um empreendimento metódico e racionalizado, não emanou de uma vontade construtiva e energica: fez-se antes com desleixo e certo abandono.

Dir-se-ia mesmo que se fez a-pesar-de seus autores. E o reco- com pesar de seus autores. E o reconhecimento dêsse facto não constitue menoscabo à grandeza do esfôrço português».

Que bela resposta aos críticos da nossa obra colonial.

Em que consistiu o nosso primitivo esfôrço colonizador? Vamos procurar isolar as pinceladas fundamentais do quadro. Os colonos do Brasil enquadram melhor no tipo aventureiro do que no tipo do trabalhador. Para o aventureiro (**adventura, advenire**) o principal é o ponto de chegada. «Seu ideal seria colher o fruto sem plantar a árvore. Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a êle em generosa amplitude e onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar êsse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projectos vastos, dos horizontes distantes».

Como isto é bem observado.

Os colonos portugueses não seguiram a «ética do trabalho, adoptaram a «ética da aventura». «Nada lhes parecia mais estupido e mesquinho do que o ideal do trabalhador». O espírito de aventura com tôdas as suas fraquezas teve, com outros factores, «uma influência decisiva na vida nacional do Brasil». Quantas passagens nêste livro me recordam os meus seis anos de Angola. Leia-se isto: «Numa conjunção de factores tão diversos, como as raças que aqui se chocaram, os costumes que nos trouxeram, as condições mesológicas e climatéricas que exigiam longo processo de adaptação, aquêle espírito de aventura foi o elemento orquestrador por excelência. Favoreceu a mobilidade social, estimulou os homens a enfrentarem com denodo as asperezas e as resistências da natureza, criando para êles as condições adequadas a tal emprêsa. E nêsse ponto, precisamente, os portugueses e seus descendentes imediatos foram inexcediveis. procurando recrear aqui o meio da sua origem, fizeram-no com uma destreza que ainda não encontrou segundo exemplo na história».

Como nas colónias de África, os colonizadores portugueses apresentam «outra face bem típica de sua extraordinária plasticidade social—a ausência completa ou práticamente completa, entre êles, de qualquer orgulho de raça».

Falta-me o espaço, tenho de terminar; mas merece êste livro que fala com tanta limpidês de coisas nossas, de coisas por nós tão vívidas e sentidas, um outro artigo.

NORTON DE MATOS

73

"Raizes do Brasil" de Sergio de Holanda inicia a coleção "Estudos Brasileiros" da Livraria José Olimpio Editora.

"O caracteristico mais saliente dos trabalhos a ser publicados nesta coleção será a objetividade" — diz Gilberto Freire, prefaciando o livro "Raizes do Brasil" de Sergio Buarque de Holanda, que inicia a coleção: "Documentos Brasileiros", creada pela livraria José Olimpio Editora. Realmente a caracteristica do livro do jovem escritor paulista no seu atual trabalho, é a objetividade. Nenhuma teoria preestabelecida, nenhuma afirmação a priori. Sempre a pesquisa paciente, a afirmação baseada no fato, confirmada pelo documento. A dedução logica, nascida da interpretação racial, nascinomeno de origem. Estudando em suas minucias mais carateristicas as diversas fases da nossa formação como povo, o sr. Sergio Buarque de Holanda se afirma como um analista perpicaz, um metodico estudioso dos nossos fatos historicos. Do estudo desse fatos é que ele chega á explicação da nossa atual mentalidade, atrayez das diversas etapas da nossa evolução social e politica. Os descobridores, a colonisação, as influencias ortograficas, as formações urbanas, as formações ruraes em suas causas e efeitos, o desenvolvimento economico, assimilação e reação, a formação familiar e formação social, tudo é pesquisado metodicamente, argutamente, para chegar a uma interpretação das mais claras, numa esposição concisa e elegante. Esse trabalho traz uma grande quantidade de esclarecimentos aos estudiosos dos nossos pròblemas, facilitando uma compreensão muito clara da nossa atualidade.

Não é possivel tambem deixar-se de fazer referencia á luxuosa feitura material que a livraria José Olimpio Editora soube dar a esse livro que acaba de sair das suas oficinas. Ela é realmente impecavel.

"Departamento de Publicidade"
(João Pessôa)

(Sem data) — peço carta —

74

LUX JORNAL
RUA BUENOS AIRES, 170
TEL. 43-2688 — RIO
SUCCURSAL
RUA QUITANDA, 30
TEL. 2-1720 — S. PAULO

A NAÇÃO
RIO DE JANEIRO

25 de Novembro 1936

É O JURO QUE A CAIXA ECONOMICA PAGA AOS SEUS DEPOSITANTES EM C/C. DE 2% 0:000$000 DEPOSITOS DESDE

(165)

Documentos brasileiros

Gilberto Freyre

A SERIE que hoje se indica com o trabalho de Sergio Buarque de Hollanda, Raizes do Brasil, vem trazer ao movimento intellectual que agita o nosso paiz, á ansia de introspecção social que é um dos traços mais vivos da nova intelligencia brasileira, uma variedade material, em grande parte ainda virgem.

Desde o invento á biographia; desde o documento em estado quasi bruto á interpretação sociologica em forma de anseio.

O caracteristico mais saliente dos trabalhos a ser publicados nesta collecção será a objectividade.

Animando-a o jovem editor José Olympio mais uma vez se revela bem de sua geração e de seu tempo.

O interesse pela divulgação do novo romance brasileiro elle junta agora o interesse pela divulgação do documento virgem e do estudo documentado que fixe, interprete ou esclareça aspectos significativos da nossa formação ou da nossa actualidade.

Não podia ser mais opportuna nem mais feliz a sua iniciativa.

Quando os organisadores desta collecção foram ainda felizes podendo fazer do trabalho de Sergio Buarque de Hollanda o seu volume numero 1.

O escriptor paulista é uma daquellas intelligencias brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analysar, o gosto de interpretar, a alegria intellectual de esclarecer.

Quando appareceu, ha dez ou doze annos,, ao lado de Prudente de Moraes, neto (Pedro Dantas) — talvez a vocação mais pura de critico que já surgiu entre nós — foi logo revelando as qualidades e o gosto, que agora se affirma victoriosamente.

O editor José Olympio já tem em mãos um grupo de estudos e de ineditos interessantissimos, que vão apparecer nesta serie.

Não se trata de uma aventura editorial, mas de uma collecção planejada e organisada com o maior escrupulo e com todo o vagar, visando corresponder não só ás necessidades do estudioso como á curiosidade intellectual de todo o brasileiro culto pelas coisas e pelo passado de seu paiz.

Dois livros de memorias apparecerão breve na collecção: o de Oliveira Lima e o de Julio Bello.

As memorias de um diplomata e as de um senhor de engenho.

Cada um delles documenta uma phase ou limita um aspecto caracteristico da formação nacional.

Os livros de memorias, as auto-biographias, os diarios de viagem, as correspondencias particulares, os simples "livros de assentos" tem feito e continuam a fazer uma falta enorme aos que procuram conhecer o passado brasileiro na sua maior intimidade.

Já é tempo de se animar a publicação desse genero de documentos.

Tambem vão apparecer na collecção biographias documentadas: uma dellas, a do grande estadista da Regencia que foi Bernardo Pereira de Vasconcellos — trabalho de Octavio Tarquino de Souza.

E pela biographia de Dom Frei Vital, o bispo de Olinda, que enfrentou com tanto ardor orthodoxo as doutrinas regalistas dos estadistas do Imperio, Luiz Cardoso Carneiro Leão promette não fazer esperar muito.

A collecção Documentos Brasileiros se encarregará tambem de divulgar livros de viagens estrangeiros, alguns quasi desconhecidos entre nós.

O de Walsh, por exemplo. E ainda: velhos cadernos e MSS de relatorios de viagens e expedições scientificas.

Relatorios de valor e do interesse do de Alexandre Rodrigues Ferreira, que nos deixou flagrantes tão exactos da vida brasileira no seculo XVIII.

A vida de grupos indigenas no interior. De populações cabocla e mestiças do littoral.

Dos pescadores do pirarucu' na Amazonia.

Para a boa organisação de material tão valioso, que será publicado com as suas illustrações mais caracteristicas, o director da serie já solicitou a collaboração intelligente da professora Heloisa Alberto Torres, do Museu Nacional e da Universidade do Districto Federal; e vai solicitar a de Carlos Estevão de Oliveira, do Museu Goeldi.

Já J. A. Gonçalves de Mello, neto e Manoel Diegues Junior preparam ensaios minuciosos, o primeiro sobre os hollandezes em Pernambuco, o segundo sobre os franceses.

E vai adiantando um trabalho nosso, com a collaboração de J. A. Gonçalves, Mello, neto, sobre os ingleses no Brasil.

Serão inda incluidos na collecção de estudos documentados sobre as nossas populações actuaes.

Quer do ponto de vista anthropologico e ethnographico, quer do ponto de vista sociologico, economico, pedagogico.

Inqueritos, pesquizas, sondagens investigações, mappas, perfis sociaes que sirvam á documentação exacta á technica de trabalho, ao genero de habitação, á dieta, aos estylos de vida, ao modo de falar, ao desenvolvimento physico e mental do brasileiro de hoje — o das cidades, o das praias, o dos sertões, o caboclo do extremo Norte, o mestiço, o paulista, o adulto, o escolar, a criança.

Para a apresentação do material dessa natureza contamos com a boa vontade e a collaboração dos nossos pesquizadores mais capazes, todos interessados na maior divulgação de dados colhidos em regiões diversas do Brasil, e sob criterios differentes, mas que esclareçam ou fixem problemas de interesse geral para o nosso paiz e para o nosso tempo.

Estudos como o de Oliveira Vianna sobre os typos ethnicos do Brasil, o professor Mario Marroquim sobre a lingua do Nordeste, o de Olivio Montenegro sobre as tendencias do romance brasileiro, o de Affonso Arinos de Mello Franco sobre o indio.

Inqueritos como o do professor Paula Souza e seus collaboradores Ulhôa Cintra e Pedro Egydio sobre a alimentação em São Paulo.

Investigações como as de Cunha Lopes e de Ulysses Pernambuco sobre os mestiços do Rio de Janeiro e de Pernambuco, do ponto de vista psychiatra.

Como os de Arthur Ramos, Nobrega da Cunha e Edson Carneiro sobre as sobrevivencias africanas na religião do brasileiro da Bahia e do Rio.

Como as de Carlos Estevam de Oliveira sobre a cultura do tapuya.

Como as de Luiz Robalinho sobre o ainhum.

Como as de Bernardelli, as de Leonidio Ribeiro, as de Estevão Pinto.

As do major Alvaro Ferraz, na Brigada Militar de Pernambuco.

As de Ruy Coutinho sobre a alimentação nos internatos do Rio de Janeiro.

As de Luiz Camillo nos archivos mineiros.

As de Severino Sombra nos archivos de Lisboa.

Como as de varios outros pesquisadores conscienciosos.

Além de traducções de livros de antigos viajantes estrangeiros a que já nos referimos, impõem-se traducções de obras de estrangeiros como Nash, Kock-Grunberg, Guenther, Normano, Deffontaines, Martins, que vêm se occupando do nosso paiz do ponto de vista sociologico, economico, ethnographico, folklorico, ecologico.

E não só utilisando-se das technicas mais modernas nesses differentes estudos, como documentando-os com material escolhido nos archivos ou atravez de difficeis pesquisas de campo.

Ainda neste anno, ou no começo do anno proximo, deve apparecer o estudo sobre o Brasil do pesquizador allemão Rudiger Bilden — trabalho digno de todo o nosso interesse.

Digno de traducção immediatata.

Como digno de traducção immedita será o trabalho do professor Donald Pierson, da Universidade de Chicago, que actualmente estuda problemas de relações de raças e de cultura na Bahia.

Ou o de M. S. Cardoso sobre aspectos da administração colonial do Brasil.

E' com o fim de procurar revelar material tão rico e de um valor tão evidente para a comprehensão e a interpretação do nosso passado, dos nossos antecedentes, da nossa vida em seus aspectos actuaes mais significativos, que apparece esta collecção.

75

LIVROS NOVOS

"Raizes do Brasil" — Sergio Buarque de Hollanda — Liv. José Olympio

Iniciando a publicação da collecção de Estudos Brasileiros, a Livraria José Olympio Editora do Rio de Janeiro de lançar "Raizes do Brasil", de Sergio Buarque de Hollanda.

Prefaciando a obra, o director da collecção, Gilberto Freyre, escreveu que o caracteristico mais saliente dos trabalhos a ser publicados nella será a objectividade.

O livro do jovem escriptor paulista está realmente nessas condições, primando pela pesquiza paciente, a affirmação baseada nos factos, a deducção logica.

O primeiro volume dos "Estudos Brasileiros" está muito bem apresentado.

"Jornal de Alagoas" (Maceió)

de

S. / D.

76

LIVROS NOVOS

Para dar início á anunciada "Coleção Documentos brasileiros" sob a competente direção do grande sociologo patricio, Gilberto Freire a Livraria José Olimpio Editora. houve por bem escolher a obra de Sergio Buarque de Hollanda, "Raizes do Brasil", onde o jovem autor paulista revela-se um profundo conhecedor do assunto, um arguto pesquisador dos fenomenos formadores da nossa nacionalidade.

Remontando á psicologia dos nossos descobridores, aos seus processo de colonisação e de adaptação, em face das reações do ambiente, das influencias interiores e exteriores, consegue, por um claro e metodisado estudo da evolução brasileira, chegar até a explicação lógica de muitas particularidades da nossa psicologia social. desfazendo muitos preconceitos correntes, destruindo algumas teorias, aceitas por varios autores nacionais.

Diz Gilberto Freyre, que Sergio Buarque de Hollanda "é uma daquelas inteligencias brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analisar, o gosto de interpretar, a alegria intelectual de esclarecer".

x

"Gazeta do Povo"
(Curityba)

ole

S/D.

(Pode cortar)

Estudo sobre a obra "Raizes do Brasil"

PORTO, 12 (H.) — O "Primeiro de Janeiro" publica a sequencia do estudo do Sr. Norton de Mattos sobre a obra "Raizes do Brasil" do escriptor brasileiro Sergio Buarque de Hollanda.

O Sr. Norton de Mattos lembra que os brasileiros já discutiram sobre se a colonização hollandeza teria sido preferivel á portugueza.

Na opinião de Norton de Mattos, especialista em questões coloniaes, como antigo commissario geral de Angola, os holladezes teriam feito do Brasil uma colonia prospera, mas não uma nação como o Brasil. E conclue: "As fronteiras desta admiravel nação são, para me servir das palavras de Buarque de Hollanda, as fronteiras da Europa, as nossas fronteira maritimas. As raizes do Brasil estenderam-se sobre o oceano e vieram absorver a seiva nas aldeias de Portugal. O mesmo facto está prestes a dar-se em Angola e assim cumprimos a nossa missão historica".

13-11-38

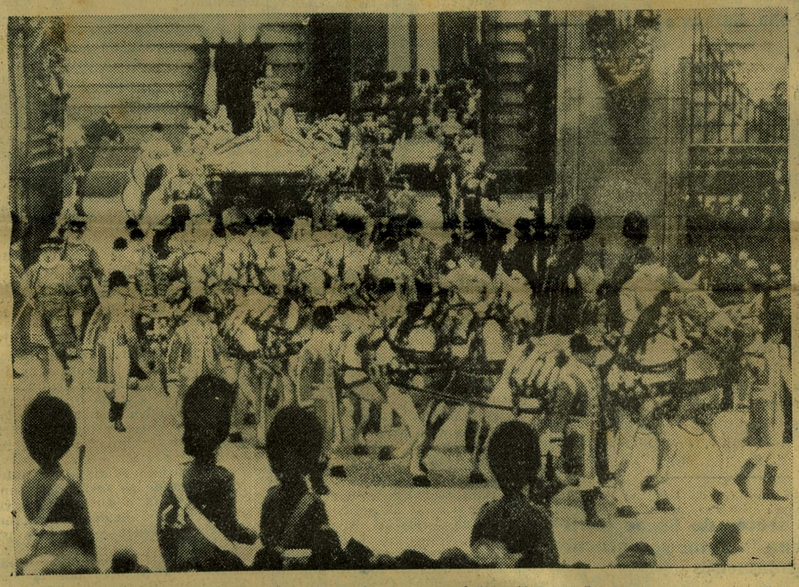
Sábado, 12 de Novembro de 1938

Director: M. Pinto de Azevedo Junior
Redacção, Administração e Oficinas
RUA DE SANTA CATARINA, 324, 326, 326-A
Telefones | Direcção, 2942—Redacção, 2940 | Administração, 2941
Endereço Telegráfico: «JANEIRO» — PORTO
AGENCIA EM LISBOA
Rua do Carmo, 101-2.º (frente ao Rossio)
Telefone: 2 3536
Editor: ANTONIO LOUREIRO DIAS

O PRIMEIRO

Propriedade da Emprêsa «O
Fundador: GASPAR FER

A REABERTURA do Parlamento britânico



O coche-real, conduzindo os soberanos de Inglaterra, sai do palácio de Buckingham em direcção ao Parlamento, aonde se efectuou a sessão soléne da reabertura

RAIZES DO BRASIL

II

Continuemos a lêr, com os meus leitores, as linhas mais essenciais do precioso livro do escritor paulista, sr. Sergio Buarque de Hollanda.

Tem sido muito debatida nos ultimos tempos pelos brasileiros a afirmação aventada de que o tipo de colonização holandesa teria sido mais vantajoso para o Brasil do que o tipo de Colonização portuguesa. Tambem, há tempos, em Angola se falou muito neste assunto, entre indigenas cultos.

A minha opinião, de há muito formada, é que os holandeses teriam feito do Brasil, se o seu domínio se tivesse mantido, uma colónia mais próspera e mais produtériam criado uma nação.

Mas vejamos o que nos diz o sr. Sergio Buarque. Não crê o escritor que tal sistema de colonização fôsse possível. «Aos holandeses sobrava, sem dúvida, espírito de empreendimento metódico e coordenado, capacidade de trabalho e cohesão social, mas faltava-lhe plasticidade». A meu vêr faltava mais alguma cousa, faltavam colonos. A Holanda foi sempre um grande valorisador das terras de álém-mar, um grande organizador do trabalho indigena; nunca foi porém um país colonizador em sentido português.

Critica o escritor os colonos que a Holanda enviou para o Brasil, durante todo o tempo do seu domínio nas terras do nordeste brasileiro: «eram os menos adequados a um país em formação; recrutados entre aventureiros de toda a especie, de todos os países da Europa, homens cansados de perseguições, êles vinham apenas em busca de fortunas impossíveis, sem imaginarem sequer criar raízes na terra».

Mas se a Holanda não tinha outros para enviar.

«População cosmopolita, instável, de carácter predominantemente urbano, essa gente ia apinhar-se no Recife ou na nascente Mauritsstad, que crescia na ilha de Antonio Vaz, estimulando, assim, de modo prematuro, a divisão clássica entre o engenho e a cidade, entre o senhor rural e o mascate, divisão que encheria mais tarde toda a história pernambucana».

Como urbanizadores realizaram verdadeiros prodígios. «Mas o espírito animador dos holandeses, na sua notável empreza colonial, só muito dificilmente transpunha os muros das cidades...» «O esfôrço dos conquistadores batavos limitou-se a erigir uma grandeza de fachada, que só aos incautos podia mascarar a verdadeira, a dura realidade económica em que se debatiam». O Statthalter escrevia de Pernambuco ao Directório da pectos, de alto interesse para nós portugueses, do passado agricola do Brasil e abordo o ultimo dos capitulos que me propuz analizar: «O homem cordial».

Nesta parte do seu livro procura o escritor descortinar o carácter do brasileiro. Julgo que as seguintes palavras reunem a conclusão a que chegou na tarefa dificil de definir as qualidades espirituais que fundamentalmente caracterisam os seus patrícios: «O escritor Ribeiro Couto teve uma expressão feliz, quando disse que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade—daremos ao mundo o «homem cordial». A lhanesa no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão zabadas pelos estrangeiros, nacional. Seria engano supor que, no caso brasileiro, essas virtudes possam significar «boas maneiras», civilidade. São antes de tudo expressões legitimas de um fundo emocional extremamente rico e transbordante».

Terá sido este carácter criado pelo clima tropical e sub-tropical em que vive o brasileiro, pelo isolamento das habitações dos primeiros colonos, que fez considerar a convivência como bem celestial? Creio que sim. No meio colonial de Angola encontrei qualidades semelhantes.

Desta cordialidade do homem resultam para o meio social e político caracteristicas que nos enlevam, e assim o escritor pode dizer no capitulo em que estuda o Brasil moderno: «O Estado, entre nós, de facto, não precisa e não deve ser despótico—o despotismo condiz mal com a doçura do nosso génio—mas necessita de pujança e de compostura, de grandeza e de solicitude, ao mesmo tempo, se quizer adquirir alguma fôrça e tambem essa respeitabilidade que os nossos pais ibéricos nos ensinavam a considerar como a virtude suprema entre todas».

E mais adiante: «Não ambicionamos o prestigio de país conquistador e detestamos notóriamente as soluções violentas. Desejamos ser o povo mais brando e mais comportado do mundo. Pugnamos constantemente pelos principios tidos universalmente como os mais moderados e mais racionais. Fômos das primeiras nações que abolimos a pena de morte em sua legislação, depois de a termos abolido muito antes na prática...»

*

Empreguei horas abençoadas em lêr este livro e em relê-lo para escrever estes dois artigos, e a principal conclusão que dêle tiro, e naturalmente apresento-a com desvanecimento e com orgulho, é que, de todo o mundo, só colonos portugueses poderiam ter criado uma nação como o Brasil. As fronteiras desta admirável nação são, servin-